VANGA –
O SEGREDO
DA
CASSANDRA
BÚLGARA
Nadezhda Dimova
Tradução: Amadeu António
Grok

VANGA

O SEGREDO DO DOM DA CASSANDRA BÚLGARA

Nadezhda Dimova

«Dimova N. Vanga. O Segredo do Dom da Cassandra Búlgara»: Vector; São Petersburgo; 2007 ISBN 5-9684-0580-5

Sinopse

Perguntem a qualquer pessoa: qual dos nossos contemporâneos foi dotado do dom da clarividência, conseguia comunicar com os mortos, prever o futuro sem erro e é uma santa canonizada que viveu na nossa época? Praticamente todos darão a mesma resposta — Baba Vanga!

Sobre Vangelia Gushterova já foram escritos muitos livros, inúmeros políticos e personalidades famosas recorreram a ela em busca de conselho e ajuda. Ao longo da sua longa vida, participou no destino de mais de um milhão de pessoas. Entre esses felizardos esteve também a autora deste livro.

A natureza do espantoso dom da lendária profetisa ainda não foi desvendada por ninguém, embora muitos cientistas, tanto em vida dela como ainda hoje, se debatam com o mistério que ela levou consigo para a sepultura.

Este livro baseia-se em informações recolhidas de uma grande quantidade de fontes orais e escritas.

Nadezhda Dimova Vanga

O Segredo do Dom da Cassandra Búlgara

Qualquer tentativa honesta de penetrar no futuro provavelmente interessará muita gente, mas as pessoas estão mortas de cansas com toda essa agitação científica. Expliquemos menos o “o quê” e o “como”, e contemos simplesmente mais…

John Wyndham

INTRODUÇÃO

Perguntem a qualquer pessoa: qual dos nossos contemporâneos foi dotado do dom da clarividência, conseguia comunicar com os mortos, prever o futuro sem erro e dar conselhos sábios para a cura da alma e do corpo? E, finalmente, quem é uma santa canonizada que viveu na nossa época? Praticamente todos darão a mesma resposta — Baba Vanga!

As lendas e as tradições conservaram relatos de muitas mulheres extraordinárias: profetisas, santas, curandeiras… O fenómeno de Vanga residia no facto de ela não possuir apenas um dom — e isso tornou-a na personagem mais misteriosa e espantosa do nosso tempo.

Sobre Vangelia Gushterova já foram escritos muitos livros, inúmeros políticos e personalidades famosas recorreram a ela em busca de conselho e ajuda. Houve um período em que cerca de trezentas pessoas a visitavam por dia, e ela procurava ajudar cada uma. Ao longo da sua longa vida, participou no destino de mais de um milhão de pessoas.

Entre esses felizardos estivemos também nós: eu — Nadezhda Dimova, a minha mãe — Svetlana Igorevna, e a irmã da minha mãe — a tia Ruslana. Isso aconteceu há quase trinta anos, mas ainda vive na memória cada instante desse encontro, embora eu tivesse apenas nove anos na altura.

Cresci, estudei, casei com um búlgaro e há muitos anos vivo na terra natal de Baba Vanga. Aqui tenho muitos amigos a quem agradeço a ajuda na busca de testemunhas da vida dela e de pacientes que foram por ela beneficiados. A natureza do espantoso dom da lendária profetisa ainda não foi desvendada por ninguém, embora muitos cientistas, tanto em vida dela como ainda hoje, se debatam com o mistério que ela levou consigo.

Eu e o meu marido — ambos psicólogos de formação — há mais de vinte anos que nos interessamos pelo fenómeno Vanga: lemos todos os livros sobre ela, conversámos com muitíssimas pessoas que a conheceram, que a visitaram tanto em Strumica como, mais tarde, em Rupite. Ela não gostava que os visitantes gravassem ou anotassem as conversas, por isso não ficaram muitos testemunhos documentais. Mas existem, e os principais são as memórias das pessoas mais próximas, especialmente de Krasimira Stoyanova, sobrinha de Vanga.

As informações recolhidas de uma grande quantidade de fontes orais e escritas serviram de base a este livro.

COMO TUDO COMEÇOU

Jogos de crianças e nem tanto

Na periferia de uma aldeia búlgara, entre ervas aromáticas e árvores, um grupo de crianças brinca aos médicos.

— Ai, dói-me tanto a perna, quem me cura… — finge coxear e gemer Bogdan.

A primeira a responder é a menina de nove anos Vangelia, de cabelos loiros, olhos azuis, grande sonhadora e inventora:

— O que aconteceu à tua perna?

— Estava a ceifar feno com o pai e cortei-me com a foice — ao mesmo tempo, o rapaz mostra uma ferida inexistente no tornozelo.

— Sim, é grave, mas não te preocupes: arranca trevo, pede à tua mãe que limpe as raízes e as ferva em água. Lava a ferida com o caldo e tudo vai sarar.

— E eu! E eu, olha para mim! Dói-me aqui, pisei um prego sem querer. Também preciso de raiz de trevo, não é, Vanga? — guincha Milka, a melhor amiga da pequena “curandeira”.

— Não, o que serve para o Bogdan não te serve a ti. Somos todos diferentes: o que ajuda um, ajuda outro de forma diferente, e um terceiro de outra ainda.

— Onde foste aprender tudo isso, leste nalgum lado? — admira-se Boyan, um rapazinho moreno de olhos vivos.

— Tu sabes que ainda não sei ler, a tia Asanitsa só me ensinou as letras. Eu vejo as plantas em sonhos: ervas úteis, raízes, flores e raminhos. Elas têm olhos, ouvidos, boca — tudo como nós. Falam comigo, e cada uma conta de que doenças cura as pessoas…

De repente, a menina interrompe o relato:

— O que fizeste, Milka! Para que arrancaste essa flor? Ela está viva, dói-lhe, eu ouço-a chorar!... Bom, tenho de ir para casa, é preciso dar de comer ao gado, lavar a roupa e arrumar a casa.

O grupo, privado da sua líder tão inteligente e sensata, dispersa-se.

Num outro dia de sol, as crianças do bairro voltam a reunir-se à volta da menina.

— Hristo, não vás à noite para perto do barranco, espera-te uma desgraça!

— Ora, que disparate, eu conheço aquilo como as minhas mãos. O que pode acontecer-me?

— Vi em sonho um anjo a voar à tua volta, sussurrava: «Que o Hristo não ande de noite perto do barranco, transmite-lhe as minhas palavras».

O rapaz não deu ouvidos às "histórias" da amiga e, uma noite, junto ao barranco, aconteceu-lhe realmente uma desgraça. Na escuridão viu dois olhos brilhantes e, julgando-os de lobo, tropeçou e caiu num buraco fundo. Hristo não se safou só com o susto: partiu a perna em dois sítios — e que medicina havia numa aldeola remota, todos sabem. Os arranhões e nódoas negras sararam, claro, mas, devido aos ossos que cresceram mal, ficou coxo para sempre.

Depois deste caso, o respeito e até um certo temor por Vanga aumentaram entre os colegas. Começaram a aguardar ansiosamente que a amiga sábia, ocupada com os trabalhos de casa, encontrasse tempo para sair e brincar. As histórias dela cativavam e deixavam os ouvintes boquiabertos.

— Ontem, em sonho, falei com dois anjos e com um ser qualquer. E à volta deles havia muitos outros…

— Quem? Como eram? Como se chamavam? O que disseram? — as crianças, encantadas com tão insólita visão, falavam todas ao mesmo tempo.

— Um chamava-se Petko, o outro Paraskeva. Os outros não sei quem eram. Todos transparentes, sem cabeça nem olhos, só voavam por perto e observavam-me. E os dois anjos tocavam-me constantemente na cara, nos olhos, nas mãos e sussurravam: «prepara-te para mudanças, espera-te um

grande destino». Que pena, acordei e não consegui perguntar-lhes o que de tão extraordinário me espera.

De repente soprou um vento forte e as crianças pensaram que ia haver tempestade.

E, de facto, ao longe via-se um relâmpago rasgar o céu. Mas, tão subitamente como começou, tudo acalmou e eles tranquilizaram-se.

— Olhem para a Vanga! — gritou de repente Milka. — Vangelia, o que tens, adormeceste?

Todos se voltaram para a amiga e ficaram espantados com a mudança que nela ocorrera. A menina empalideceu, abriu muito os olhos e fitava o céu — na direção de onde viera o relâmpago — com um olhar sobrenatural, sem vida. «É ele, ele tocou-me, que asas tão macias, é ele… Ele disse-me que tenho de cumprir uma Missão», era tudo o que sussurrava.

Assim continuou durante alguns minutos; as crianças, assustadas e como que paralisadas, não ousavam dizer-lhe nada. Depois o rosto da menina corou e o olhar voltou ao normal.

As crianças também se acalmaram e começaram a importuná-la com perguntas — quem ela vira, o que lhe acontecera e o que era aquela palavra tão complicada: "missão". A menina, porém, limitou-se a sorrir enigmaticamente e, em seguida, espantou ainda mais os amigos com o seu comportamento. Fechou os olhos azul-claros e começou a tactear o chão à procura de qualquer coisa, como se estivesse cega.

— O que procuras, Vangelia? — ouviram-se as perguntas. — Perdeste alguma coisa?

— O pente caiu-me da cabeça para a relva, tenho de o encontrar, senão o pai zanga-se, não há dinheiro para comprar outro.

— Então abre os olhos e procura, nós todos te ajudamos! Vamos procurar, pessoal — propôs Milka.

— Não, ASSIM vejo melhor, consigo encontrar até o que vocês, mesmo tendo três olhos cada um, não veriam.

Com o tempo, as buscas "às cegas" tornaram-se hábito em Vangelia, e os amigos habituaram-se às excentricidades da amiga. Já sabiam que ela

não era como eles, era especial. Quem mais poderia ser tão bondosa, tão sábia curandeira, quem mais contaria de forma tão fascinante sobre os habitantes do reino celestial?! Vanga falava livremente com eles, conseguia comunicar até com aqueles que já tinham partido deste mundo. Como não se orgulhar de uma amiga assim?!

Contudo, as brincadeiras "cegas" apaixonavam a menina não só na rua, mas também em casa. Quando o pai reparou pela primeira vez que a filha escondera uma colher e depois, de olhos fechados, a procurava por todo o lado, horrorizado pegou no cinto e exigiu que parasse com as loucuras. Mas nem ameaças nem gritos do pai surtiam efeito. A menina ainda com visão — a futura grande vidente Vanga — parecia pressentir o seu difícil e grandioso destino.

Uma Infância Nada Fácil

Na pequena cidade macedónia de Strumica vivia uma família camponesa. Era a mais comum das famílias — nem rica nem pobre. O chefe da casa, Pande Surchev, tratava da horta e dos animais. A sua jovem mulher, Paraskeva, estava grávida, mas continuava a tratar da casa, a limpar com a sogra, a cozinhar — enfim, fazia os afazeres domésticos habituais.

— Descansa um bocadinho, mulher, não vá dar-se o caso de perderes o nosso bebé — preocupava-se Pande.

— Deixa-te disso, o que pode acontecer-me: sou jovem e saudável — afastava as preocupações a futura mãe.

E, de facto, tudo corria bem, nada fazia prever complicações na gravidez. Mas um dia de inverno, num dia claro e gelado, de repente começou a nevar forte, levantou-se um vento violento e, algures ao longe no céu, a leste, brilhou um relâmpago.

— Valha-nos Deus, o que é isto, relâmpago em janeiro, já se viu coisa assim? — lamentava-se a avó.

E então ouviu os gemidos da filha e as queixas de fortes dores. A mãe percebeu que a sua futura neta "batia à porta" do mundo.

Assim, no último dia de janeiro de 1911, nasceu uma criaturinha minúscula — uma menina de sete meses. Os vizinhos vinham felicitar os jovens pais, mas, mal viam a bebé, viravam a cara com lágrimas de pena.

Era franzina, com dedinhos colados nas mãos e nos pés, as orelhas como que pegadas à cabeça. Não tinha forças para chorar, apenas piava fininho, quase inaudível. «Viverá ou não viverá?» — perguntavam-se os pais e a avó.

— Bom, por agora não lhe pomos nome, esperemos pelo que Deus der — dizia a avó, embrulhando a bebé numa tripa de boi e depois numa pele de ovelha. — A minha netinha tem frio, é melhor pô-la mais perto do fogão.

E assim passou o bebé dois meses nesses "cueiros" e junto ao fogão, nos braços carinhosos dos pais e da avó. Mas passaram os dois meses e Deus, visivelmente, teve pena da família: a menina ganhou vida, engordou e começou a chorar alto e exigente, como qualquer bebé normal!

— Agora vai, mãe, à rua e pergunta à primeira pessoa que encontrares como havemos de chamar à nossa menina — pediu Paraskeva.

— Sim, filha, não vamos quebrar a antiga tradição. Como fizeram os nossos antepassados, assim faremos nós.

A primeira mulher que encontrou sugeriu o nome Andromacha. Não agradou à avó, que continuou a perguntar aos transeuntes. O segundo nome — Vangelia — deixou-a satisfeita. Não era para menos: em grego significa "portadora de boa nova".

Voltemos alguns anos atrás para falar do pai da nossa heroína. Pande, ainda jovem, foi combater os turcos e por isso foi condenado a prisão perpétua. Parecia que a vida tinha acabado, mas, felizmente, pouco depois o rapaz foi perdoado. Conheceu Paraskeva e casaram-se. E se ele tivesse ficado na prisão até ao fim dos seus dias? O mundo nunca teria conhecido uma personalidade tão fenomenal como Vanga.

Portanto, um bom espírito pairou durante algum (curto, é verdade) tempo sobre esta família.

A felicidade dos jovens, infelizmente, durou pouco: no segundo parto morre a mãe de Vanga e Pande fica sozinho, com a bebé ao colo. Como irá ela crescer sem mãe? O que a espera, como será o seu destino? — pensava constantemente o viúvo. Mas ele ia dando conta das dificuldades, até porque Vangelia era, para a idade, uma menina muito sensata e independente, e os vizinhos também ajudavam.

Passou-se um ano e eclodiu a Primeira Guerra Mundial. Apesar de ter uma filha pequena, chamaram o pai para o exército búlgaro. A menina foi acolhida por uma vizinha turca bondosa — Asanitsa. Foi ela que lhe ensinou as letras, embora não tenha conseguido ensinar-lhe a ler, pois ela própria mal sabia. Mas todas as guerras acabam mais cedo ou mais tarde; três anos depois regressou Pande.

— Ainda és jovem e bem-parecido, para que ficar sozinho com uma criança de sete anos, casa-te — aconselhavam amigos e vizinhos.

E o conselho caiu em boa altura: Pande casou-se pouco depois com uma rapariga jovem — Tanka Georgieva. A enteada viva, comunicativa e trabalhadora surpreendia Tanka pela sua arrumação, amor à limpeza e à ordem. A menina tomava conta dos gansos, lavava roupa, varria — enfim, tudo fazia quase como adulta. A pequena Vanga, ajudando a madrasta nas lides domésticas, falava longamente dos seus estranhos visions, dos seres celestiais com quem conversava, a tal ponto que nem sempre ela própria distinguia se eram sonhos ou realidade.

A família passou a viver mais ou menos normalmente, até porque Pande conseguiu, com um bom emprego, ganhar um terreno. Mas quando os sérvios chegaram ao poder, lembrando-se das suas ideias rebeldes, tiraram-lhe o terreno e até mantiveram o pai de Vanga na prisão durante algum tempo.

Pande regressou destruído, tanto física como espiritualmente. Não tinha terra, de que viver? O que fazer? Decidiu-se mudar para casa do irmão mais abastado da família — Kosta, em Novo Selo. Juntos, duas famílias talvez conseguissem lidar melhor com a pobreza e as adversidades.

O Tornado

E eis um novo lugar, uma nova aldeia, novos amigos. Já não estavam por perto Milka, Hristo, Mladena… E a menina também já não tinha muito tempo para brincar — aumentaram as tarefas na nova família. Aos dez anos, trabalhava no campo e em casa tão bem como qualquer adulto. O pai servia de pastor para um patrão, tomava conta de ovelhas e cabras; a filha ajudava-o a ele e à madrasta, cuidava do irmãozinho Vasil. Fazia também parte das suas obrigações ir todas as manhãs ao pasto buscar leite. Às vezes acompanhavam-na as filhas do tio Kosta, mas o companheiro constante era o burrico, que seguia obediente a dona, beliscando a erva pelo caminho.

Como havia de ser sem ele — era o burrico que tinha de transportar os dois bidões de leite. A menina ia a caminho, ora cantando uma canção alegre, ora conversando com as plantas.

— Ah, aí estás tu escondido, dente-de-leão, está tão escuro aí, deixa-me arrancar a erva à tua volta.

— Reloginhos, reloginhos, olá! O que estão a sussurrar, não consigo ouvir? — a menina inclinou-se. — Ah, se alguém tem tonturas frequentes, é preciso ferver-vos e lavar a cabeça com o caldo, obrigada, vou lembrar-me!

Nessas conversas e cantorias o caminho até ao pasto parecia muito mais curto. Também nesse dia, como de costume, as duas primas e Vanga regressavam para casa com o burrico carregado. Uma das meninas sugeriu descerem até à fonte «Hannska cheshma» para beberem água. A caminhada longa já os tinha cansado a todos, e as crianças desceram até ao rio. Mas de repente soprou um vento forte, rajado, que em poucos segundos se transformou num autêntico furacão: arrancava árvores com raízes, levantava nuvens de pó misturado com erva arrancada. Ficou escuro como antes de uma tempestade, de repente brilhou um relâmpago e iluminou tudo à volta. As crianças assustadas tentaram fugir, mas o furacão derrubou as primas, e Vanga foi apanhada por um enorme redemoinho de pó, folhas, árvores, terra… Ninguém conseguiu ver para onde aquele terrível pilar a levou, mas a própria menina sentiu que ali, no meio do rugido, alguém lhe acariciou suavemente a face. E ainda se lembrou de um sussurro: «Agora a tua vida vai mudar… Vais cumprir aquilo para que vieste a este mundo…», depois perdeu os sentidos.

Tudo acalmou tão subitamente como começara. As meninas, a tremer de medo, correram para casa:

— Mãe, tia Tanka! A Vanga desapareceu, o tornado levou-a!

Os adultos entraram em pânico e toda a aldeia saiu à procura. Após várias horas, encontraram finalmente a menina num campo, a dois quilómetros do local do sucedido, debaixo de um monte de ramos, pedras e torrões de terra. Os olhos estavam tão cheios de areia e terra que não se conseguia perceber de que cor eram. Dói-lhe terrivelmente a cabeça, e o seu aspeto meio enlouquecido e o comportamento estranho assustaram a

família: não reconhecia ninguém, não percebia onde estava, apenas repetia sem parar:

— Eles, eles… vieram ter comigo, falaram comigo.

— Quem, filhinha? — perguntou Tanka com ternura.

Mas Vanga já não conseguiu dizer mais nada e desmaiou.

A madrasta e outras parentes começaram imediatamente a lavar-lhe os olhos, a fazer compressas de folhas de tanchagem, a aplicar pomadas caseiras, mas nada ajudava: pouco depois os olhos ficaram vermelhos e começaram gradualmente a cobrir-se de uma película branca. «Não, temos de ir ao médico», decidiram em conselho de família. Pande, juntamente com o irmão, levou a menina numa carroça até à cidade de Skopje. O diagnóstico dos médicos foi inequívoco: «É necessária uma operação.» Fizeram não uma, mas duas operações, sem sucesso; a visão deteriorava-se rapidamente. Aconselharam que se dirigissem a Belgrado, lá os médicos eram outros e a medicina mais avançada. Os pais, pedindo dinheiro emprestado, levaram a filha até lá. Os médicos prometeram fazer a operação por quinhentos levs. O pai suplicava aos médicos da capital que tivessem pena da família em dificuldades, a mãe chorava e prometia rezar por eles toda a vida, mas os médicos foram inflexíveis. É verdade que concordaram em baixar duzentos levs. Mas mesmo o valor restante era incomportável para os pobres, e regressaram a casa, recebendo no adeus o conselho:

— Alimentem bem a criança, não a sobrecarreguem com trabalhos domésticos. Que durma mais e passeie ao ar livre.

A visão caía a olhos vistos; se no início Vanga ainda distinguia luz e escuridão, silhuetas de pessoas e animais, pouco depois só tinha diante dos olhos um véu negro sem fim. Os claros olhos azuis da futura vidente deixaram para sempre de ver. Como chorou, como implorou aos santos com quem já se tinha tornado amiga em sonhos que lhe devolvessem a visão, que abrissem os seus olhinhos azuis, mas nada nem ninguém já podia ajudar! Embora houvesse ajuda — mas de que tipo! Tanto a própria vítima como a família, o país e o mundo inteiro só o souberam muito mais tarde…

Claro que a menina trabalhadora não conseguia ficar de braços cruzados; tricotava bem, sabia costurar e, já cega, bordava guardanapos de memória e tricotava cachecóis, meias e luvas para os vizinhos… De boa alimentação, evidentemente, não havia hipótese. A família voltara a crescer e não chegava comida para os mais pequenos. A subnutrição era constante, tanto nas crianças como nos adultos.

É curioso notar que a catástrofe natural que se abateu sobre Vanga foi uma surpresa total até para os mais velhos: nem antes nem depois do caso dela houve jamais naquelas paragens um furacão, muito menos um tornado.

Um destino cruel coube à nossa heroína e, embora as suas desgraças não terminassem aí, concordemos que a perda da visão é uma das maiores tragédias. Ainda assim, quem sabe, talvez tenha sido exatamente por isso que as Forças Superiores lhe tiraram a visão comum e necessária a nós, simples mortais, para lhe dar outra que a ciência ainda não consegue compreender?

Amor puro e inocente

E assim vivia a futura vidente: cuidava dos irmãos mais novos, dos animais, varria o pátio, limpava todos os utensílios da casa. Nunca ficava de braços cruzados e gostava que cada coisa tivesse o seu lugar.

Continuava a tricotar e a costurar para os vizinhos, alegrando-se por ajudar, mesmo que fosse pouco, a família. Os vizinhos também não eram ricos, mas, penalizados com a menina cega e admirados com os belos padrões nos lençóis ou com um bom casaco tricotado, traziam à casa dos Surchev o que podiam: uns ovitos, cinco ou seis batatas, um jarro de leite. Às vezes traziam lã de ovelha ou de cabra, e então Vanga podia fiar e tricotar roupa também para a própria família.

Mas os tempos tornaram-se muito difíceis: Pande continuava a trabalhar como pastor para um patrão, Tanka tomava conta das crianças. A mulher boa (e não má, como acontece muitas vezes nos contos) que verdadeiramente gostava da menina, reparou que ela por vezes como que adormecia em pé e depois dizia coisas que ninguém poderia saber.

— Vanga, filhinha, o que tens, porque estás a dormir sentada, deita-te, eu sei como estás cansada.

— Não, mãe, nem estou cansada, simplesmente ELES vieram ter comigo e falam comigo… Contam-me tudo sobre ti, sobre o pai, sobre todos nós. Sei, por exemplo, que não deves ter mais filhos, a minha mãe morreu por causa disso, o mesmo destino espera-te a ti.

— Mas quem são eles, filha, como são, de onde vieram? — admirava-se Tanka.

— Não, mãezinha, eles não me deixaram contar.

Com o tempo, Pande, Tanka, os parentes e os vizinhos convenceram-se ainda mais de que a menina era especial, mesmo sendo cega.

— Vamos mandá-la para uma escola de cegos, aprender a ler e a escrever — sugeriu a madrasta.

— É uma boa ideia: ela é tão esperta, talvez ainda nos venha a ensinar. E um boca a menos, bem sabes o peso que é para nós.

E assim, com quase quinze anos, a nossa heroína entrou numa escola especial para crianças e adolescentes cegos. Oh, quantos companheiros de infortúnio havia ali, e de alguma forma ela acabou por ser a principal entre eles. Não era para menos: tão sensata e contava de forma tão fascinante sobre plantas, animais, anjos e outros seres celestiais com quem ela, ao contrário dos outros, conversava sem dificuldade. Na escola, Vanga aprendeu o braille, a tocar piano, aperfeiçoou a arte do tricô e do bordado.

Como sempre, à noite, antes de dormir, um grupo de novos amigos reunia-se à volta de Vangelia.

— Arranja-me o colarinho, está torto — sussurrou baixinho à sua contemporânea, a morena Lila.

— Ai, obrigada, mas… como… como soubeste?... — de espanto, Lila não encontrou palavras.

Casos deste tipo aconteciam com frequência e, pouco a pouco, os colegas deixaram de se surpreender. Até se orgulhavam de Vanga e contavam aos familiares as suas capacidades extraordinárias. Passaram-se dois anos. Um dia juntou-se ao grupo Dimitar, um rapaz simpático, loiro, também cego como todos naquele lugar. Logo reparou nas histórias interessantes da jovem Vanga. Aos poucos, os jovens aproximaram-se e começaram a procurar a companhia um do outro.

— Que bonito és tu, Mitko! E tens os cabelos dourados, como uma espiga de trigo! — e a rapariga tocou timidamente com as pontas dos dedos na cabeleira do rapaz.

— Ora, que disparate! — envergonhou-se o jovem. — E como sabes tu que cabelos tenho?

— Não, meu amigo, eu vejo e sei muito mais do que tu ou os outros que vivem connosco. Sei, por exemplo, que a tua irmã mais velha é casada com um bêbado e arruaceiro, sofre com ele há sete anos, mas quer ter um filho dele. Pois bem, transmite à família: se ele deixar de beber, o filho aparecerá; se não deixar, ela continuará "vazia".

Dimitar ficou atónito com o que ouviu: era exatamente assim. A mãe e a irmã visitavam-no muitas vezes na casa dos cegos e contavam-lhe como Boris (era o nome do marido da irmã) as atormentava com as bebedeiras.

Passados alguns meses, Mitko e Vanga tornaram-se inseparáveis. Vanga aperfeiçoara o tricô e a costura, aprendera também tecelagem. E, descobrindo um ouvido musical perfeito, tocava piano; além disso tinha uma voz bonita e, juntos, Mitko e ela formavam um bom dueto que toda a casa dos cegos se reunia para ouvir. Como se pode imaginar, esta amizade transformou-se em amor, e Dimitar pediu a mão da amada.

O noivo comunicou à família a sua decisão; eles não se opuseram, antes pelo contrário, alegraram-se: que mulher com visão o aceitaria, e Vanga era cega como ele, e ainda por cima inteligente, bonita, arrumada e bondosa. Faltava só informar o pai da noiva e pedir a sua bênção.

A rapariga já se imaginava de vestido de noiva, sonhava com uma família sólida e unida, com filhos e felicidade ao lado do amado. Mas os sonhos que tinha enquanto esperava a resposta eram maus. Os anjos, habitualmente bondosos e transparentes, tornaram-se negros e falavam de forma triste e melancólica: «Não… não… não esperes…» Como sempre, o que via em sonhos realizou-se. Em vez de bênção, Vanga recebeu de Pande uma curta mensagem: «Larga tudo e vem para casa. A Tanka morreu. Precisamos de ti aqui».

Não é difícil imaginar a dor e o desespero dos enamorados, mas Vanga nem por um segundo duvidou de que estava a fazer o correto. O seu lugar era ali, com a família; tinha de criar o Vasil de seis anos, o Tome e a

irmãzinha ainda bebé, Lyubka. Não havia tempo para longos adeuses, e Vanga partiu para casa.

O DOM GANHA FORÇA

O ORÁCULO CEGO

As capacidades extraordinárias da nossa heroína chamavam a atenção desde a infância. Sonhos proféticos estranhos, comunicação com animais e plantas, a capacidade de, sendo cega, "ver" muitas coisas. Não é de excluir que a própria menina, inconscientemente, desenvolvesse o dom que lhe fora dado de cima. Lembremo-nos, por exemplo, das suas brincadeiras "às cegas", quando fechava os olhos e procurava objetos escondidos.

Ao regressar da escola, a rapariga, que nunca gostava de estar de braços cruzados, pôs mãos à obra com redobrada energia para arranjar a casa. Os mais novos precisavam de cuidados e atenção, e sobretudo de comida. Vanga dava conta do trabalho mais pesado, resignada com a perda do amor e sem esperar mais alegrias da vida.

O pai, que passava os dias a pastorear gado alheio, chegou uma noite a casa abatido. Ainda não dissera uma palavra e já a filha mais velha se preocupou:

— Pai, o que aconteceu? Tiveste problemas?

Pande, já habituado à singularidade de Vanga, não se admirou e contou que desaparecera uma ovelha do seu rebanho. Conhecendo o génio do patrão, temia que o despedisse.

— Essa desgraça tem remédio. Não te aflijas, pai! Vai antes à aldeia de Monospitovo, procura lá o Atanas. E para não andares muito à procura, repara: à esquerda do carvalho velho há uma casita rebocada, no portão estão pendurados quatro cântaros de leite. Há um cão no pátio, mas não tenhas medo, não te morde. Entra sem receio e vai buscar o que é teu.

Pande ficou sem palavras de espanto: nunca tinha estado naquela aldeola, nem conhecia Atanas. Mas decidiu que já nada tinha a perder e foi a Monospitovo. Tudo era exatamente como a filha descrevera — o carvalho, o cão, os cântaros… E o mais importante: a ovelha estava mesmo

com aquele ladrão! Ao regressar, perguntou à filha como soubera onde estava o animal perdido, e ela respondeu que o vira em sonho.

Ninguém, claro, levava na altura um diário do que Vanga sonhava, do que se realizava, de quem os seus prognósticos ajudavam. O dom ganhava força de ano para ano — começaram a reparar nisso não só os familiares, mas também os vizinhos da aldeia.

Em algumas regiões da Bulgária havia um costume curioso. Na véspera do dia de São Jorge (6 de maio), as raparigas deitavam num jarro de barro para vinho — uma delva — pedacinhos de madeira, lenços, raminhos… De manhã tiravam-nos um a um, e a vidente tinha de prever, por eles, qual das raparigas encontraria o amor nesse ano, quem casaria, quem, pelo contrário, ficaria ainda "sozinha como um cuco".

Como a mais velha e mais sábia, escolhiam Vanga para oráculo. A delva era colocada no pátio dela, sempre limpo e cheio do aroma de flores e plantas perfumadas.

— Slavka, não contes com a felicidade com o teu namorado: ele vai mudar-se em breve para junto da irmã, para terras distantes, e vão separar-se.

— E tu, Milana, estás a desprezar o Zdravko em vão. Ele é o teu destino.

— Tem cuidado com a tua mãe, Lyudmila: não vá acontecer-lhe alguma coisa, depois arrepender-te-ás de não a teres ajudado.

No início as raparigas não acreditavam muito na vidente, mas com o tempo tornou-se claro — o que ela dizia realizava-se. Um caso revelador foi o do dia dos quarenta mártires: as raparigas colocavam ramos atravessados no regato, construindo assim uma "ponte".

Segundo a crença, cada uma veria à noite, em sonho, o seu eleito, que deveria atravessar a ponte do outro lado para este. De manhã, as raparigas iam ter com Vanga, e ela contava a cada uma o seu sonho, até aos mais pequenos pormenores! Ninguém tentava compreender ou explicar as capacidades extraordinárias da amiga mais velha. Sabiam apenas: se ela profetiza, realiza-se.

Naquela época, as pessoas já começaram a procurar Vangelia também como curandeira de males da alma e do corpo. Ela própria se chamava

“vrachka” (curandeira em búlgaro) e recomendava a cada um o seu tratamento. «Quantas pessoas, tantas doenças, e cada um tem de ser tratado de maneira diferente. Não há dois organismos iguais», era a opinião da “vrachka”.

Com uma intuição inexplicável e espantosa, a mulher que não tinha não só formação médica, mas qualquer formação, conseguia determinar que erva ajudaria em cada caso concreto. Por exemplo, um vizinho recorreu a ela queixando-se do comportamento da mulher. Dizia que ela se tornara nervosa, irritável, a cada observação quase se atirava à família com os punhos.

— A tua mulher está a começar uma doença mental! Devias ter vindo ter comigo mais cedo. Mas ainda não é tarde: reparaste na erva que cresce junto ao rio, perto da tua casa? Arranca bastante, ferve em água, acrescenta um pouco de leite e lava-a da cabeça aos pés. Ela acalmar-se-á e aos poucos curar-se-á.

E assim aconteceu; o vizinho não sabia como agradecer à sábia conselheira.

Mas ainda quase ninguém levava a sério as capacidades de Vanga, e ela continuava a ganhar a vida com tricô, costura e tecelagem, que aprendera na casa dos cegos. A pobreza era terrível, mas Vanga não se queixava do destino; sabia que a irmã Lyubka e os irmãos não tinham mais ninguém em quem confiar além dela. A superar as dificuldades da vida ajudavam-na, como antes, os anjos com quem conversava em sonhos.

E eis que nova desgraça caiu sobre a família: durante o terramoto de 1929, a frágil casita deles desabou. O pai, como pôde, juntou com os restos uma barraca minúscula onde passaram a viver Vanga e Lyubka. O próprio Pande, com os dois filhos pequenos, voltou a servir de criado.

«Tens de cumprir a missão!»

Passavam os anos. A irmã Lyubka crescia, Vanga tratava da casa e dos trabalhos manuais. Continuavam a visitá-la em sonhos seres celestiais, que mantinham conversas interessantes com ela. Mas algum tempo depois, a futura vidente começou a comunicar-se com seres misteriosos não só no sono, mas também… acordada. Assim, em 1939, num dia claro e

solarengo, enquanto cuidava das flores no pátio, ouviu de repente um trovão.

Escutou: não, não devia haver tempestade, então de onde vinham aqueles trovões? Mas não havia tempo para pensar muito: era preciso preparar comida para ela e para Lyubka, e já estava na hora de acabar de tricotar a toalha de mesa.

Com a visão interior, a rapariga viu um relâmpago brilhar no lado leste e depois ouviu uma voz mesmo ao seu lado:

— Finalmente cheguei até ti, Vangelia, não tenhas medo de mim.

— Quem és tu, bom homem? E como sabes o meu nome? Vejo que vestes roupas brancas. Está tanto pó no pátio, não tens medo de as sujar? Se quiseres, eu lavo-tas.

— Obrigado, minha querida. Mas eu não sou homem, sou João Batista. Vim recordar-te a tua Missão. Tu sabes para que vieste a este mundo — ajudar as pessoas a suportar as dificuldades da vida, curá-las e prever acontecimentos.

Saibas que amanhã começa a guerra; muitos dos teus conterrâneos irão para a frente, os familiares enlouquecerão de incerteza. E serás exatamente tu a aliviar-lhes o sofrimento, a dizer quem está vivo e quem não está. Não sentes tu própria que és capaz disso?

— Claro que sinto, e há muito tempo, João. Mas é uma grande responsabilidade; e se me enganar numa coisa tão séria?

— Não tenhas medo, tudo o que disseres realizar-se-á. Eu não te abandonarei, estarei sempre ao teu lado e ajudarei se for preciso.

No dia seguinte, de facto, começou a guerra. Durante um curto período de tempo, a vidente recebeu outras visões não menos interessantes. Um visitante especialmente frequente era um cavaleiro num cavalo branco. Em janeiro de 1941, as irmãs estavam na cabana; Vanga tricotava, Lyubka fiava. De repente ouviram o galope de um cavalo e, segundos depois, a casa iluminou-se com uma luz divina. «Ai, que relâmpago forte», pensou a mais nova. Mas não era um relâmpago, era… um homem. Tinha o rosto luminoso e parecia um guerreiro antigo. A roupa era dourada, como se tecida de brocado. As raparigas ficaram ofuscadas não só pelo brilho que

dele emanava, mas também pela sua beleza sobrenatural. O desconhecido falou com uma voz forte e bela:

— Olá, irmãs. Vanga, vim ter contigo. Sabes que o mundo em breve vai virar-se do avesso, muita gente morrerá. Está na hora de começares a cumprir a tua Missão — aquilo que te foi destinado lá de cima: contar a quem precisa tudo o que vês. Estarei sempre contigo e apoiar-te-ei. E se no início te for difícil, eu próprio te direi o que deves dizer. Só não saias daqui, fica onde estás, aconteça o que acontecer!

Com estas palavras o cavaleiro partiu, mas nem Vanga nem Lyubka conseguiram acalmar-se durante muito tempo; tremiam de nervosismo e ambas compreenderam que tinham tocado em algo muito importante, interessante e misterioso.

Sob a impressão da visita insólita, não conseguiram dormir toda a noite. Recordaram a lenda contada pelos mais velhos: naquela região estava enterrada uma estátua de ouro de um cavaleiro em tamanho real. Para uns era a estátua de São Constantino, para outros a do deus trácio Heros.

E pouco depois aconteceu o seguinte. As irmãs iam muitas vezes à fonte fora da aldeia buscar água. Uma vez Lyubka enchia os cântaros e Vanga sentou-se numa pedra, como sempre, absorta nos seus pensamentos.

— Mana, vamos embora. Aqui tens o teu cântaro!

Mas ela não prestava atenção às palavras e continuava sentada, desligada do mundo exterior. O rosto tornou-se inspirado, parecia escutar algo e até mexia os lábios, respondendo a palavras que Lyubka não ouvia. Nem os toques da irmã mais nova nem os pedidos para pegar no cântaro e irem embora surtiam efeito. Lyubka, embora já habituada às excentricidades da irmã, assustou-se e pôs-se a chorar. Mas poucos minutos depois Vanga levantou-se inesperadamente, pegou na sua carga e disse:

— Pronto, agora vamos. De que te assustaste? Estive a conversar com o cavaleiro, parecido com aquele que veio ter connosco há pouco, lembras-te? Ele parou junto à fonte para dar de beber ao cavalo, e tu estavas a encher os cântaros, mas ele esperou pacientemente que acabasses. Ele sabia que tu não o vias. Entretanto, falámos. O cavaleiro explicou-me que há no mundo muitas ervas de que até os médicos não sabem e consideram inúteis ou prejudiciais. Mas não existe planta que não traga benefício às pessoas.

Só com as venenosas é preciso ter cuidado e usá-las rigorosamente segundo as regras; então o tratamento dará resultado.

O que ouviu, longe de acalmar Lyubka, deixou-a ainda mais confusa. Olhou atentamente a erva à procura de pelo menos marcas de cascos, mas não encontrou nada — a erva estava intacta e também não se via nenhum cavaleiro a afastar-se pelo campo aberto.

O cavaleiro apareceu várias vezes a Vanga, mas Lyubka nunca mais o viu. Interessava-lhe apenas a futura vidente e só com ela falava sobre a necessidade de começar a fazer aquilo para que nascera — prever o futuro.

Os primeiros prognósticos

Pouco antes do início da guerra, Vanga, depois de ficar descalça ao frio na fila para receber ajuda aos pobres, apanhou uma forte constipação. Os vizinhos chamaram o médico; diagnosticou pleurisia, receitou medicamentos. Durante muito tempo esteve entre a vida e a morte; o tratamento não fazia efeito e, por fim, o médico anunciou ao pai, à irmã e aos irmãos que não havia esperança de recuperação. A família e os vizinhos, que verdadeiramente gostavam da bondosa rapariga, começaram a juntar dinheiro para o funeral. Chamaram o padre para o ofício fúnebre, pois a doente estava inconsciente e parecia já quase não respirar. Mal o padre começou a cantar os salmos, a moribunda… levantou-se e, como se nada fosse, pegou na vassoura e foi varrer o pátio. A notícia de tal milagre espalhou-se rapidamente pela aldeia. Aliás, muitos nem se admiraram: já tinham reparado que Vanga não era como os outros.

E em novembro de 1940 morreu Pande de gangrena, deixando os filhos órfãos de todo.

A 6 de abril de 1941, as tropas alemãs atravessaram a fronteira jugoslava. O acontecimento causou pânico entre os vizinhos; muitos esconderam-se em caves e outros locais seguros. Os irmãos de Vanga continuavam a trabalhar como criados, e as irmãs não saíram de casa. A mais velha lembrava-se da ordem dos seus interlocutores misteriosos: «Fica aqui».

Dois dias depois, os vizinhos regressaram. Decidiram ver como estavam as irmãs, se lhes acontecera algo. A 9 de abril, ao visitarem a

cabana, as vizinhas ficaram petrificadas com o que viram. Eis como Krasimira Stoyanova descreve a transformação da tia:

«Na pequena divisão, Vanga estava de pé num canto, sob uma candeia acesa, e falava com voz forte e sonora. Estava muito magra, parecia excitada. O seu vestido desbotado, costurado e recosturado várias vezes, já largo, não conseguia esconder a enorme tensão do corpo. Dos olhos cegos emanava vazio, mas o rosto mudara tanto, tornara-se tão inspirado e elevado que parecia irradiar luz. E ela falava, falava… Dos seus lábios saía outra voz, que com espantosa precisão designava localidades e acontecimentos, nomes de homens mobilizados que ou regressariam vivos ou sofreriam uma desgraça… Isso durou muitos dias, e ela quase não dormiu durante um ano inteiro. O aspeto de Vanga era tão impressionante que as pessoas sentiam vontade de se ajoelhar diante dela. Os homens de quem ela dizia que regressariam voltavam realmente no prazo indicado.»

A partir daí, a fama de Vanga espalhou-se não só como excelente "vrachka", mas também como vidente. Quase não dormiu durante um ano, não recusava ajuda a ninguém e chamava-se a si mesma "a porta para o outro mundo". Quando lhe perguntavam donde sabia quem voltaria vivo da guerra e quem não, respondia que uma voz lhe ditava as palavras certas. Ao mesmo tempo, abria-se-lhe na cabeça como que uma janelinha onde, como num filme, via cenas do passado, presente e futuro da pessoa que vinha com uma pergunta.

O enorme poder profético, o talento de vidente e curandeira desabrocharam em pleno durante a Segunda Guerra Mundial. De todos os cantos do país acorriam sofredores preocupados com o desconhecido. Uns consolava: «Não te preocupes, o teu filho volta vivo»; outros, infelizmente, não podia animar: «Deus quis levar o teu marido para junto de Si. Coragem! Só te posso dizer onde poderás encontrar a sepultura dele depois da guerra».

Ninguém se lembrava de um único caso em que os prognósticos não se realizassem. Uma pessoa fraca, após falar com a vidente, saía com asas, cheia de fé nas Forças Superiores e nas próprias forças; o desesperado recebia esperança; o doente, cura. Vanga curava, como antes, com plantas, cera de abelha, argila, e o tratamento dava, senão cura total, pelo menos melhoria. Para cada um tinha a palavra certa e a ninguém recusava ajuda. «Lembro-me das palavras de João e do cavaleiro, que tenho de cumprir a

Missão; como posso recusar àqueles a quem devo ajudar?» — com estes pensamentos levantava-se ao amanhecer e deitava-se muito depois da meia-noite.

Logo no início da guerra desapareceu sem deixar rasto um conterrâneo de Vanga — Hristo Prchanov. A mãe e a noiva do jovem vieram ter com a vidente para saber do seu destino.

— Esperem, ele está vivo, mas voltará tarde! Mas tem cuidado, mãe, pode acontecer uma desgraça!

O coração de mãe palpitou de alegria, e a desgraça, parecia-lhe, não aconteceria; o importante era que o filho estava vivo! A noiva, porém, não acreditou no prognóstico feliz e, após esperar um pouco, decidiu: «Até quando hei de esperar que ele volte?! A juventude passa, e aparece um bom pretendente».

Pouco depois, Pavlina casou com outro. Um ano mais tarde, foi com o marido ao mercado e… não acreditou nos próprios olhos: vinha na sua direção Hristo! A jovem desmaiou, e a mãe, correndo para o filho, morreu ali mesmo de ataque cardíaco.

O irmão de Vanga, Vasil, não pôde ficar à margem dos acontecimentos da guerra. Como outrora o pai, entrou num destacamento partidário.

— Não vás, irmãozinho, vejo que morrerás aos 23 anos! — chorava Vanga.

— Como hei de ficar em casa quando o meu povo luta? Não tentes convencer-me, de qualquer modo vou para os partidários.

— Então pelo menos tem cuidado, protege-te!

Mas, muito provavelmente, a irmã amorosa dizia-lhe aquilo apenas para o tranquilizar: ela sabia com certeza que nunca mais o veria vivo. Nesse mesmo ano, poucos meses depois, caiu prisioneiro. A 8 de outubro, como comandante de um grupo de sapadores, fez explodir uma ponte por onde deviam passar os carrascos alemães. Após a explosão, o rapaz escondeu-se em casa de um habitante da aldeia. Os fascistas não sabiam quem lhes causara aquele dano e, para intimidar, fizeram reféns todos os habitantes da aldeia, incluindo Vasil. As pessoas fechadas na igreja ouviram:

— Se o sabotador não se entregar, fuzilamo-vos a todos. Esperamos exatamente uma hora.

Então Vasil disse que fora ele sozinho quem explodira a ponte e exigiu que libertassem as pessoas, pois elas não tinham culpa. Os fascistas começaram a torturá-lo cruelmente à frente de toda a aldeia: queimavam-lhe o corpo com ferro em brasa, cortavam-lhe bocados de carne. Já meio morto, fuzilaram-no à frente de todos. Aconteceu a 8 de outubro, no dia do seu aniversário: Vasil completava 23 anos.

Outro caso revelador: o marido da vizinha Milan Partenov já combatia há muito, mas há quatro meses não havia notícias dele.

— O meu coração pressente que o meu Milan já não está vivo. E como ficarei eu sozinha com quatro crianças pequeninas — chorava e lamentava-se a mulher.

— Acalma-te, Milana, para de chorar. Vai antes ao rio, toma banho, lava a cabeça, veste um vestido limpo.

— Para quê, para quem sirvo eu agora, e não estou para isso; tenho de pensar como hei de criar os órfãos — não se calava a mulher.

— Espera, ainda não te disse tudo. Depois de te arranjares, prepara o jantar e tira do armário roupa limpa para o Milan. Ele está escondido num barranco e à noitinha virá a casa só de roupa interior.

Milana não acreditou muito, mas fez como Vanga aconselhara.

Sem esperar pelo marido, deitou as crianças e adormeceu. De repente, já de madrugada, bateram na janela. À porta estava Milan, magro, de roupa interior rota. Tinha tanta fome que comia tudo o que a mulher lhe punha à frente, sem escolher. Contou que fugira do cativeiro e, com medo de uma emboscada, decidira arriscar a fuga no último momento.

A 8 de abril de 1942, uma conhecida das irmãs disse que um senhor muito importante, alto funcionário, ia consultar Vanga. O nome mantinha-se em segredo. E pouco depois a mulher trouxe o visitante. Parecia cansado, um pouco flácido, a cabeça brilhava com a calvície.

— Poderia, estimada Vanga, dedicar-me um pouco da sua atenção?

— Tenho muito gosto que tu, rei búlgaro Boris III, tenhas honrado a minha pobre casa. Mas não te posso dar boas notícias.

— Como assim, se o teu nome significa “portadora de boa nova”?

— Portadora, sim, mas não para qualquer um. Agora o teu reino é grande, mas prepara-te para que volte a caber numa casca de noz. E nunca te esqueças da data 28 de agosto!

Exatamente um ano depois, a 28 de agosto, o rei Boris morreu.

Claro que exemplos tão extraordinários de profecia eram vistos por todos os que conheciam o dom de Vanga como um milagre. Uns, atónitos e desconcertados, ajoelhavam-se diante da vidente; outros beijavam-lhe as mãos; outros prometiam rezar pela sua saúde toda a vida. Mas tanto no início do caminho profético como mais tarde, quando alcançou fama mundial, havia pessoas que consideravam a profetisa uma bruxa, um canal das forças das trevas, uma emissária do diabo. Mas disso falaremos num dos capítulos finais do nosso livro; por agora, continuemos o relato do caminho espinhoso da nossa heroína.

«Mulher, para de profetizar!»

No auge da guerra, na família do soldado de 23 anos das tropas de intendência Dimitar Gushterov aconteceu uma grande desgraça. Roubaram e assassinaram o irmão. A mulher, doente de tuberculose, ficou sozinha com três crianças ao colo. «Tenho de encontrar os assassinos e vingar-me deles; não posso deixar o caso assim, tenho de ir até ao fim. O mal deve ser castigado», pensava o rapaz de 23 anos. Já ouvira falar da prodigiosa vidente Vangelia, que conseguia localizar qualquer pessoa e dava sempre conselhos sábios. E o jovem dirigiu-se a ela. Mas não se atreveu a entrar logo; andava de um lado para o outro em frente à casa, provavelmente a matutar planos de vingança contra os assassinos do irmão. Ou talvez pressentisse que aquele encontro era fatídico e estivesse nervoso. Fosse como fosse, Vanga saiu ao seu encontro.

— Olá, Dimitar, entra em casa. Sei por que vieste. Queres que eu diga os nomes dos assassinos do teu irmão. Farei isso mais tarde, mas com uma condição: que não te vingues. Deus castigá-los-á, e tu próprio serás testemunha do fim deles. E mais te digo… Mas não, por agora não. Em breve saberás tu mesmo.

Admirado e intrigado, o soldado voltou para casa, mas os pensamentos sobre a profetisa cega visitavam-no cada vez mais: «Que

pretexto hei de inventar para voltar a vê-la? Ora, vá lá, vou, e no caminho hei de pensar em qualquer coisa».

— Vanga, vim outra vez ter contigo. Desapareceu-nos uma vaca, podes ajudar a encontrá-la?

— Não mintas, Dimitar, não desapareceu vaca nenhuma. Vieste porque querias voltar a ver-me. Era exatamente isso que eu queria dizer quando afirmei que em breve saberias tu mesmo.

O soldado confessou que não havia dia em que não pensasse em Vangelia.

Depois disso, Dimitar voltou muitas vezes à vidente, conversava longamente com ela sobre tudo e não se cansava de admirar a sua inteligência e sabedoria. E pouco depois sentiu que não podia viver sem ela e, seis meses mais tarde, pediu-a em casamento. Vanga não se admirou nada, mas tentou dissuadi-lo: era oito anos mais velha e, além disso, cega. Mas o rapaz respondia que nem a diferença de idade nem a cegueira o incomodavam: não queria nenhuma outra rapariga.

A 10 de maio de 1942, Vanga casou com Dimitar e mudou-se para Petrich, para casa dele.

O jovem marido trouxe a noiva numa bonita carroça coberta de feno fresco. Os lados estavam pintados com flores nunca vistas, e o chão forrado com um tapete tecido em casa. O rapaz alto, bonito e elegante estendeu a mão à mulher, ajudando-a a descer. Os vizinhos observavam a rapariga com curiosidade. Sim, parecia muito mais nova do que os seus anos, era asseada, esbelta, simpática. Mas os olhos estavam fechados para sempre! Que peso seria para uma família já grande e pobre. O interesse dos vizinhos era ainda maior porque a nora dos Gushterov não era uma rapariga qualquer, mas uma vidente de quem já se falava por toda a região.

Muitos exprimiam em voz alta os seus pensamentos, mas Vanga caminhava decidida e confiante para casa, sem ligar a ninguém.

Também a sogra não se conformava:

— Onde tinhas os olhos, meu filho, estás no teu juízo perfeito? Apressaste-te, ai apressaste-te; nós arranjávamos-te uma noiva linda, inteligente e jovenzinha, e esta…

— Mãe, gosto muito de ti, mas peço-te: não digas nada de mal sobre Vanga.

Os jovens tiveram, claro, de viver em casa da sogra, onde, além deles, moravam a viúva doente do irmão falecido com os filhos, e mais duas crianças de outros irmãos. Também não podiam deixar Lyubka sozinha; com autorização dos novos parentes, Vanga trouxe a irmã para a família.

Já sabemos como Vanga adorava a limpeza e como era trabalhadora. Não lhe era estranho lavar e tricotar para uma família numerosa. Juntamente com Lyubka, puseram-se a esfregar os tachos até brilharem, a lavar o chão, as janelas. E em breve a casita frágil reluzia de limpeza! Até os vizinhos não paravam de se admirar: «Ora vejam! Pessoas com visão, em tantos anos, não conseguiram fazer o que a nora cega fez em poucos dias».

A família passou a viver como todas as outras: embora em apertos e pobreza, mas de forma bastante pacífica e tranquila. Mas isso não durou muito tempo. Os habitantes de Petrich, já tendo ouvido falar do dom extraordinário de Vanga, compreenderam que oportunidade lhes surgira. Afinal, agora não era preciso ir a lado nenhum: ali estava ela estava, a maravilhosa vidente, a viver não em qualquer lugar longínquo, mas mesmo ao lado, debaixo do nariz! Naquele tempo inquieto e confuso, era difícil encontrar uma família que não tivesse problemas. Numa, o marido estava na frente de guerra; noutra, o irmão; ali, roubaram-lhe o gado; acolá, as doenças atormentavam. Em suma, quase todos precisavam de uma orientação, de um conselho, de ajuda. E começaram a dirigir-se à casinha dos Gushterov os sofredores, cada um com as suas mágoas. Já sabiam que a clarividente pedia que trouxessem um torrão de açúcar que tivesse passado uma ou duas noites debaixo da almofada.

Dimitar amava e respeitava muito a mulher, mas não aprovava o seu destino: – Agora és uma mulher casada, para com as adivinhações. O teu lugar é a casa, o lar. Preciso de uma mulher normal! – Meu querido maridinho, compreende-me: não posso recusar-me às pessoas, cada uma tem as suas tristezas e desgraças. Quem as ajudará senão eu? Este é o meu fado, assim me foi traçado lá de cima, e não posso mudar nada. Além disso, se eu não adivinhar, quem sustentará a nós e à tua família?

Pouco depois começou a mobilização dos reservistas e Dimitar foi enviado para a Grécia. Despediram-no toda a aldeia, e a mulher deu-lhe este conselho: «Tem cuidado com a água». Na altura ninguém entendeu bem, pensaram que era grande o risco de afogamento. Mas o que aconteceu foi que os soldados beberam na Grécia água podre de pântanos, e muitos adoeceram com malária ou outras doenças. Dimitar regressou vivo, mas, infelizmente, não saudável. «Trouxe» malária e hepatite. A mulher curou-o dessas doenças, mas o processo de recuperação levou um ano, durante o qual o homem não pôde trabalhar. Entretanto, no quintal da casa deles continuavam a reunir-se pessoas à espera de ajuda. Vanga fazia previsões e profecias, revelava pormenores que nem os mais próximos conheciam. Quando não havia nada que pudesse alegrar a pessoa naquele momento, Vanga dava um bom conselho, incutia esperança no futuro.

Em 1947, Dimitar construiu uma casa nova. Parecia que a vida estava a compor-se, mas o destino quis dispor de outra forma. Durante a construção da casa, o marido de Vanga teve de levantar grandes pesos e acabou por se aleijar. Começaram fortes dores de estômago, e nem os remédios de Vanga nem os da medicina oficial ajudavam. – E se aceitasses, Mitko, um bocadinho de rakia? Só tens de a beber todos os dias, pode ser que melhore – sugeriu um dos amigos.

O conselho realmente fez efeito: as dores acalmaram, mas o homem… viciou-se na bebida.

As exortações e as lágrimas da mulher não surtiam efeito, e Vanga compreendia que não podia ajudar – a «serpente verde» ia ganhando lentamente poder sobre o seu infeliz marido. A mulher que já tanto sofrimento suportara definhava a olhos vistos, mas a ninguém, exceto aos mais próximos – sobretudo à irmã Lyubka –, confiava o seu pesado segredo: era impossível salvar o marido do alcoolismo. Recordando os vinte anos felizes de casamento, a vidente não renegou o marido bêbado, como muitas outras mulheres teriam feito.

– Para que o queres tu, não têm filhos, não te atormentes com ele, deixa esse alcoólico. Agora és uma personalidade conhecida, essa carga não te serve de nada – tentavam encaminhá-la para o «o caminho certo» os vizinhos e conhecidos.

– Não, ele foi-me destinado por Deus, e eu amo-o apesar de tudo. Está-lhe reservado exatamente este caminho, e eu não posso nem tenho o direito de interferir. É um bom homem, e o meu dever é viver dignamente com ele até ao fim.

Quando a cirrose hepática e a hidropisia deitaram Mitko completamente abaixo e ele estava às portas da morte, Vanga passou muitas horas de joelhos junto à cama dele. Durante todo esse tempo corriam lágrimas dos seus olhos cegos, sussurrava qualquer coisa, mal mexendo os lábios. E assim que o marido partiu deste mundo, adormeceu e dormiu até ao funeral. Em sonhos conversava com os seus habituais interlocutores – os anjos –, pedia-lhes que cuidassem do marido, para que ele estivesse bem no outro mundo. Com o início do funeral acordou e colocou o lenço preto de viúva, dizendo: «Pronto, e assim acompanhei o meu destinado no seu último caminho». Na manhã seguinte àquele em que conduziram o único homem da vida de Vanga ao seu último destino, no quintal, como de costume, juntou-se muita gente. Lyubka saiu ao encontro das pessoas e, pedindo desculpa, explicou que não haveria consultas porque na família da vidente havia luto. Mas Vanga pediu à irmã que não mandasse embora os que tinham vindo: precisavam de ajuda, e ela não podia recusá-la. Começou a consulta habitual. E o lenço de viúva nunca mais o tirou até ao fim da vida.

E A POPULARIDADE FOI CRESCENDO

«Deixa a Rússia em paz!»

Durante os anos de guerra, a nossa heroína tornou-se famosa não só entre os habitantes dos Balcãs – a notícia das suas extraordinárias capacidades espalhou-se muito para além dos países vizinhos.

A 2 de fevereiro de 1943, em pleno auge da guerra, visitou-a o próprio Adolf Hitler. Era supersticioso e acreditava em presságios, previsões e adivinhações. Como se sabe, a data do ataque à Rússia foi calculada por astrólogos, e ele não tinha a menor dúvida quanto ao sucesso da guerra. Bem, talvez só por precaução e para satisfazer a curiosidade, decidiu ouvir a vidente cega. Esta visita teve caráter oficial e ficou registada em documentos. Mas para Vanga não existia divisão das pessoas por categoria, idade ou posição social. A todos tratava por «tu», com todos falava no

mesmo dialeto macedónio, embora conhecesse outras línguas. E ao importantíssimo visitante recebeu-o como a todos os outros: sentada num banquinho no quintal, com o habitual lenço preto. Hitler, claro, não trouxe torrões de açúcar, apareceu com intérpretes e guarda-costas.

– Para que vieste? Ah, saber como acaba a guerra? Pois eu digo-te: deixa a Rússia em paz, vais perder esta guerra, e espera-te um fim ignóbil!

O ambicioso führer enfureceu-se com tal resposta: – O que entendes tu, cega charlatã! O que podes tu saber de mim, o grande estratega? Em breve conquistarei o mundo inteiro, e não só a Rússia. Não acredito em ti! Tenho poder para te mandar fuzilar por uma previsão tão absurda, mas vá, deixo-te em paz…

Vanga, nada ofendida pela desconfiança, decidiu provar a Hitler que ele se enganava ao chamá-la charlatã. – Então manda lá, grande estratega, os teus escudeiros até ao fim da aldeia. Ali, neste momento, está a parir uma égua do Hristo Vylchev. Que encontrem a casa caiada com cerca azul, entrem no quintal e esperem até a égua dar à luz.

O führer e os guardas escutavam a vidente com desconfiança. E ela continuou: – Pois bem, o potro será fêmea, preto, e terá manchas brancas no flanco e na testa. Nascerá saudável e forte, mas na pata dianteira direita terá um pequeno defeito. Mas digam ao dono que não é nada grave, isso corrige-se facilmente.

Os alemães primeiro zombaram da profetisa, mas depois decidiram mesmo ir até ao fim da aldeia. Regressaram atónitos e envergonhados: tudo era exatamente como ela tinha dito.

E cumpriu-se também o principal: Adolf Hitler perdeu a guerra contra a Rússia. Dois anos e dois meses depois, a 30 de abril de 1945, às 15h30, suicidou-se no bunker da Chancelaria do Reich.

Uma vida nada doce

Tanto durante a vida da «Cassandra búlgara» como hoje, os cientistas interessam-se pela pergunta: por que pedia ela que trouxessem torrões de açúcar, dos quais depois «lia» a informação? Sobre isso existem duas versões principais. A primeira hipótese diz que os cristais que passam a noite debaixo da almofada de uma pessoa a dormir são capazes de guardar informações sobre ela. E outra pessoa – no nosso caso Vanga – possui o

dom de as decifrar. Recebendo cuidadosamente o açúcar, apalpava-o e começava a falar do passado, presente e futuro do visitante. Os antigos magos, sacerdotes e xamãs conheciam perfeitamente esta propriedade dos cristais e usavam-na com mestria. Todo o vidente ou feiticeiro que se prezasse tinha o seu cristal mágico – por exemplo, o lendário Cagliostro fazia previsões com o dele.

Segundo a outra suposição, a explicação deve procurar-se no contexto da época. No início ela usava para adivinhar uma vela trazida pelo visitante, mas depressa, por causa da cegueira, abandonou esse método para não provocar um incêndio acidental.

Existe ainda uma versão de reserva, posterior, mais terra-a-terra e pragmática. O facto é que as previsões «com açúcar» começaram apenas durante a guerra. Na altura o dinheiro não tinha tanto valor como o açúcar, que era considerado verdadeira «moeda forte». Era preciso viver de qualquer coisa, alimentar a família, e Dimitar ora estava na guerra, ora construía a casa, ora estava doente…

Qual das versões é a verdadeira – só podemos adivinhar, mas provavelmente todas têm direito a existir.

À medida que a fama da clarividente se espalhava, aumentava também a atenção das autoridades locais. Primeiro começou a ser atormentada pela polícia – podiam invadir a casa a qualquer hora do dia ou da noite e exigir dinheiro. – Dá-nos isso por bem, senão denunciamos-te como espiã alemã – atroavam Dimitar Chuchurov e Boris Lazarov. – E ainda tens de nos dizer quem te vem visitar, o que dizem! Se não colaborares connosco, mandamos-te já para um campo de concentração!

Um dos polícias enfiou sem cerimónias a mão na cómoda e, tirando de lá um soutien da mulher, pô-lo em si mesmo, fazendo palhaçadas diante do ícone: – Mãezinha Santíssima Virgem, serve-me um copito!

A profetisa suportava tudo em silêncio, apenas lágrimas corriam dos seus olhos outrora azuis e agora para sempre fechados: «Não faz mal, Deus tudo vê, e eu não me vingarei».

As coisas pioraram ainda mais quando os comunistas chegaram ao poder, ou seja, após 9 de setembro de 1944. Consideravam que num país ateu a caminho do socialismo não havia lugar para superstições e profecias.

As «fábulas» atrasadas distraíam a população e impediam a construção do futuro radioso. Até os religiosos se voltaram contra a bruxa – na opinião deles, emissária do diabo que afastava os fiéis da Igreja.

As autoridades tentavam de todas as formas impedir a atividade de Vanga: vinham com buscas, exigiam dinheiro, acusavam-na de espionagem, bloqueavam o caminho para a casa dela… O marido, dentro das suas forças, defendia a esposa dos ataques e das acusações injustas. Mas o que podia ele, não estando totalmente saudável e ainda por cima bebendo! Mesmo assim ela considerava-o o seu apoio e protetor.

Os comunistas acabaram por declarar Vanga inimiga do povo e decidiram liquidar elemento tão perigoso: não convinha andar a enganar as pessoas! Até porque Petrich era uma zona fronteiriça, nunca se sabia. Era preciso estar alerta, não deixar passar nenhuma pessoa suspeita. Em suma, a morte por bala estava decidida para cidadã manifestamente pouco confiável.

É fácil imaginar o que sentia a nossa heroína naquele momento. Embora estivesse convencida de que tudo está escrito no mapa do destino ao nascer, a perspetiva de uma morte tão precoce certamente não a alegrava. O que mais a angustiava era deixar sem a sua ajuda e apoio uma quantidade enorme de pessoas.

Pressentindo o seu último dia, recusou receber pessoas e isolou-se no quarto. Para onde, para quem se dirigiam os seus pesados pensamentos? Pedia mentalmente a Deus e aos santos que ajudassem aqueles que tanto precisavam dela, pedia perdão aos que ofendera sem querer e perdoava os seus ofensores… De repente ouviu trovões vindos do lado leste, logo a seguir tudo foi iluminado por um relâmpago. Vanga sentiu que uma mão lhe passou pelo rosto – o toque era carinhoso e como que fugidio. «Não tenhas medo, não te abandonaremos. Ainda não cumpriste totalmente aquilo para que vieste ao mundo…» – o sussurro quase impercetível, tal como o toque.

Depois disto Vanga adormeceu profundamente, e na manhã seguinte aconteceu um facto que não só a salvou da morte como mudou para melhor a relação com as autoridades.

Um estafeta, um rapaz local, perdeu um pacote com relatórios secretos. Tanto a ele como ao comandante que enviara mensageiro tão

desleixado ameaçavam-lhes grandes problemas. Ao rapaz – tribunal militar e fuzilamento, ao oficial – expulsão do partido. A custo convenceu o estafeta o seu superior a recorrer à famosa vidente cega.

– Está bem, não temos nada a perder, e se ela não ajudar, fuzilamo-la à noite em vez de agora, como estava planeado – concordou o comandante.

E Vanga prestou aos comunistas um serviço inestimável, indicando onde procurar o objeto perdido. O cavalo do estafeta, durante uma paragem, coçara-se contra uma árvore, a bolsa com os documentos prendera-se num ramo e ali ficara pendurada. O rapaz, sem dar por isso, seguira caminho. Claro que os militares encontraram o importante objeto exatamente onde a vidente indicara. A partir daí decidiram não mexer nela por enquanto e até reconheceram os seus méritos perante o poder popular. Mas as suspeitas mantiveram-se – poucos acreditavam que a extraordinária mulher fosse inofensiva e segura.

Os serviços secretos – tanto o búlgaro como os de outros países – consideravam-na espiã estrangeira, por exemplo a atuar contra a Jugoslávia ou a Grécia. Não era para menos! Embora cega, tudo via e de todos sabia. Como não aproveitar dom tão invulgar! – esta opinião manteve-se durante muitos anos.

– Informa-nos sobre todos os que te visitam, quem são, o que dizem, no que pensam, e deixamos-te em paz.

Vanga recusava-se a «dedurar», e isso atraía sobre ela uma ira ainda maior.

As Dificuldades Continuam

Em 1952 Vanga foi parar à prisão! A causa foi uma profecia imprudente sobre a morte próxima de Estaline. Claro que não a disse ao próprio generalíssimo nem aos seus próximos, mas a algum dos vizinhos. Evidentemente alguns deles estavam ligados à polícia, porque a informação foi imediatamente transmitida a quem de direito. Em resultado, a mulher foi presa e passou meio ano na cela. Não se sabe quanto tempo isso teria durado se Estaline não tivesse mesmo partido desta vida em março de 1953.

Acompanhava essa previsão uma observação como que de passagem: «Para aquele mundo onde Estaline for, abrir-se-ão as portas também para outros poderosos da Rússia».

Vanga não se enganou noutras previsões: o atentado contra John Kennedy em 1963, o ferimento mortal do senador Robert Kennedy e a vitória do candidato republicano… Em janeiro de 1968, em transe, exclamou: – Lembrem-se de Praga! Vejo: em breve Praga transformar-se-á num aquário onde loucos pescarão peixes!

Na altura, claro, quase ninguém entendeu o sentido daquelas palavras, mas em agosto do mesmo ano as tropas do Pacto de Varsóvia entraram na Checoslováquia.

O dom extraordinário da mulher cega não deixava em paz as autoridades de Petrich. Em vez de exaltarem os líderes, as pessoas iam ter com a charlatã cega! Mas com o tempo os funcionários estatais compreenderam que, se não conseguiam impedi-la, então deviam tirar proveito do seu dom, pôr o assunto em base comercial. Em 1967 ela tornou-se funcionária estatal da República Popular da Bulgária. Uma consulta com a bruxa custava 10 leva para cidadãos dos países socialistas e 50 dólares americanos para os restantes. O seu salário «popular» era de 200 leva. Assim continuou até 1990. Deste modo, durante todo o período entraram para os cofres do Estado mais de 9 milhões de leva.

Mas nem isso a salvou das perseguições. Já em tempo de paz, a 20 de setembro de 1974, a casa da já então amplamente conhecida bruxa foi invadida pela milícia.

Deitaram o cereal para o chão, partiram a louça, reviraram o armário da roupa interior, destruíram tudo o que lhes apareceu à mão. O que procuravam? Evidentemente provas materiais da atividade de espionagem da dona da casa. Naqueles tempos as relações da Bulgária com a Jugoslávia, sua pátria natal, estavam tensas. Era compreensível que fosse exatamente de lá que vinha a maior parte dos sofredores que a procuravam. E as autoridades decidiram desmantelar o «ninho de espiões». Esta rusga quase custou a vida a Vanga. Ao entrar no quarto e «ver» as terríveis consequências da devastação, caiu desmaiada logo à porta. Foi internada com o diagnóstico de «enfarte». E quando se curou, disse aos próximos que não voltava para casa enquanto não pintassem de novo as paredes e as

janelas e portas. Ao regressar, constatou-se o desaparecimento de muitas coisas. Eram sobretudo prendas de inúmeros visitantes, objetos queridos ao coração.

Com o dom que o destino lhe dera, não lhe seria difícil descobrir os nomes dos ladrões e enviar-lhes castigo. Mas estava longe desse pensamento, nem se afligia especialmente com o roubo. A única coisa de que tinha pena era o rádio transistor «Sokol», fabricado na União Soviética, de que quase não se separava. Mas nem ao ladrão de objeto tão precioso Vanga quis vingar-se, confiando na vontade de Deus.

Não duvidava de que, mais cedo ou mais tarde, o ladrãozinho se arrependeria e devolveria o rádio. E assim aconteceu. Passados nada menos de 15 anos, um dos autores da rusga apareceu no quintal dela: – Perdoa-me por amor de Deus e fica novamente com o rádio! Não me trouxe felicidade nenhuma, pelo contrário: estou com cancro, e isto e todas as outras desgraças são do meu ato de então. – Não te guardo rancor, e quem te perdoará será Deus – é Ele que te castiga, não eu.

A própria vidente considerava o roubo um dos pecados mais graves. A conhecida ginasta búlgara Neska Robeva, sua amiga, contou um caso curioso. Certo dia Vanga foi a um mosteiro e, pelo caminho, desceu-lhe uma meia. Num muro secava um saco de alguém. A mulher que acompanhava Vanga tirou discretamente um fio fino do saco e prendeu-lhe a meia. E quando Vanga chegou à igreja, parou. Disse que não podia entrar ali porque roubara coisa alheia. Depois de levarem o fatídico fio de volta ao seu lugar, Vanga entrou no templo.

REALIDADE FANTÁSTICA

E lá fomos nós até Rupite…

A minha mãe, Svetlana Igorevna Ignatieva, no final dos anos 70, no outono, levou-me, uma miúda de 9 anos, ao resort de Varna. Eu crescera uma criança excepcionalmente fraca e doente; nem me lembro de um único período da minha longínqua infância em que não estivesse constipada ou a tossir. Como era natural, faltava muitas vezes à escola, mas graças a uma mente viva e boa memória depressa recuperava o atraso em relação aos colegas. Pois bem, naquele célebre resort mundial a minha mãe, sendo uma

mulher interessante, comunicativa e faladora, rapidamente arranjou companhia – para ela e para mim, claro. A líder do grupo era uma contemporânea da minha mãe, Rada Dimova, psicóloga búlgara de 30 anos. Eu fiz amizade depressa com ela e com o filho Bogdan, da minha idade. A minha mãe partilhou com a nova amiga os seus problemas. Claro que o principal não eram as minhas constipações frequentes, mas algo bem diferente. A irmã da minha mãe, a tia Rusya (nome completo Ruslana), há muitos anos que não conseguia ter filhos, e por causa disso o marido abandonara-a. Por fim, a tia decidiu adotar um bebé recém-nascido, digamos assim, «para ela». A menina Alyonka até parecia com a mãe e parecia esperta. Mas… isso só ao princípio. A minha prima já tinha um ano e meio, mas não só não andava como não emitia sons articuláveis. A minha mãe era muito chegada à irmã e vivia as desgraças dela como se fossem suas.

– Que me aconselhas, Rada? És psicóloga… – perguntou-lhe, desesperada.

– Duvido que te possa ajudar, não leves a mal. Esta questão ainda é pouco estudada pela ciência e não quero dar-te falsas esperanças. Mas sabes uma coisa, Sveta? Vamos até à nossa – e já não só nossa – celebridade: a Vanga. Ela vai ajudar-te, tenho a certeza. Conheço um pouco a sobrinha dela, a Krasimira. De qualquer modo, dificilmente se consegue marcar consulta de imediato… a fila é de meses. Mas vá, não desanimes, faço tudo o que puder.

Durante vários meses a minha mãe trocou cartas com a Rada e eu com o Bogdan. Até que finalmente chegou a mensagem: venham!

E lá fomos nós – a mãe, a tia Rusya e eu (como poderia ficar de fora?) – à Bulgária, à pequena cidade de Petrich, onde vivia a vidente. Nessa altura já a tratavam por tia Vanga, ou, em búlgaro, «lelya Vanga».

Tivemos de subir bastante para as montanhas; a estrada era perigosa, cheia de curvas em hairpin, e ainda por cima com nevoeiro… A qualquer momento podíamos cair num precipício. A minha mãe e a tia davam pulinhos e ais a cada curva, mas eu achava tudo fascinante: a paisagem era linda, tudo novo…

– Acalmem-se, minhas senhoras, não lhes acontece nada! – dizia, com voz segura, o nosso motorista, um homem sério chamado Volodya. –

Esqueceram-se a quem vamos visitar? A nossa lelya Vanga protege toda a gente. Antigamente este troço era perigoso, morria cá muita gente. A Vangeliya soube disso e mandou trazer-lhe um saco de açúcar. Esteve um dia em casa dela – não sabemos o que fez com ele nem como o tratou –, mas por ordem dela espalhámos esse açúcar no ponto mais perigoso da estrada. Acreditem ou não, desde esse dia nunca mais houve um único acidente. Por isso fiquem tranquilas, minhas queridas: nada ameaça as vossas vidas!

Cheios de emoção e dos mais variados pressentimentos, nem conseguíamos observar convenientemente a paisagem. Ainda assim, partilho as minhas primeiras impressões de criança: o lugar parecia-me sombrio, escuro, estranho. Só o perfume intenso das ervas e flores em plena floração suavizava a sensação geral, que não era das mais agradáveis. Chegámos à casinha da vidente. Já de longe víamos multidões, carros, motas, bicicletas… Velhos e novos, doentes e aparentemente saudáveis, sozinhos ou com crianças – todos esperavam ser chamados por Vanga.

Correu um murmúrio: «Está doente, hoje não recebe… Quanto mais teremos de esperar…» Mas não: as pessoas começaram a desaparecer atrás da porta sagrada e depois saíam, uns sozinhos, outros aos pares. Alguns sorriam radiantes, noutros havia lágrimas nos olhos. Nós tínhamos marcação prévia – graças à nossa amiga búlgara – e por isso a espera foi curta. Entrámos na casa e logo a mim, criança, me saltou à vista a limpeza imaculada, a profusão de toalhinhas bordadas e as muitas imagens sagradas nas paredes.

Uma mulher de olhos fechados, baixa, ainda não velha, com rosto jovem e traços finos, debaixo de um lenço preto, recebeu-nos não exatamente de forma hostil, mas algo distante, como se estivesse absorta nos seus próprios pensamentos. Ao lado dela estava a irmã Lyubka, que traduzia as profecias de Vanga. Já nos conhecia um pouco por interposta pessoa, pelas palavras da Rada.

– Desculpem, Sveta, a minha irmã acabou de atender uma pessoa má, fez-lhe uma previsão muito negativa e, como não é seu costume, ficou abalada.

– Sim, vou descansar cinco minutinhos, já volto – disse-nos a vidente e desapareceu pela porta do quarto ao lado.

– Mas que se passou, Lyubka, podes contar?

– Acabou de estar aqui um homem todo importante, saudável como um pero. Disse que tinha 63 anos, mas não aparentava mais de 45. A minha irmã pôs-se a falar com ele, perguntou-lhe como vivia, o que o preocupava.

– Nada, vivo só para mim a vida toda, não me preocupo com filhos nem netos. Que se lixem todos, a minha vida é o que mais importa! Se preciso de alguma coisa, não olho a meios, passo por cima de cadáveres se for preciso. Deixei a mulher velha, arranjei uma rapariga nova. Diz-me o que vai acontecer.

– Nada, já te chega!

Adiantando-me no tempo, conto já que a Lyubka me disse depois que quatro dias mais tarde esse visitante morreu.

Enquanto conversávamos, a dona da casa regressou. Logo da entrada dirigiu-se à minha mãe:

– Espreita pela janela: está verão. E a tua filha de collants, camisola e lenço na cabeça. E porque tem ela sempre o nariz a pingar? Não gostas nada da tua menina, ou quê?

A mãe respondeu que me amava muito, que eu era filha única e por isso a protegia tanto.

– Nem que tivesses dez! Dar à luz é pouco, é preciso cuidar constantemente da criança. Essa alma não é tua, é de Deus, mas tu és responsável por ela. Vá, ainda és nova, há muita coisa que não sabes; escuta o que te digo. De madrugada, antes do sol nascer, vai com a tua filha para o campo, manda-a despir-se completamente e deixa-a rebolar na erva orvalhada até o corpo ficar todo molhado. E mais um conselho: leva um lençol, estende-o na erva. Tu e a tua Nadya deitem-se nele até sentirem que ficou encharcado de orvalho. Vão-lhe colar ervas, raminhos, bichinhos – tudo isso é bom, somos um com a natureza, tudo faz parte do nosso mundo e tudo nos deve trazer benefício. Traz esse lençol para casa e envolve nele a tua filha. Quanto mais vezes o fizeres, mais depressa a criança se esquecerá das doenças. Mas vejo que a tua irmã também tem um problema? – virou-se para a tia Rusya. Sinto que também é com uma criança, não é?

A tia confirmou: sim, era com a criança que estava atrasada no desenvolvimento.

Vanga ficou um minuto em silêncio, como se olhasse para algo que nós não víamos, e depois ouvimos:

– Parece que não foste tu que a pariste?

E as palavras confirmaram-se: a menina fora adotada com 10 dias, a mãe biológica abandonara-a.

– Não te posso ajudar nem alegrar. Quando o feto tinha três meses a mãe caiu e bateu com muita força; daí vêm as consequências. Aconselho-te a entregá-la a uma instituição especializada e tu ainda podes ter filhos teus; eu ajudo-te.

– Obrigada, tia Vanga, mas não consigo separar-me da minha filha, já me habituei a ela, é do meu sangue. Vou fazer tudo para que a Alyonka se desenvolva normalmente.

– Não é todos os dias que se encontra uma mulher tão digna e nobre. Deus te recompensará, e eu rezarei por ti e pela tua Alyonka.

Ao despedir-se, a tia Vanga passou a mão pela cabeça da tia Rusya e a todos nós fez o sinal da cruz.

Assim terminou a nossa primeira e única visita à extraordinária vidente. Desde então passaram muitos anos. Casei-me com o Bogdan e mudei-me para a Bulgária para viver com ele. A mãe já não é nova, mas continua bem-disposta e visita-nos frequentemente, e nós não esquecemos a Rússia. Claro que estão curiosos em saber o que foi feito da tia Rusya e da Alyonka. Quatro anos depois daquela visita memorável a tia conheceu um bom homem, casou-se, e o filho deles, Artyom – o meu sobrinho – já é adulto e completamente independente. E a Alyonka? Também está bem. Continua a viver com a mamã e o papá – assim chama ao marido da tia. Claro que não se pode dizer que seja uma pessoa completamente normal; a lesão intra-uterina ainda se faz sentir. Mas cuida de si própria, ajuda nas tarefas domésticas, faz trabalhos manuais, gosta de cantar e desenhar. E com a sua bondade e doçura a minha prima conquistou o amor de toda a gente. Dizem que tem a alma santa e muitas vezes lhe pedem que reze por eles…

Um Lugar Especial

A casa onde Vanga recebia os seus inúmeros visitantes fica no vale de Rupite, entre as cidades de Sandanski e Petrich (Bulgária). Para Petrich, como sabemos, levou-a o jovem marido Dimitar Gushterov. Pouco depois da morte dele, Vanga decidiu mudar-se e começou a escolher o lugar onde poderia receber os sofredores. O coração puxava-a para a pequena Melnik, mas não desejava lá viver permanentemente; queria apenas ir todos os dias a Melnik fazer as consultas. As autoridades, porém, recusaram, evidentemente não querendo perder quadro tão lucrativo e porque controlar o número de visitantes seria mais difícil.

Recordemos que a nossa heroína já era, nessa altura, funcionária estatal e cada visitante rendia dinheiro aos cofres do Estado. O vale de Rupite, ou Rupy como lhe chamam os locais, parece um prato com cerca de 20 km de diâmetro, cercado pelo monte extinto Kozhuh, junto ao leito seco do rio Struma.

Foi ali que construíram a pequena casa da profetisa, onde recebia as pessoas e na divisão ao lado descansava.

Para muitos, incluindo para nós quando lá fomos as três, o lugar causava impressão opressiva. Tudo parecia severo, escuro, sentia-se claramente o cheiro a enxofre das fontes termais que ali existem várias. O aroma das plantas e flores de que a dona tanto gostava não conseguia vencer aquele odor, digamos, pouco agradável. A água das fontes é tão quente que não se consegue meter lá a mão. E, no entanto, foi exatamente este sítio que Vanga escolheu. Porquê? Considerava-o especial, como se tivesse sido criado de propósito para ela. Segundo as suas palavras, foi a própria Santa Petka quem lho indicou. A casa fica mesmo na cratera do vulcão extinto Kozhuh. Ou melhor: nem extinto nem ativo. Se nos afastarmos algumas dezenas de metros da casa de Vanga sente-se que ele «vive».

– Antigamente aqui havia uma cidade imensa; os habitantes – gregos – eram belíssimos de alma e corpo: altos, esbeltos, vestiam túnicas transparentes cor de ouro. Através da cidade corria um rio cuja água também parecia ouro. Trazia saúde e bem-estar; mergulhavam lá os bebés para crescerem sãos e fortes. Quem estivesse doente, depois de se banhar despedia-se das doenças – Vanga calava-se um pouco, como que a

recordar, e depois continuava. – As pessoas tocavam vários instrumentos musicais, amavam a poesia, muitos pintavam maravilhosamente. Neste lugar erguiam-se três belíssimos templos dourados. Mas houve um terramoto, a lava jorrou do vulcão e a cidade ficou completamente destruída, como Pompeia, e os habitantes foram sepultados pela lava e cinzas. No dia de Santa Paraskeva (15 de outubro no calendário ortodoxo), a dona da casa reunia centenas de convidados, oferecia-lhes pratos tradicionais e vinho caseiro. Recordava-lhes que foi exatamente nesse dia que a belíssima cidade antiga se transformou em ruínas. «Lembrem-se desta data e venham aqui todos os anos a 15 de outubro», recomendava aos presentes.

Mais tarde os arqueólogos fizeram escavações no local indicado pela vidente e descobriram realmente vestígios de uma cidade antiga! Assim, ela conseguia ver através da terra e dos séculos. O sobrinho de Vanga, Dimitar, confirma que os moradores locais ainda hoje encontram fragmentos de utensílios domésticos e objetos de culto. Tudo indica que ali fervilhava uma rica vida espiritual e que o lugar é sagrado.

Os mais velhos recordam como vinham peregrinos de todos os cantos do mundo banhar-se nas águas sagradas das fontes termais, acreditando sinceramente que tal banho traria saúde e bênção do céu.

Para a vidente, Rupite possuía uma energia especial que alimentava o seu dom extraordinário e lhe dava força. A proximidade das fontes termais e o cheiro não a incomodavam minimamente: considerava-os as lágrimas e o sopro das pessoas inocentes que ali tinham vivido e morrido. Mais ainda: era grata àquele canto da terra criado pelo Criador e àquela água que brotava das suas entranhas, pois outrora essa água a curara do reumatismo. Também a tranquilidade, o ar puro e a proximidade da natureza lhe faziam bem. Por isso escolheu pessoalmente o «lugar no vulcão», a ele se afeiçoou com toda a alma e nunca mais o abandonou até ao fim dos seus dias.

Afirmava que dali partiam ligações a todos os lugares sagrados da região. Provavelmente o sítio é mesmo especial e os cientistas ainda terão de decifrar a origem de tão poderosa energia. Foi ali que as vozes que tudo lhe contavam se tornavam especialmente claras; foi ali que passava a rota das aves que voam para sul e regressam. Porque escolhiam exatamente aquele caminho – ninguém sabe. Segundo a lenda, em Rupite está enterrada uma estátua em tamanho natural de um cavaleiro num cavalo branco.

Lembremo-nos: era exatamente assim o mensageiro que várias vezes apareceu a Vanga para lhe recordar que o seu dever era cumprir a Missão para a qual Deus a enviara a este mundo. Essa Missão – levar o bem e ajudar as pessoas – Vanga cumpriu-a toda a sua vida consciente.

«Não sou santa, sou mártir»

O caminho para Petrich nunca se cobriu de ervas até aos últimos dias da famosa búlgara.

O Estado colocou-lhe segurança, deu-lhe carro com motorista pessoal e construiu um hotel na cidade para os visitantes. Só em 1976 recebeu 102 mil pessoas. Cada uma com a sua dor, os seus problemas e perguntas que a atormentavam. A vidente passava pelo coração todos aqueles sofrimentos humanos, vivendo em constante tensão. Claro que tal carga não podia deixar de afetar a saúde: queixava-se frequentemente de cansaço, sofreu vários micro-AVC, mas não conseguia recusar atendimentos: «Vim ao mundo para estender a mão aos perdidos e desesperados, para lhes mostrar o caminho!»

Contava muitas vezes que, enquanto os outros dormiam, ela tinha de folhear as páginas da existência humana, penetrar no passado e no presente, nos recantos mais escondidos das almas e reviver as tragédias que em todas as épocas aconteceram às pessoas. As vozes de mundos desconhecidos permitiam-lhe prever com quase 100 % de precisão o destino de uma pessoa, de uma sociedade, de um povo ou do planeta…

Vanga chamava-se a si própria mártir não só por lhe terem cabido em sorte duras provas – infância pobre e faminta, cegueira, a constante preocupação com os irmãos mais novos… Um papel importante teve também o facto de, prevendo desgraças, não poder evitá-las. Essa pesada cruz carregou quase toda a vida. Segundo ela, quando uma pessoa nasce, nasce também o seu destino, ou seja, o futuro está predeterminado. A vida de qualquer pessoa que se encontrava diante dela passava-lhe pelo espírito como um filme – do nascimento até à morte. Ao avisar dos perigos, esperava que a sabedoria ou o acaso pudessem alterar apenas para ela conhecida essência das leis do universo. Não é à toa que se diz: «Avisado está prevenido». Ela não só previa acontecimentos como dava conselhos sobre como melhorar o futuro e evitar o mal. E muitos, imaginem, conseguiram mesmo mudar a situação para melhor!

Considerava seus filhos todos os que a procuravam e tentava fazer feliz cada um. O rosto iluminava-se-lhe com uma luz profunda, quase de outro mundo, quando a previsão era boa. As rugas aprofundavam-se, os lábios cerravam-se e o rosto ensombrava-se quando tinha de dar más notícias. Mas, por exemplo, sobre a morte iminente de alguém só falava em casos raríssimos – não mais de cinco em toda a sua prática. E em geral anunciar desgraças parecia custar-lhe muito. Talvez as Forças Superiores a advertissem para ser cautelosa ou até lhe proibissem falar disso, ou talvez ela própria, por delicadeza, não quisesse chocá-lo – quem sabe? Nesses casos limitava-se a insinuações vagas, evitando pormenores.

Poucos sabem que a verdade: a profetisa nem sempre se sentia com forças para suportar o fardo que as Forças Superiores lhe impuseram e até pensou várias vezes em refugiar-se num mosteiro. Mas como acabava sempre? Numa das vezes, encontrou o portão do convento completamente fechado – não havia vivalma, provavelmente tinham ido todos em peregrinação. Noutra, veio uma noviça dizer-lhe que a madre superiora estava doente e não recebia ninguém. Na terceira, um aguaceiro fortíssimo apanhou-a a caminho… Assim, visivelmente, o Altíssimo avisava a nossa heroína de que o seu lugar era aqui, connosco, e não entre as freiras afastadas do mundo.

Os visitantes já sabiam que deviam trazer açúcar refinado que tivesse passado duas ou três noites debaixo da almofada; podia trazê-lo outra pessoa qualquer, pois as previsões continuavam exatas. Também não recusava o dinheiro que deitavam no mealheiro – para o templo. Mas o que mais gostava de receber… eram brinquedos. Provavelmente porque a sua infância faminta fora privada dessas alegrias.

Já muito tarde, quando todos em casa dormiam, pegava em cada brinquedo e conversava com ele. Lembrava-se de quem lho trouxera e voltava a passar em revista os acontecimentos ligados àquela pessoa. É de crer que os brinquedos lhe respondiam – afinal Vanga entendia a linguagem dos objetos inanimados, dos animais e das plantas…

Normalmente dedicava três a cinco minutos a cada visitante, mas, se fosse preciso, a consulta podia durar mais, até uma hora. Dizia que dormia apenas oito minutos e que só os vermes trabalhavam mais do que ela. E de facto o seu dia de trabalho começava às seis ou sete da manhã – as pessoas até achavam que nessa hora a ligação de Vanga com as forças que

alimentavam o seu dom era mais forte e as previsões especialmente claras e precisas. Terminava tarde, quase de noite.

Interessante é a questão: como explicava a própria vidente a natureza do seu dom fenomenal? No início dizia que tudo lhe aparecia em sonhos ou visões, mas com o tempo a ideia que tinha dos seus «informadores» mudou:

– À minha volta vivem seres transparentes; eles falam e transmitem-me a informação que depois passo às pessoas. Essa informação é bastante fidedigna e pode referir-se tanto a mortos como a vivos. Distância e tempo não contam para nada. Às vezes é um pouco diferente: a vida de quem vem ter comigo passa-me diante dos olhos da mente como se fosse um filme.

Comunicação com os mortos

Os cientistas concordam unanimemente que a faceta mais espantosa do seu dom era a comunicação com os mortos – tanto os que partiram há pouco como os que morreram há dezenas de anos. Ao longo de toda a história da humanidade as pessoas perguntam: «O que há para além da morte e existe mesmo algum além?» Uns acreditam em paraísos celestiais, calma e graça divina; outros negam totalmente a existência após a morte. No fim, as pessoas dividiram-se invisivelmente em dois campos: os crentes no reino dos céus – os religiosos – e os descrentes – materialistas e ateus.

Quem tem razão – a ciência ainda não dá resposta clara e definitiva. Para todos nós, pessoas comuns, o canal entre o mundo terreno e o «outro» está fechado; só podemos contactar os defuntos em sonhos, e esses sonhos normalmente esgotam-nos e deixam-nos prostrados. Só para alguns eleitos, dos quais a nossa heroína é o exemplo mais brilhante, esse canal está aberto. Nem é preciso dizer o peso imenso que representava para a sua alma o fardo do seu dom maravilhoso!

O contacto era bidirecional: Vanga podia perguntar aos mortos o que interessava aos familiares, e estes, por sua vez, podiam «falar» com os entes queridos através dela. Alguns contavam que chegavam a ouvir uma vozinha fininha, quase inaudível, como num telefone avariado, ou um sussurro vindo do além. E a alguns Vanga proporcionava verdadeiros «encontros» com o falecido. Essas sessões consumiam-lhe imensas forças e podiam provocar-lhe crises nervosas ou até ataques. Por isso muitos já sabiam que, se o assunto fosse um morto, deviam trazer um vaso com uma

planta e velas. Evidentemente esses objetos absorviam a energia negativa e neutralizavam-na, impedindo-a de penetrar no campo energético das pessoas presentes na sala e sobretudo da própria vidente.

No início dos anos 80, em Rupite, depois de marcar com meses de antecedência, apareceu um certo Vilko Panchev, de Plovdiv, homem ainda não velho, de bigode louro.

Vilko, intimidado, cumprimentou e, visivelmente com medo, decidiu ir direto ao assunto:

– Tia Vanga, és a minha última esperança. É grave. Estou casado felizmente há 15 anos. Temos filhos de ano e meio, dois anos em dois anos, ao todo seis, e todos morriam pouco depois de nascer! Eu e a minha Slava amamo-nos muito e queremos tanto ter filhos! Ajuda-nos, por Deus!

Nesses casos a profetisa não dava logo o seu «veredito». Uma coisa é uma vaca ou um cão desaparecido, outra bem diferente é quando se trata de almas humanas vivas. Sentou-se um minuto em silêncio, o rosto tenso, o olhar (se assim se pode dizer) voltado para dentro de si mesma. Certamente estava a entrar em contacto com os seus interlocutores celestiais. Após breve pausa, o homem ouviu:

– Lembras-te da tua mãe? Sei que já não está entre nós, mas está aqui diante de mim, viva, e conta-me tudo. Depois desta conversa compreendi que te portaste muito mal com a tua mãezinha. Não queres reconhecer a culpa e limpar a consciência? Eu sei tudo, mas quero ouvir de ti o que sentes…

Vilko não pensou muito. Perante Vanga – já percebera – era inútil mentir, e começou a contar:

– Quando eu tinha 16 anos a minha mãe engravidou. Tinha já 37; imaginem o quanto me envergonhava diante dos amigos daquela barriga enorme! Os rapazes troçavam de mim e eu… fui odiando aquele ser que crescia na barriga dela! Quando nasceu a minha irmãzinha perdi completamente a cabeça – tudo se misturava: pena da mãe, antipatia pela mana, vergonha diante dos amigos cujas mães nem pensavam em «estragar» o corpo com gravidezes. No fim venceu a vergonha. Já adulto, evitava a mãe o mais possível e à irmã nem reconhecia que existia – tanto me fazia que estivesse viva ou morta.

– Aqui tens a resposta: não respeitaste nem amaste a tua mãe, não compreendeste a lei principal do Cosmos – cuidar do próximo! Nem sequer as normas básicas da moral humana assimilaste! O que semeias, colhes! Não compreendeste a mãe, condenaste o filho que trazia no ventre, e agora que esperas?

Parece que Vilko entendeu alguma coisa, até porque a vidente lhe dedicou mais tempo e atenção do que aos outros que esperavam vez. Agradeceu à tia Vanga e pediu conselho para o futuro.

Ela perguntou-lhe qual era a sua própria opinião.

– Quero pedir perdão à minha mãe já falecida e fazer as pazes com a minha irmã.

A vidente gostou da resposta e disse que, depois de arrependimento tão sincero, teriam filhos saudáveis. Ao sair, Vilko deteve-se à porta e perguntou:

– E como soubeste, tia Vanga, da minha mãe falecida? Ah, deve ter entrado contigo quando eu cheguei.

– Não, enganas-te. Os mortos vêm ter comigo sozinhos, porque eu sou para eles a porta que liga o mundo dos mortos ao dos vivos e vice-versa. Eu uno estes dois mundos, e através de mim podes fazer perguntas à tua mãe e eu transmito-te as respostas dela.

Na véspera do novo século XXI, com ajuda de amigos, consegui localizar a família Panchev – porque a minha tarefa não era só reunir informação, mas confirmar a veracidade e ver como os conselhos de Vanga tinham ajudado. Imaginem: o casal já criava três filhos; o mais velho, Borislav, é hoje estudante universitário. Há ainda duas meninas quase da mesma idade, e os pais felizes não pensam parar por aí!

Pela boca de Vanga os mortos contavam: lá onde agora vivem não há paraíso nem inferno, nem esquecimento nem abismo. É também um mundo inteiro, mas muito diferente do terrestre. Mais ainda: ao chegar lá, o morto nem sequer nota grande diferença e pensa que continua vivo. «Mas onde estão os meus filhos, os meus entes queridos?» – grita, chama-os, tenta chegar-se a eles, mas não o ouvem. E é exatamente a impossibilidade de os ver e falar com eles como antes que torna real a perceção da própria morte. A própria Vanga não tinha medo da morte e, quando lhe perguntavam

como a imaginava, respondia que para cada pessoa ela tem o aspeto que a pessoa espera: para uns é a velha da gadanha, para outros uma bela jovem de cabelos soltos, para outros ainda um rapaz loiro e bondoso…

Segundo ela, o corpo humano, como tudo o que vive, decompõe-se, mas uma parte chamada alma é imortal. E após a morte continua a viver e a desenvolver-se para atingir nível superior.

Haverá de tudo: tristeza e alegria

Tudo o que rodeava a profetisa – montanhas, serras, plantas, animais, aves, pedras, estrelas – era percecionado pelos seus sentidos extraordinários e dava-lhe informação. Repetia muitas vezes que natureza morta não existe, tudo à nossa volta está vivo, só é preciso saber escutar os sinais. Claro que para a esmagadora maioria dos mortais comuns isso é impossível, tal como poucos se interrogam sobre o sentido da existência.

Segundo Vanga, não se pode violar a harmonia do espaço nem desprezar as leis do Cosmos. A mais pequena infração pode trazer consequências fatais e irreversíveis.

Assim, em 1981 avisava que em breve apareceriam na Terra doenças novas e desconhecidas. Pessoas completamente saudáveis, que nunca tinham adoecido, podiam de repente sentir-se tão mal que desmaiavam na rua. Mas a situação podia ser corrigida, porque estava nas mãos humanas. E de facto surgiram doenças «da civilização»: SIDA, gripe das aves, pneumonia atípica… E também é verdade que, graças ao esforço dos médicos e da população mundial, se tem conseguido evitar a sua propagação em grande escala. No início deste século, segundo Vanga, o cancro será «acorrentado com correntes de ferro». Ainda não se cumpriu? Não nos precipitemos a considerar a previsão errada. Primeiro, o século XXI apenas começou; segundo, os cientistas continuam à procura dessas «correntes de ferro». E quem sabe se a descoberta de novo medicamento (talvez com muito ferro na composição) não está para breve.

Nos anos 60 previu que as pastilhas seriam feitas de algas e se espalhariam pelo mundo. Conhecemos todos esse medicamento – é a espirulina –, e os médicos dizem que o futuro da farmacologia pertence às algas. Já as plantas, na opinião dela, não terão futuro tão risonho – muitas desaparecerão, começando pelo alho, cebola e pimento. Depois

desaparecerão gradualmente as abelhas e, consequentemente, os maravilhosos produtos apícolas sairão da alimentação humana.

Para o futuro próximo – que para nós já é presente – as perspetivas que Vanga traça não são muito animadoras. As cidades ruirão com terramotos, inundações e furacões. Quem viver na injustiça estará por cima, a criminalidade aumentará, haverá ladrões e prostitutas aos montes. Virão tempos difíceis, as pessoas dividir-se-ão por crenças. Quem tem ouvidos não ouvirá, quem tem olhos não verá. Aqui Vanga insinuava que as pessoas se isolarão e afastarão umas das outras. Apelar ao bom senso ou à voz da consciência será inútil, cada um por si. Pouquíssimos enriquecerão, todos os outros empobrecerão. E a situação agravar-se-á.

Mas nem tudo é tão negro: as pessoas acabarão por livrar-se do sofrimento e ser felizes, se mudarem a si mesmas. As receitas da vidente são simples: não roubar, não mentir, viver segundo a consciência. No futuro a ciência fará muitas descobertas que mudarão radicalmente a nossa visão de muitas coisas. Os arqueólogos farão escavações e descobrirão a cidade mais antiga, os historiadores estudarão a cultura, o modo e a vida do seu povo, os médicos investigarão métodos de cura. Tudo isso permitirá à ciência moderna dar um grande salto em frente.

A par disso, a vidente diz que o ouro virá à superfície e a água irá embora. Como entender isto e donde vem tal informação – ainda não sabemos. Talvez a imagem lhe tenha aparecido em visões, mas o mais provável é que falassem pela sua boca os mensageiros celestiais. Os habitantes do planeta Vamfim, o terceiro a contar da Terra, eram interlocutores frequentes de Vanga. Pode perguntar-se porque é que os astrónomos ainda nada dizem sobre esse planeta, ou seja, não consideram que exista. Vanga responde claramente: o planeta move-se em órbita inclinada e não pode ser detetado pelos instrumentos atuais. Só uma vez em 3600 anos Vamfim se posiciona favoravelmente em relação à Terra e fica visível. Eis como a vidente descreve os seus habitantes: não têm cabelo, mas um halo em volta da cabeça como penugem de pato. Também não têm corpo como o entendemos – são transparentes, embora o contorno lembre o humano. Têm asas nas costas e comportam-se à vontade com ela: entram no quarto, sentam-se e falam. A fala é arrastada, melodiosa. Às vezes Vanga era convidada pelos vamfimianos a visitá-los. Ficava maravilhada com a beleza do planeta e com a total ausência de habitações. O conteúdo

das conversas com os «vamfimianos» permanece quase sempre secreto – proibiram-na de o divulgar. Sabe-se apenas que trabalham muito e bem. Por enquanto só alguns terrestres conseguem contactar os habitantes desse planeta. Mas no futuro a situação mudará.

Existe registo documental de uma previsão feita por ela em 1979: daqui a 200 anos o homem entrará em contacto com representantes de civilizações extraterrestres. O primeiro sinal do Cosmos será captado por aparelhos húngaros… E a verdade sobre o Cosmos deve procurar-se nos antigos livros sagrados. Não só cosmonautas e cientistas, mas pessoas comuns poderão viajar para mundos distantes a velocidade dez vezes superior à da luz! E isso não acontecerá antes de 2050. Para muitos dos que hoje vivem parece irreal esperar tanto, mas Vanga garante que está decidido lá em cima e há de cumprir-se obrigatoriamente.

Em julho de 1969 os cosmonautas americanos pisaram pela primeira vez a superfície da Lua. Na altura Vanga não comentou o facto, mas oito anos depois, numa conversa com jornalistas, disse mais ou menos o seguinte: «Foi muito interessante observá-los da Terra. Mas eles não viram nem a milésima parte do que eu vi lá».

No Cosmos descobrirão várias formas de vida, e o seu estudo ajudará a desvendar o mistério do aparecimento da vida na Terra. A energia será valorizada a peso de ouro e as pessoas farão guerras por ela, mas conseguirão travar-se a tempo. Haverá proibição da extração de petróleo, o que permitirá à Terra descansar e dar frutos. Os comboios não terão o aspeto atual – voarão em fios solares. Esta previsão já começa a cumprir-se: está a ser construído o primeiro reator termonuclear, cuja eletricidade talvez venha a «alimentar» os comboios. As pessoas do futuro serão crentes e boas. Os pecados e vícios, a mentira e a violência desaparecerão da face da Terra. As guerras cessarão, cada um amará, valorizará e protegerá a vida e tudo o que vive na Terra. Não está longe, na opinião dela, o dia em que Cristo descerá à Terra, mas só os eleitos, os de alma pura, poderão vê-lo. Vanga lamentava muitas vezes que as pessoas se tornaram mesquinhas, não se interessam pelo futuro dos outros, da sociedade, do povo. Cada um pensa só em si e vive de forma injusta, por isso o caminho para muitos está fechado.

Às vezes perguntavam-lhe se, estando tão próxima das Forças Superiores, vira o próprio Cristo. E a resposta era sempre a mesma:

– Sim, claro que vi, mas é impossível distinguir-lhe bem os traços. Brilha todo e irradia uma luz que impede ver o rosto. Só se vê luz intensa, mais nada. Ninguém consegue vê-lo. Portanto não acreditem nos que dizem que viram a Divindade.

Em 1950 terminou a era de Peixes e começou a era de Aquário, que durará até ao ano 4000. Como caracterizava a nossa heroína este período? Considerava que chegou o tempo «inteligente», em que as pessoas terão todas as condições para revelar e aperfeiçoar a sua essência espiritual. Mas… as pessoas ainda são fracas e na maioria inquietas – gastam muita energia física e espiritual em coisas inúteis. Grande florescimento, até renascimento, espera a cultura, embora também os seus representantes sofram incompreensões e perseguições… Mas apesar de tudo a cultura, tal como o princípio espiritual, há de desenvolver-se e renascer…

Vivam Corretamente – e Não Adoecerão!

Recordo que a famosa búlgara considerava a alma imortal, ao contrário do corpo físico, que após a morte se decompõe. Na opinião dela, a alma, ao subir ao céu, passa por várias encarnações, aperfeiçoando-se cada vez mais. Mas isso só acontece com as almas de quem em vida foi bom e justo. Caso contrário não há reencarnação nem regresso à Terra. Então como viver e tratar os outros para que a alma não vagueie pelos níveis inferiores mas suba logo aos céus?

Um mau caráter e os vícios, além de tudo, trazem doenças, porque espírito e corpo são um só. A este respeito Vanga deixou-nos vários preceitos. Antes de mais, é preciso viver com consciência, não invejar ninguém, não fazer promessas vãs – sobre todos nós está o olho que tudo vê, ninguém se pode esconder dele. Não devemos contar com que os maus atos fiquem impunes. Aqui vê-se claramente a ligação com a teoria do karma, sobretudo com a sua lei principal – causa e efeito. Ou seja: «o que semeares, isso colherás».

É desejável definir o mais cedo possível qual é a tarefa do ser humano, para que nasceu. Ela própria sabia quase desde criança para que Missão as Forças Superiores a tinham enviado à Terra. Mas também a nós, simples mortais, a vidente aconselhava a formular claramente os objetivos de vida o mais cedo possível e depois seguir sem desvios o caminho do seu cumprimento. E, na opinião dela, para não nos desviarmos ajudam dois

fatores essenciais: a fé e o trabalho. Cada um tem na Terra o seu destino, e ninguém tem o direito de ser inútil ou de não trazer benefício aos outros. O futuro pertence às pessoas boas, úteis à sociedade. Elas viverão num mundo tão maravilhoso que nem conseguimos imaginar. Na Terra reinarão o amor, a fraternidade e a prosperidade. Mas ficar de braços cruzados à espera desse lindo «amanhã» a vidente não aconselhava: somos perfeitamente capazes de o construir com as nossas próprias mãos e cabeça.

Chamava todos a sintonizar-se na onda do bem, pois essa qualidade, sendo o valor supremo, é que move o mundo. Nem sequer pensamentos maus, contrários às normas da moral, se podem permitir – quanto mais atos. Basta a pessoa começar a pensar mal dos outros, a tramar vinganças, a sintonizar-se na onda do mal, e logo se inicia a destruição da sua alma, surge o desequilíbrio que leva às doenças. Como sabemos, a própria vidente considerava seus filhos não só os que a procuravam, mas todas as pessoas, e a todos tratava com bondade. Para cada um encontrava palavras de conforto; dar más notícias sempre lhe doía e custava. Às vezes repreendia o visitante por uma falta ou por intenções de vingança, mas fazia-o não com maldade, maternalmente.

Com um dom tão incrível, poderia viver numa casa menos modesta e juntar dinheiro «para o dia negro» à discrição. Mas ninguém conseguiu alguma vez suspeitar de Vanga de ganância ou avareza. Muitos notavam que o dinheiro que lhe davam ia imediatamente para o mealheiro ao lado – «para o templo». E a nós apelava para que não nos apegássemos aos bens materiais: eles só nos são precisos para garantir o essencial a nós e aos nossos filhos. Dinheiro a mais é um mal que dificilmente traz felicidade a alguém. Estes mandamentos ecoam os bíblicos, o que lhes dá peso e significado especiais.

Vanga não entendia como as pessoas podiam ser tão pouco sensatas: fazer guerras por um bocadinho de terra, litigar com o próximo por dinheiro, zangar-se por um pedaço de lata chamado automóvel… A nossa Terra é apenas um grão de areia no universo cósmico, mas a vida humana é inestimável. Não é triste desperdiçar algumas dezenas de anos numa corrida inútil atrás de bens materiais? Alguns visitantes, esperando ajuda de Vanga, queixavam-se de que uma sina má os perseguia. «Sou bom e bondoso, porque me corre tudo tão mal?» A resposta era:

ninguém tem culpa das desgraças e sofrimentos a não ser a própria pessoa. Se não fazes nada de mal, isso ainda não significa que sejas bom; é importante também não ter maus pensamentos, beber menos (sobretudo álcool), comer menos e mexer-se mais. E, claro, esforçar-se por viver em harmonia consigo mesmo e com os outros, não discutir e aceitar as pessoas tal como o Criador as fez.

E o que vemos hoje? As pessoas estão desunidas, custa-lhes entender-se. As mulheres casam-se, têm filhos. Mas não têm leite para amamentar o bebé, queixam-se constantemente do marido que o marido não as sustenta bem. Muitas vezes a mãe, logo nos primeiros meses de vida da criança, tem de ir trabalhar, deixando-a no infantário. Não há tempo nem meios para uma educação e formação dignas do filho ou filha. Os maridos, por sua vez, não consideram seu dever trabalhar a sério, bebem, têm amantes. As crianças veem as más relações entre os pais – que bem se pode esperar delas? Todas estas questões preocupavam a vidente; tentava «chegar» ao coração de cada um que a procurava, explicando verdades, na opinião dela, elementares.

Apelava também à paciência e a não exigir tudo da vida de uma vez. Não pode haver felicidade e bem-estar em todas as áreas: uns são felizes no amor mas o trabalho corre mal, outros fazem boa carreira mas adoecem frequentemente… Problemas houve, há e haverá para todos – assim é o mundo –, por isso não vale a pena correr atrás de ilusões nem construir castelos no ar. É preciso viver o presente e saber alegrar-se com o momento, amar-se a si mesmo e ao mundo. Pela alegria ou pelo sucesso não esquecer agradecer a Deus e não lhe pedir mais do que o necessário.

Vangeliya era grande admiradora do chamado Ensinamento da Fraternidade Branca. Estava convicta de que seria exatamente ele a salvar o mundo, cobrindo-o como uma flor branca. E que esse Ensinamento começaria a sua marcha histórica a partir da Rússia e depois se espalharia pelo mundo inteiro.

Palavrões – é repugnante!

Há que deter-se especialmente na atitude da nossa heroína face à linguagem obscena, ou, mais simplesmente, aos palavrões. Certo dia visitou-a um professor de filosofia russo que se queixava de que os alunos não se coibiam de expressões grosseiras, «jorravam porcaria» da boca

independentemente de estarem professores ou raparigas por perto. Aliás, até estas últimas não viam mal em soltar «palavras fortes».

Segundo o professor, após esta confidência Vanga até mudou de aspeto: o rosto empalideceu e adquiriu expressão dura, pouco habitual nela. Indignada, disse que uma «palavra podre» a fazia sentir-se como se a tivessem besuntado de vómito. Ainda criança aprendera uma antiga maldição em búlgaro arcaico e, desde então, sempre que ouvia palavrões, recitava-a mentalmente, enviando assim a maldição ao autor.

Para não ficar por palavras, pronunciou a própria maldição em voz alta, com timbre metálico na voz, em antigo búlgaro. Traduzida, significa mais ou menos isto:

Onde quer que estejas, o que quer que faças, em casa ou no trabalho só ouvirás obscenidades, palavrões nojentos. Mal abras a boca, dela sairão, como víboras, os teus insultos. E quando casares, nem a tua mulher nem os teus filhos conhecerão outras palavras senão palavrões. Não haverá entre vós outra língua! E que os teus pais ouçam as tuas palavras imundas, porque outras não saberás dizer!

Assustador e até cruel, não é? E nada no estilo da nossa heroína, que todos conheciam como pessoa bondosa e compassiva. Ainda assim, enviava essa maldição a quem começasse a dizer palavrões. Segundo ela, o efeito era exatamente o que pretendia: depois disso o autor dos insultos já não conseguia exprimir-se com palavras «normais». O professor, atónito, manifestou dúvidas sobre a correção de tal atitude, ao que Vanga respondeu:

– Terrível e desumano? – Sim! Mas pensa tu mesmo: que vida espera o autor de palavrões? Que filhos criará e como viverá em sociedade? As minhas maldições não têm nada a ver com isso; ele próprio tem de compreender que de um cano de esgoto não sai água a cheirar a rosas!

Portanto, meus senhores que gostam de, com ou sem motivo, soltar um «palavrãozinho», pensem um bocadinho se vale a pena sujar o ar. Era exatamente a isto que nos exortava a grande vidente.

PREVISÕES POLÍTICAS

«Vou dizer tudo à Jacqueline pessoalmente»

Vamos falar de uma profecia que nunca chegou ao destinatário nem a nós, porque a vidente levou-a consigo para o túmulo.

Aqui fica o antecedente. A 22 de novembro de 1963, em Dallas, no estado do Texas, um tiro pôs fim à vida do 35.º presidente dos EUA, John Fitzgerald Kennedy.

A 5 de agosto de 1963 o governo de J. F. Kennedy, juntamente com os da URSS e do Reino Unido, assinara o Tratado de Moscovo que proibia testes nucleares em três meios: atmosfera, espaço cósmico e debaixo de água. Aumentaram os ataques ferozes ao rumo político de Kennedy por parte dos círculos mais reacionários dos EUA.

E no final do verão de 1963 a profetisa teve uma visão (ou talvez tenha sido uma «voz» a avisá-la – já ninguém pode dizer ao certo) de que forma lhe chegou a informação) de um atentado contra o 35.º presidente dos Estados Unidos. O importante é que previu claramente o terrível acontecimento. Quatro meses depois a visão tornou-se realidade.

O assassínio cobarde abalou o mundo inteiro: a televisão repetia sem cessar as imagens do crime. Quem é da geração mais velha talvez se lembre de como, sob suspeita, foi detido um certo Lee Harvey Oswald, ex-fuzileiro naval de 24 anos. Uma hora depois da detenção, Jack Ruby, dono de um clube noturno em Dallas, matou-o a tiro. Alguns peritos afirmaram que os disparos não partiram de um único local e que não foram três, como se dissera inicialmente, mas seis. Nenhuma comissão de inquérito conseguiu confirmar ou desmentir.

Alguns especialistas americanos (James Fetzer, Joan Mellen e outros) reuniram todos os dados sobre o caso e analisaram-nos. Concluíram que as autoridades dos EUA tinham interesse em silenciar as causas do crime. Chegou-se mesmo a sugerir que os factos tinham sido fabricados para que certas pessoas não viessem à tona. Hipóteses foram avançadas várias vezes. A questão é saber quão convincentes são. E o que pensava Vanga sobre o assunto? Tanto os familiares da vidente como conhecidos meus da Bulgária – já idosos – contaram que ela convidou repetidas vezes a viúva do presidente a visitá-la.

Assim, o empresário búlgaro Dmitriy Gachev, hoje cidadão americano que conviveu bastante de perto com ela, confirmou que Vanga fez chegar à senhora Kennedy, através de um senador americano, o seguinte convite oral:

– Não quero falar por boca de outros; venha você mesma, Jacqueline, que eu lhe digo quem matou o seu marido.

Os serviços secretos búlgaros já estavam prontos para levar a viúva à profetisa famosa na Bulgária e no mundo inteiro. O governo transferiu o dinheiro da viagem – para estrangeiros eram 50 dólares.

Mas… provavelmente o clima político da época não permitiu à viúva viajar para a Bulgária. Ou, mais simplesmente, as pessoas que organizaram o atentado fizeram tudo para impedir o encontro. Se por trás do assassínio do presidente estavam tais forças, permitiriam elas que o segredo fosse revelado? Só nos resta lamentar que nunca viéssemos a saber quem foi o verdadeiro culpado. A personalidade fantástica que foi Vanga levou esse segredo consigo para a sepultura…

O Vestido Cor de Laranja

Que poderia saber uma mulher quase analfabeta e, ainda por cima, cega, da província profunda, sobre a situação política? Na realidade Vangeliya sabia tudo sobre o mundo que a rodeava, compreendia perfeitamente russo e dominara na escola para cegos o alfabeto Braille. Mas preferia exprimir-se no dialeto macedónio, de difícil compreensão, e como tradutora servia a irmã Lyubka, que viveu com ela praticamente até ao fim.

As dificuldades e cataclismos da civilização moderna não lhe passavam ao lado. Recordemos que indicou exatamente a data do início da Segunda Guerra Mundial, previu a morte do czar búlgaro Boris III. Seis meses antes da morte de Estaline anunciou-a. Sabia de antemão da invasão das tropas soviéticas em Praga em 1968.

A primeira-ministra da Índia, Indira Gandhi, também não escapou à atenção da vidente. Na capital da Bulgária, sete meses antes das eleições, previu a sua vitória em eleições legislativas antecipadas, que apanhou todos de surpresa.

E em julho de 1969 conseguiu prever o seu fim trágico:

– Vejo esta mulher digna no meio de fumo e fogo, e está vestida com um vestido cor de laranja!

Feita muitos anos antes da morte de Indira Gandhi, a previsão cumpriu-se a 31 de outubro de 1984. A primeira-ministra indiana tinha marcado para esse dia um encontro com o conhecido escritor e ator inglês Peter Ustinov. Durante o encontro decidiu-se fazer também uma pequena entrevista com tão ilustre personalidade, que seria transmitida na televisão.

Indira Gandhi, sendo mulher muito culta, conhecia a literatura de muitos países, incluindo a inglesa, e preparou-se para o encontro com especial prazer. Escolher o traje mereceu atenção especial. A primeira-ministra experimentou muitos exemplares de roupa nacional indiana, fatos de gala e de trabalho. Por fim escolheu um vestido cor de açafrão, ou seja, laranja-amarelado. Em primeiro lugar ficava-lhe muito bem, e em segundo lugar ficaria bonito na televisão. Vestiu o colete à prova de bala e o vestido, olhou-se ao espelho e achou que o colete lhe dava um ar demasiado cheio.

Após breve hesitação, tirou o colete – afinal confiava na segurança, não haveria estranhos… Esta vaidade tão feminina é perfeitamente compreensível, mas neste caso foi fatal. Ao passar, sorridente, pela guarda, caiu vítima do assassínio cobarde dos próprios guarda-costas. E o seu vestido cor de laranja, que Vanga «vira» tão claramente, desapareceu no fumo acre e no fogo. Enquanto ela morria crivada de balas, Peter Ustinov esperava-a com a equipa de filmagem. Essas pessoas contaram que ouviram primeiro três tiros isolados e depois uma rajada de metralhadora. Ainda hoje o nome de Indira Gandhi é pronunciado em todo o mundo com respeito: entrou para a história como a primeira mulher a chefiar o governo da Índia e uma das líderes do movimento dos não-alinhados.

O Caso Wallenberg

O diplomata sueco Raoul Wallenberg, de 32 anos, recebeu no fim da guerra (1944) uma missão secreta: libertar dos campos nazis em Budapeste judeus húngaros. Cumpriu-a: forneceu passaportes suecos a vários milhares de judeus. Em 1945, quando o Exército Soviético entrou na Hungria, Wallenberg e o seu motorista Langfelder foram presos e enviados para a URSS. Foram considerados socialmente perigosos, mas não lhes foi apresentada qualquer acusação concreta.

Desde então nada se soube do destino destas duas pessoas. Segundo uma versão, foram metidos nos calabouços de um campo de concentração. Havia também a hipótese de Wallenberg ter fugido – para a América Latina, mudado de nome e ainda hoje viver lá com documentos falsos. Pouco antes de morrer, Vanga recebeu uma fotografia do diplomata. Depois de a «ver» atentamente e a ter nas mãos alguns minutos, disse que ele já não estava vivo. E acrescentou pormenores: por ordem pessoal de Béria, fora preso e lançado para um dos campos de Estaline, onde ele e o motorista foram executados pouco depois.

Em dezembro de 1995 o processo pessoal de Wallenberg foi desclassificado e confirmou-se tudo o que a vidente dissera. O diplomata sueco tentou contactar a embaixada da Suécia em Moscovo, escreveu a Estaline, apelou à Cruz Vermelha. Se Estaline respondeu, não se sabe, mas todas as outras instâncias declararam que o destino dele não interessava nem ao governo sueco nem à missão diplomática em Moscovo. Os documentos do caso na Rússia foram destruídos, segundo pessoas entendidas, para ocultar os vestígios do fuzilamento ilegal de dois cidadãos suecos.

Após investigação, as autoridades competentes concluíram que os dois cidadãos suecos tinham sido reprimidos por motivos políticos e, por isso, lhes era aplicável a lei «Sobre a reabilitação das vítimas de repressões políticas». A 22 de dezembro de 2000 o Procurador-Geral da Federação Russa, Vladimir Ustinov, assinou o decreto de reabilitação de Wallenberg e do seu motorista. Os certificados que atestam a sua inocência foram entregues aos embaixadores da Suécia e da Hungria em Moscovo, e o nosso governo expressou condolências aos familiares e próximos de Wallenberg e Langfelder.

«Vejo Dois Kirsanov…»

Muitos dos que visitaram Vanga notavam que, ao contrário de outros profetas, ela não fazia previsões vagas e nebulosas, mas sim claras e precisas. No entanto, por vezes a sua fala era imagética e alegórica, por vezes as previsões pareciam estranhas e incompreensíveis, provocando um sorriso cético em quem perguntava. Só mais tarde se tornava claro o que a vidente dissera e o que realmente quisera dizer.

Foi o que aconteceu com o presidente da Calúcia, Kirsan Iliúmjinov. Ele respeitava e venerava Vanga, visitava frequentemente Rupite e ficava sempre impressionado com a exatidão das suas previsões. No verão de 1995, numa das suas visitas, Iliúmjinov ouviu:

– Vejo dois presidentes Kirsan.

O político ficou extremamente surpreendido com uma previsão tão estranha e fantasiosa. Só algum tempo depois se percebeu o que Vanga queria dizer: o presidente da Federação Internacional de Xadrez, Campomanes, demitiu-se e, em seu lugar, foi eleito… Iliúmjinov! Assim, ele tornou-se realmente presidente em dose dupla.

A vidente indicou ao líder da Calúcia onde procurar um jazigo de petróleo e onde construir uma refinaria. Aconteceu da seguinte forma: Iliúmjinov pediu-lhe que indicasse o local mais adequado. Vanga pediu um mapa da Calúcia e começou a passar pensativamente as palmas das mãos sobre ele. Três minutos depois, apontou confiantemente para um ponto: «aqui!». Claro que Iliúmjinov, embora confiasse nas capacidades extraordinárias de Vangelia, achou por bem precaver-se e encarregou uma equipa de especialistas de desenvolverem o seu próprio projeto e determinarem o local mais favorável para a construção da refinaria. O trabalho dos técnicos durou vários meses; por fim, apresentaram-se ao presidente com o relatório:

– Está pronto! Verificámos tudo minuciosamente, calculámos e avaliámos. Aqui está o ponto onde a refinaria ficará perfeitamente situada – e indicaram um símbolo no mapa.

Iliúmjinov sorriu e, dizendo «vamos já verificar», tirou e desdobrou o mapa sobre o qual Vanga tinha «feitiçado». Para espanto geral, os símbolos nos dois mapas coincidiam exatamente no mesmo lugar! Hoje existe ali uma grande refinaria de petróleo.

«Gorbatchov subirá ainda mais!»

Há informações de que muitos políticos russos se interessavam pelas profecias da avó Vanga. Uma pequena parte vinha incógnita, como por exemplo L. I. Brejnev. Mal entrou na casinha, perguntou: «Sabes quem eu sou?», ao que obteve a resposta irónica: «Sim, sei, és um grande chefe». Infelizmente, o conteúdo da conversa nunca chegaremos a saber. A maioria

dos poderosos deste mundo, porém, não vinha pessoalmente, mas enviava emissários que, em seu nome, conversavam com a vidente e depois transmitiam o que ela dissera. Assim, a Rupite chegaram enviados de Ziuganov, Jirinovski, Iavlinski, Lebed e Lujkov. M. S. Gorbatchov nunca conseguiu encontrar-se com Vangelia, mas sabemos que ela, que nunca deixava a Rússia sem atenção, também fez previsões sobre a sua carreira política.

As palavras «democracia» e «perestroika» entraram firmemente no nosso quotidiano quando Mikhail Sergueievitch chegou ao poder. Como resultado da perestroika, caiu o regime totalitário na URSS e, em 1990, o poder no país passou do PCUS para o Congresso dos Deputados do Povo. Foi o primeiro parlamento eleito de forma livre e democrática. Voltando um pouco atrás, recordemos que, desde março de 1985, Gorbatchov ocupava os mais altos cargos do poder estatal: primeiro como Secretário-Geral do Comité Central do PCUS, depois como Presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS e Presidente do Soviete Supremo da URSS. Parecia que não podia haver cargo mais alto.

No entanto, em julho de 1989, numa conversa com jornalistas, Vanga deixou todos espantados ao afirmar: «Podem ter a certeza: Gorbatchov ainda subirá mais alto». Como muitos dos seus prognósticos, também este pareceu inicialmente inverosímil. Mas oito meses depois todos compreenderam quão certa estivera a vidente. O terceiro Congresso Extraordinário dos Deputados do Povo (15 de março de 1990) elegeu Mikhail Sergueievitch Gorbatchov Presidente da URSS. Foi nesse congresso que se instituiu efetivamente o novo cargo mais alto do governo: criou-se o instituto da presidência. E Gorbatchov tornou-se o primeiro e último a ocupá-lo na então URSS.

Esse governante, pelo visto, era-lhe simpático: quando recebia russos, queixava-se frequentemente de que a nossa nação tinha feito muitas coisas, mas que criticavam Gorbatchov injustamente. «Vocês ainda hão de lembrar-se de como era bom no tempo dele» – assim terminou uma das conversas.

Vanga nunca conseguiu encontrar-se com o Presidente da URSS, embora tivesse manifestado várias vezes esse desejo. Sonhava também visitar Paris e outras cidades do mundo, especialmente Moscovo. Mas passear pela Praça Vermelha ou entrar no Kremlin nunca lhe foi possível.

As autoridades búlgaras consideravam Vanga um património nacional e não a deixavam sair para além de Sófia.

O Presidente Seguinte

Para o cargo de presidente seguinte, já da Rússia e não da URSS, candidataram-se várias pessoas cujos nomes as gerações mais velhas certamente recordam. Interessante é a opinião de Vanga: «não, não serão nem Ziuganov nem Lebed, mas uma figura completamente nova e inesperada».

Também a Boris Nikolaievitch Ieltsin ela dedicava sentimentos calorosos e pediu-lhe várias vezes que viesse a Rupite. Nessa altura já tinha consciência do seu estatuto de «não viajante» e deixara de esperar visitar Moscovo. Mas a todos os políticos que vinham de Moscovo pedia que lhe trouxessem o relógio do Presidente. Não há testemunhos de que o pedido tenha sido atendido, nem ninguém sabe para que precisava ela daquele objeto. É pena que mais um mistério da grande profetisa tenha ficado por desvendar.

Ieltsin, devido à extrema ocupação, também não conseguiu satisfazer outro pedido – vir pessoalmente –, mas enviou emissários várias vezes. Em particular, Vanga foi visitada pelo seu assessor de imprensa, S. K. Medvedev, que alguns meses depois voltou. Medvedev nunca revelou o conteúdo das conversas, limitando-se a dizer que Vanga desejava muito encontrar-se com Ieltsin e que ele seria certamente reeleito para um segundo mandato. No entanto, pediu que o avisassem de que depois disso começariam os problemas.

A 12 de abril de 1996, numa entrevista ao jornal «Novoe Russkoe Slovo», publicado em Nova Iorque, Vanga reiterou a convicção da vitória indiscutível de Ieltsin nas eleições e afirmou também que o regresso dos comunistas não ameaçava a Rússia. E assim aconteceu: a 3 de julho de 1996 realizou-se a segunda volta das eleições presidenciais na Rússia. Milhões de cidadãos do país, apesar do calor sufocante, votaram pela continuação das reformas de B. N. Ieltsin. Nessa altura, os responsáveis pela campanha eleitoral de Boris Nikolaievitch mantiveram em segredo as previsões de Vanga. E fizeram bem, sem dúvida: não se deve influenciar a consciência das massas, pelo que a escolha do povo foi voluntária e consciente.

Pouco antes da visita de Ieltsin a Espanha, a vidente transmitiu aos emissários do Presidente que ele acabaria… debaixo da faca do cirurgião. E, de facto, pouco depois precisou de uma operação urgente.

Catástrofes

Em 1980, a avó Vanga fez uma declaração que ninguém levou a sério na altura. No final do segundo milénio, em agosto de 1999 ou 2000, Kursk ficará debaixo de água e o mundo inteiro chorará os mortos. Muitos pensaram que os tradutores tinham entendido mal as suas palavras ou cometido um erro de tradução, o que, aliás, não seria de estranhar: o dialeto macedónio em que a profetisa falava era difícil de traduzir. A incredulidade torna-se compreensível quando olhamos para o mapa da Rússia: a cidade de Kursk, situada na zona de floresta-estepária, fica muito longe de grandes rios ou lagos.

Se falarmos do antecedente da tragédia, podemos recordar que os marinheiros do submarino eram muito amigos dos habitantes da cidade homónima. Os habitantes de Kursk enviavam aos submarinistas alimentos e roupas quentes, e servir no «Kursk» era para eles uma grande honra. Os submarinistas eram hóspedes frequentes e bem-vindos na terra de Kursk. Como se costuma dizer, a profecia ganhou carne e sangue vinte anos depois. Afundou-se o submarino nuclear «Kursk» e a sua perda foi realmente chorada pelo mundo inteiro…

Não menos fenomenal foi a profecia feita por Vangelia em 1989. Referia-se aos Estados Unidos e começava com a palavra «Medo!» – cairão os irmãos americanos, serão bicados por aves americanas, correrá em rio o sangue inocente. E do arbusto uivarão lobos…

Naturalmente, na altura também ninguém entendeu nem levou a sério. Mas a 11 de setembro de 2001 tudo se encaixou. Vanga falava do maior atentado terrorista em Manhattan – o mundialmente conhecido centro comercial de Nova Iorque. As aves de ferro – os aviões – dirigidos pelos islamistas contra os arranha-céus destruíram-nos e ceifaram a vida de milhares de pessoas inocentes que, naquela altura, trabalhavam tranquilamente nos edifícios. E como esses edifícios ficavam lado a lado e eram muito semelhantes, chamavam-lhes irmãos ou gémeos. Parece claro, mas pode surgir a dúvida: que relação tem o arbusto com esta tragédia? O facto é que essa palavra, em inglês, soa como «Bush».

Ela Amava a Rússia

Em geral, a nossa heroína não apreciava muito temas nem discussões políticas e aos compatriotas que a visitavam avisavam para não perguntarem sobre Gorbatchov nem sobre a perestroika. Apesar disso, partilhou repetidamente com jornalistas, políticos e outros visitantes a sua visão do futuro da Rússia. Todos notam que ela amava o nosso país e lhe predizia um grande futuro. No final dos anos 70, Vangelia previu que a União Soviética se desintegraria, que a velha Rússia regressaria e se chamaria como no tempo de São Sérgio – Rus. Todo o mundo reconhecerá a sua superioridade, inclusive a América.

Dava grande importância às relações entre estas duas grandes potências e, quando Reagan e Gorbatchov se apertaram a mão, chamou a esse acontecimento um momento decisivo. Repetidamente a vidente falou de um certo «Oitavo», com cuja chegada se estabeleceria a paz definitiva no planeta. Alguns analistas políticos estão convencidos de que se referia ao «G7», ao qual a Rússia se juntou, tornando-se assim o oitavo membro. Não é impossível que Vanga tivesse em mente o ano de 2008. Mas, como vemos, até à paz total e universal ainda falta muito. Ela, porém, avisava que isso não aconteceria antes de sessenta anos. Antes disso, aproximar-se-ão três países: Rússia, Índia e China.

O mundo sofrerá mudanças, «tudo derreterá como gelo», mas a glória da Rússia, a glória de Vladimir, segundo ela, será imperecível, e no fim das contas o nosso país tornar-se-á senhor do mundo. Mais uma vez não é claro a que Vladimir se refere a vidente. A Lenine? Ao príncipe Vladimir? Ou talvez a Putin, ou a outro que o sucederá? Seja como for, a sua certeza no crescimento da glória e do prestígio da Rússia no mundo inteiro inspira otimismo. Até porque muitas profecias referentes ao nosso país se cumpriram: previu a chegada de Gorbatchov ao poder, a desintegração da URSS, a vitória de Ieltsin, o Kursk submerso e outras.

O jornal «Duma» (de 12 de agosto de 1996) cita estas palavras de Vanga: «A Rússia é a mãe de todos os estados eslavos. Aqueles que dela se afastaram regressarão sob nova aparência. A Rússia não desistirá do caminho das reformas, que no fim das contas a levarão ao crescimento da sua força e do seu poder».

A filha do dirigente búlgaro Todor Jivkov – Liudmila – era muito amiga da profetisa, e sobre isso falaremos mais adiante. Guardava um grande arquivo de relatos e previsões de Vanga sobre o nosso país, que desapareceu após a morte de Liudmila. Krassimira Stoianova supõe que foi confiscado pelos serviços secretos, talvez destruído, mas também é possível que esteja escondido em lugar seguro. Vanga apelava aos «novos russos» para que fossem prudentes, não vendessem empresas estatais, não passassem por cima de cadáveres para se enriquecerem, cuidassem dos idosos e das camadas mais desprotegidas da população… Infelizmente, nenhum desses apelos foi não só atendido, como nem sequer chegou aos destinatários.

Na época da União Soviética, o país natal da vidente estava muito ligado aos russos. Durante algum tempo até circulavam rumores de que a Bulgária em breve se juntaria à URSS. Mas com a destruição da União vieram tempos difíceis para ambos os países: miséria, desemprego, enriquecimento fulminante de um pequeno grupo de pessoas e queda abrupta do nível de vida dos restantes. Mesmo assim, Vanga continuou a ser uma amiga fiel e defensora da Rússia. Por vezes, os seus compatriotas, desalentados pela falta de dinheiro, desesperados e já sem acreditar em nada de bom, criticavam o nosso país, que, na sua opinião, traíra a Bulgária. A vidente não concordava com eles, pedia a todos que acreditassem na Rússia e assegurava que ela não abandonaria os búlgaros. Mais ainda: considerava que sem a Rússia a Bulgária não tinha futuro.

A última previsão sobre o nosso país foi sem palavras e, por isso mesmo, muito eloquente: limitou-se a desenhar com a mão no ar um grande círculo…

PESSOAS FAMOSAS EM CASA DE VANGA

O Pedido de Gagarin

Até aos últimos dias de vida de Vanga, o caminho para Rupite nunca se cobriu de ervas. Vanga tinha especial fraqueza pelos «russos», como na Bulgária chamavam os russos. Para ela era indiferente que se tratasse de uma grande personalidade ou do mais comum dos representantes da nossa nação. A fila de espera estendia-se por vários meses, por vezes um ou dois anos. Alguns preferiam manter o anonimato, outros contavam pessoalmente os encontros que lhes ficaram gravados na memória para o

resto da vida. Vamos agora falar das recordações mais interessantes e marcantes de personalidades conhecidas, tanto da Rússia como da Bulgária. Claro que poucos faziam registos diários, por isso o relato destas visitas memoráveis está longe de ser completo.

A notícia da morte do favorito de todos – o primeiro cosmonauta do mundo, Iúri Alekseievitch Gagarin – ecoou como uma dor profunda não só nos corações russos, mas de todos os habitantes do planeta. Ganhou carácter lendário a história do encontro da vidente com o conhecido ator Viatcheslav Tikhonov.

1979… Mal Tikhonov pôs os pés na casinha de Rupite, Vanga exclamou:

– Curioso, mas porque não cumpriste o pedido do teu amigo Iúri Gagarin? Ele pediu-te que comprasses um despertador, não foi?

Depois disto, o famoso ator ficou em estado de choque: realmente tinha havido essa conversa entre ele e o primeiro cosmonauta do mundo, mas na pressa e na emoção com o voo iminente do amigo para o espaço, esquecera-se completamente. Além disso, do pedido de Iúri Alekseievitch só estavam ao corrente duas pessoas: o próprio Tikhonov e Gagarin. Segundo testemunhas, foi preciso dar valeriana ao ator, tal foi o impacto do lembrete de algo que ele próprio já tinha esquecido.

Oficialmente anunciou-se: a 27 de março de 1968, durante um voo de treino num avião a jato perto da aldeia de Novossiolovo, no distrito de Kirjatch, região de Vladimir, morreu o filho da Terra, Iúri Alekseievitch Gagarin. No entanto, houve também algumas omissões e circunstâncias não esclarecidas. Os jornalistas tentaram esclarecer a questão, fizeram investigações próprias, mas não obtiveram colaboração. A versão oficial da comissão governamental era aquela – ponto final!

Tanto mais interessantes são as palavras ditas pela profetisa, embora ela tivesse pedido que não fossem divulgadas num futuro próximo: Gagarin não morreu, foi levado. Por quem? – deve-se pensar, pelos Mundos Superiores ou por extraterrestres. Muitas vezes acontece que, quando o corpo de uma pessoa famosa não é encontrado no seu estado «natural», isso dá origem a inúmeros rumores e interpretações deturpadas. Foi o que aconteceu com o nosso primeiro cosmonauta. Vanga afirma que, antes da catástrofe, extraterrestres penetraram de alguma forma no avião pilotado

por Gagarin e Seryogin. Foram eles que levaram o primeiro cosmonauta da Terra e agora ele vive lá tranquilamente, olhando para todos nós. Mas, quem sabe, talvez Iúri Alekseievitch ainda desça até nós…

Valentin Sidorov

O autor do livro religioso-filosófico que na época fez furor «Sete dias nos Himalaias», V. M. Sidorov, era amigo de Liudmila Jivkova e encontrou-se várias vezes com a «vidente», como na Bulgária chamavam a profetisa. Valentin Mitrofanovitch é presidente da associação internacional «Paz através da Cultura».

Na novela recentemente publicada «Liudmila e Vangelia», ele relata os encontros com duas notáveis filhas da Bulgária. Convido os leitores a folhear as suas páginas.

V. Sidorov diz que, embora em geral tenha boa opinião dos extrasensas, está longe de lhes confiar cegamente, muito menos de seguir todas as recomendações relativas à saúde. E só um fenómeno, segundo ele, merece confiança – claro, a «portadora de boas-novas», ou seja, Vangelia. Vários conhecidos do escritor já tinham estado em casa da «vidente» e deixaram-no extremamente intrigado com relatos verdadeiramente fantásticos sobre as suas capacidades extraordinárias. Por fim, Valentin Mitrofanovitch decidiu que «valia mais ver uma vez do que ouvir cem».

E foi assim que, em julho de 1979, Liudmila Jivkova organizou o primeiro encontro dele com a profetisa. Mas esse encontro não se realizou em Petrich, e sim em Sófia, para onde Vanga foi levada de propósito, certamente a pedido da filha do líder búlgaro. Tanto esse como os encontros seguintes decorreram em ambiente de confidencialidade: ninguém perturbava as conversas nem ninguém as podia escutar. Só estavam presentes Liudmila, na qualidade de tradutora e amiga de ambas as partes, e a irmã de Vanga, Liubka, sua companheira inseparável. O autor da novela reparou imediatamente na expressão «maliciosamente bondosa» do rosto de Vanga, que as órbitas vazias de modo algum estragavam. Ela recebeu o visitante de forma ruidosa e calorosa, acrescentando um cumprimento que Sidorov, por modéstia, preferiu não transcrever.

Ele não fez nenhuma pergunta e a vidente iniciou ela própria a conversa. A primeira questão – «E tu, estiveste em Leninegrado?» – surpreendeu o escritor; ela insistiu que ele tinha obrigatoriamente de lá ir

pelo menos três ou quatro vezes por ano. «Logo que tenhas oportunidade, vai imediatamente a Leninegrado. Lá esperam-te não só os vivos, mas também os mortos.» Ele notou a forma de tratamento – só «tu» –, a categoricidade das perguntas e das respostas. Por vezes ela cometia pequenos erros, mas corrigia-se logo a rir. Não tolerava astúcia nem mentiras.

Vangelia mostrou grande interesse pela obra do hóspede de Moscovo, aconselhou-o a escrever poesia e alegrou-o ao dizer que «tens muito conhecimento e terás ainda mais». Mas esse conhecimento tinha de ser obrigatoriamente transmitido às pessoas. Recomendou-lhe que trabalhasse mais ao ar livre, no jardim ou num bosque, ainda melhor junto a um rio. Ao mesmo tempo, sugeriu que criasse com calçado leve, porque o calçado pesado «atrapalha o céu».

O horário mais adequado para ele era a manhã, até às dez horas, e antes disso não devia comer nada, ou seja, só devia levantar-se da secretária quando sentisse fome. Em geral, conta o escritor, Vanga não lhe aconselhava trabalhar depois do anoitecer, apenas durante o dia. Porquê? Ela própria respondeu: para escrever uma boa obra é indispensável a ajuda do alto, e à noite essa ajuda é pouca ou nenhuma. O melhor dia para o seu trabalho criativo era a terça-feira. O livro em que estava a trabalhar devia deixar aberto durante a noite para que absorvesse a energia das estrelas e dos astros celestes.

Passado algum tempo, o visitante reparou que Vanga, a quem ele e Liudmila tinham como que apanhado de surpresa, começava a mostrar sinais de cansaço. «Viemos com novas vibrações e a vidente não estava preparada para elas», aventou a sua companheira. E, de facto, ela desapareceu na divisão ao lado, mas poucos minutos depois reapareceu, refrescada e pronta a continuar. Enumerou os nomes de todos os familiares do escritor moscovita, disse que ele morava no sexto andar, diagnosticou a doença da mãe dele (gota). Tudo absolutamente exato; chegou a dar-lhe várias receitas de medicina tradicional para a mãe.

Num dos encontros seguintes, a vidente perguntou ao «russnak» onde estavam os pais dele. «Agora estão em Voronej, onde haviam de estar?!» «Eh, não, não… agora estão contigo, na capital da Rússia, em Moscovo.» Valentin Mitrofanovitch nem conseguia imaginar tal coisa e pensou que, dessa vez, a vidência tinha falhado à portadora daquele dom. Mas qual não

foi o seu espanto quando, ao regressar ao hotel e telefonar para o apartamento em Moscovo, ouviu a voz da mãe! Os pais tinham vindo inesperadamente a Moscovo tratar de assuntos e Sidorov não sabia.

No final de 1979, o autor de «Sete dias nos Himalaias» voltou a encontrar-se com a profetisa, novamente apresentado por Liudmila Jivkova. Vangelia, que, como já sabemos, não sabia fingir nem dissimular, confessou que não se lembrava absolutamente daquele visitante. Mas insistiu outra vez na necessidade de ir a Leninegrado. O escritor ficou bastante surpreendido com a repetição obstinada da mesma recomendação. Eis a resposta que ele transcreve no seu livro:

«Lá morreram muitos. As almas deles rezam e criam um espaço purificado, e nesse espaço purificado manifestar-se-ão espíritos extraordinários. Do ponto de vista espiritual, Leninegrado está hoje acima de Moscovo.»

O facto de a cidade ter sido rebaptizada São Petersburgo foi por ela acolhido com aprovação: o czar Pedro alegrar-se-ia com essa mudança.

O livro de Valentin Sidorov contém ainda muitas informações interessantes, mas, infelizmente, devido ao limite de espaço, não posso citar a maior parte. Detenho-me apenas num facto: tanto Vanga como a sua amiga de alta posição eram grandes admiradoras da obra de Nikolai Roerich e do ensino da agni-ioga.

Decidindo pôr a vidente à prova mais uma vez, o escritor perguntou-lhe de que cor eram os olhos daquele famoso pintor. Não é impossível que quisesse simplesmente troçar dela: corria a ideia generalizada de que eram pretos ou castanhos. Mas a brincadeira não resultou; a velhinha, sem hesitar, respondeu: «Azuis-azuis, celestiais, como os de Cristo.»

«Não tenhas pressa de acabar o livro!»

Essas palavras da vidente foram dirigidas a Leonid Leonov, conhecido escritor russo. Este foi várias vezes hóspede de Vanga e conversava sempre com ela de coração aberto, acreditando nas suas previsões. Quando trabalhava num novo romance, Vanga predisse-lhe que os manuscritos arderiam no fogo. O escritor, não acreditando na profecia, decidiu precaver-se e levou os materiais da dacha, onde costumava trabalhar, para o

apartamento na cidade. Mas… foi precisamente no apartamento da cidade que deflagrou um incêndio e todos os manuscritos arderam de facto.

No início dos anos 70, Leonid Maksimovitch, que tinha um bom conhecido na Bulgária, pediu-lhe que entregasse uma carta à vidente. Do que tratava a carta? O caso é que Leonov começara em 1939 a escrever o romance «A Pirâmide». O texto foi reescrito e aumentado muitas vezes, mas o autor continuava insatisfeito. Finalmente, decidiu destruir por completo o manuscrito quase pronto para publicação, mas achou por bem consultar primeiro Vangelia.

Ela respondeu-lhe por escrito: não aprovou a intenção de destruir o que escrevera; pelo contrário, disse que o romance alcançaria grande notoriedade e seria traduzido para muitas línguas. Claro que era preciso acrescentar e alterar algumas coisas. E, como posfácio, acrescentou: quando acabares de escrever este romance, a morte alcançar-te-á.

Como é natural, Leonov ficou desconcertado e assustado com tal prognóstico; por isso, durante vinte anos foi retocando e completando «A Pirâmide». Nesse período sofreu uma perda dolorosa: morreu-lhe a mulher. Depois de recuperar um pouco, o escritor dirigiu-se a Vangelia com uma censura: porque não lhe previra uma dor tão grande? A resposta foi: «Então, o que é isso, eu até te mandei há pouco tempo um presente – uma chávena de café – só uma!»

E «A Pirâmide»? Em abril de 1994 o romance foi finalmente publicado e, quatro meses depois, Leonid Leonov morreu com 95 anos.

Recorda Alla Demidova

Houve uma época em que esta conhecida atriz de teatro e cinema se entusiasmou pelas ciências esotéricas. No fim de contas, qualquer pessoa, mesmo alheia a adivinhações e forças do além, dificilmente resiste à tentação de comunicar com o desconhecido, sobretudo com um fenómeno de que toda a gente fala no mundo inteiro.

Alla Sergueievna, estando na Bulgária em tournée, decidiu visitar a celebridade. Sabendo dos desejos de Vanga, levou consigo um torrão de açúcar. Segundo a atriz, a velhinha, ao pegá-lo, perguntou logo se ela tinha pai. E acrescentou que ele estava morto e encontrava-se ali ao lado dela. Alla Demidova ficou algo desapontada. Depois, a vidente perguntou

porque a via de uniforme militar. «Ah, sou eu no papel de Angelika no filme "O Escudo e a Espada"». «Bem, isso até pode não ser mau, mas fica sabendo: representar não é o teu ofício, tu és uma investigadora científica nata.»

Seguiram-se perguntas sobre que espetáculos trazia a companhia e quantas pessoas eram. Alla Sergueievna não conseguiu dar uma resposta exata, mas disse que seriam cerca de quarenta. «Não, eu vejo que são muito mais, cerca de cem», respondeu a vidente. Demidova conta que depois contou especialmente os que tinham vindo em tournée e eram exatamente esse número, como Vanga dissera. E, antes de se ir embora, a vidente passou-lhe maternalmente a mão pelas costas, abraçou-a e pediu-lhe que andasse menos de saltos altos.

O encontro não passou sem deixar marca na estrela de teatro e cinema. Conta que regressou a Moscovo renovada, cheia de forças e completamente saudável. Convencida do dom misterioso de Vanga, a atriz dizia que o desconhecido e o transcendente existem realmente. E ainda – que estava a fazer uma coisa que não era a sua.

«Os travões do carro estão avariados»

O correspondente da revista «Ogoniok», Serguei Vlassov, sonhava há muito visitar a famosa vidente, mas a fila de espera, como se sabe, durava meses. Por sorte, o seu amigo búlgaro, o escritor Serafim Severniak, tinha-se inscrito previamente. Na revista «Fogos da Bulgária» (n.º 11, 1982, pp. 22-24) foi publicado o relato do correspondente sobre a memorável visita, realizada em maio de 1982.

Na porta estava escrito «Para o presente ano as marcações estão encerradas», uma longa fila de pessoas à espera e… os dois homens encontravam-se já diante da vidente. Sentaram-se discretamente num canto e puderam observar o desenrolar do atendimento. Todos os visitantes traziam torrões de açúcar; Vanga punha-o na palma esquerda e dava uma leve palmada com a direita, como se escutasse o que os cristais diziam.

Quarenta minutos depois ouviu-se a voz da vidente: «Que se aproxime aquele que veio de longe. Sim, aquele que está sentado no canto.»

O jornalista, por desconhecimento ou esquecimento, não trouxera açúcar, mas isso pareceu não incomodar muito Vanga. Pediu-lhe que

tirasse o relógio e lho entregasse – sabe-se que os relógios contêm rubis, ou seja, cristais. Serguei Vlassov ficou estupefacto ao ver que uma mulher idosa, cega e que nunca o conhecera, começou a contar tudo sobre ele e sobre os seus familiares. O local de residência, o carácter e as doenças dos parentes, o momento em que o próprio visitante sentia maior impulso criativo… Vlassov ainda não recuperara do espanto quando a avó Vanga pegou na mão do seu acompanhante, o búlgaro Severniak, e disse, descontente: «O que é isso, queres matar-te? Porque andas há mais de um mês com os travões avariados?» Agora era a vez de Serafim se surpreender.

Mas Vlassov era jornalista e não ia embora assim sem tentar perceber como era que ela «via» tudo aquilo. A pergunta não agradou de início à vidente – respondeu de má vontade: «Nunca disse a ninguém e a ti também não digo.» Mas depois, compadecida com o curioso «russnak», fez um gesto com a mão: «Bem, seja. Não vejo, ouço uma voz longínqua, como se fosse ao telefone.»

«Terão de ficar mais tempo na Bulgária»

O jornalista internacional Aleksandr Kapralov, que na altura trabalhava na Bulgária, contou o seu encontro com a famosa vidente. Em 1988, juntamente com o colega, correspondente da TASS Andrei Smirnov, foi de «Volga» preta até Rupite. Os homens olhavam extasiados para as montanhas Rila, que se estendiam ao longo da estrada. Era outono e o colorido da natureza circundante não deixava ninguém indiferente.

Ao aproximarem-se da casa de Vanga, os jornalistas ficaram impressionados com a quantidade de pessoas de pé, sentadas ou até deitadas no chão, à espera da sua vez. Como se veio a saber, havia também muitos russos. O starosta cobrava cinquenta dólares a cada estrangeiro que tivesse marcação garantida. Mas Kapralov e Smirnov, como ilustres hóspedes soviéticos, foram recebidos fora de turno e gratuitamente.

Vanga estava sentada à mesa no pátio e convidou os homens a sentarem-se em frente. Um pouco envergonhados por estarem a roubar o precioso tempo da vidente e das outras pessoas necessitadas, os jornalistas hesitaram no início e não sabiam o que perguntar. Kapralov, que entregara açúcar a Vanga, perguntou, assim como para cumprir tabela, quanto tempo lhe faltava estar na Bulgária. A resposta foi: «Dez.» Ele não conseguia

acreditar e pensou que o instinto profético falhara à anfitriã. O prazo da missão eram no máximo cinco anos, nunca tantos quantos ela dissera.

Andrei Smirnov não perguntou nada; explicou apenas que viera despedir-se de Vanga: a sua missão terminara, as malas estavam feitas e dentro de dias regressava a Moscovo. «Não vais a lado nenhum, volta para Sófia. Por enquanto a tua casa é na Bulgária. Ainda vais viver aqui mais um ano.» Agora era a vez dele de se espantar. Mas Vanga foi inflexível: com um «aíde, aíde» despediu-os carinhosamente.

À noite já estavam em Sófia e aí compreenderam que a vidente tinha toda a razão. Chegara ao posto da TASS um telex a informar que a missão de Smirnov era prolongada por mais um ano. E Kapralov trabalhou realmente na Bulgária dez anos.

Válvula de Platina

Conhecido especialista em física, o professor Marin Marinov trabalhara em jovem, com a mulher Lena, na cidade de Dubna, nos arredores de Moscovo. Tiveram um filho, Dimitar, com uma doença congénita do sangue – leucemia. A doença tinha forma aguda e o menino estava internado.

Preocupado, Marin, ao encontrar-se na Bulgária, foi ter com Vangelia na esperança de obter um prognóstico sobre a criança. Ela disse que aquele cujo nome começava pela letra «K» morreria em breve. Na mesma enfermaria de Dimitar estava um menino chamado Kirill, cujo estado era bastante melhor do que o do seu filho. Mas pouco depois Kirill morreu e o cientista compreendeu que, de forma tão delicada e velada, lhe fora anunciada a morte de Dimitar. E, de facto, alguns meses depois o filho faleceu.

Passado algum tempo, os Marinov tiveram outro filho, também chamado Dimitar. Provavelmente muitos sabem que não é bom dar a um recém-nascido o nome de um familiar falecido prematuramente, mas não é disso que se trata. Aos 14 anos, o adolescente foi-lhe diagnosticada uma patologia cardíaca: a válvula mitral não fechava. Propuseram inserir uma válvula artificial de platina, cujo custo rondava meio milhão de dólares. O cientista não tinha esse dinheiro, mas no Canadá, através de amigos, aceitaram colocar o órgão com a condição de que, após a morte de Dimitar, fosse devolvido. Os pais, não vendo outra saída, estavam prestes a aceitar,

mas decidiram consultar mais uma vez a vidente. Ela aconselhou-os a recorrer ao conhecido cardio-cirurgião Tchirkov. «Vai ter com ele, ele há de ajudar-te com certeza.» Marin ouvira falar desse homem, mas sabia também que era impossível chegar até ele. Vanga, porém, dissipou as dúvidas, garantindo ao visitante que o encontro se realizaria sem falta.

Durante muito tempo não conseguiram chegar a Tchirkov, até que um conhecido afastado ajudou. Este, em tempos, trouxera do estrangeiro medicamentos raros para o cardiologista e agora conseguiu fazer chegar Marin até ele. O encontro realizou-se e Tchirkov aconselhou a devolver a válvula ao Canadá: podia-se passar sem operação, a doença evoluía favoravelmente.

Atualmente Dimitar Marinov é já um homem adulto e está completamente saudável.

Conhecimento Inesperado

Durante longo tempo, o professor Mirosslav Popov dirigiu o Instituto de Medicina Social do Ministério da Saúde búlgaro. Em jovem, ao prestar serviço militar, era amigo de um certo O., conterrâneo da famosa búlgara.

Na altura Mirosslav ainda não era um cientista conhecido, mas na era do socialismo não era bem vista a crença em adivinhas, profetisas ou videntes… Ainda assim, quando o camarada de armas lhe propôs visitar Vanga fora de turno – como conterrâneo dela tinha esse privilégio –, o jovem aceitou.

Não eram os seus próprios problemas que o interessavam, mas a saúde do seu amigo e homónimo Angel Popov. Angel sofria de uma doença grave – inflamação dos gânglios linfáticos no pescoço. Levaram-no a grandes cidades, mas a medicina mostrou-se impotente. O pai do rapaz, conhecendo a condição de Vanga, deu a Mirosslav um torrão de açúcar que estivera duas noites debaixo da almofada do filho.

E assim o futuro professor encontrou-se com a vidente. Segurando o açúcar na mão, ela disse que haveria uma operação, mas não daria resultado. Contudo, não devia desesperar: em breve o pai do doente estaria num avião e conversar-se-ia com o vizinho de poltrona, que o ajudaria. Passado pouco tempo, o pai de Angel conheceu realmente num avião um

ervanário sentado ao lado. O jovem foi ter com o especialista e este curou-o.

Mirosslav encontrou-se novamente com a vidente vários anos depois e, mais uma vez, não era uma questão pessoal que o preocupava, mas o problema de um primo. Nessa altura ele ponderava se devia ou não divorciar-se da mulher. Mas Vanga considerou que esse problema não era sério e até se zangou, recusando-se a dar-lhe atenção. Em vez disso, avisou o compatriota que tivesse cuidado na estrada para Sófia, especialmente do lado direito do carro. No regresso, a roda dianteira direita do automóvel caiu num buraco. Aparentemente Mirosslav seguiu o conselho e foi prudente, pelo que nem o «Moskvitch» nem ele próprio sofreram danos graves.

E também esta conversa com Vanga não foi a última. O conteúdo dela é desconhecido, mas o professor contou um pedido invulgar da vidente: pediu-lhe que, numa visita à Rússia, lhe trouxesse… uma raposa. Mirosslav Popov viajava frequentemente ao nosso país, mas não conseguia de modo algum adquirir esse animal, que, como se sabe, não vive nas cidades. Por fim, viu na montra de uma loja de uma das maiores cidades uma pele de raposa! E aí caiu-lhe a ficha: era exatamente esse o presente com que Vanga sonhava…

A Última Entrevista

Pouco antes de morrer, a profetisa mundialmente conhecida deu, ao que parece, uma entrevista de que ninguém sabia nada até então. Em primeiro lugar, ela em geral não gostava que as suas declarações e previsões fossem documentadas e, em segundo, ao dar consentimento para essa gravação, ordenou que só fosse divulgada no novo século.

Quem gravou em cassete áudio a última conversa com Vangelia foi o empresário e viajante ucraniano, deputado da Rada Suprema, Anatoli Lubtchenko. Até 2001 não falou disso a ninguém, mas agora essa gravação já não é segredo.

O senhor Lubtchenko relata o último encontro com a vidente. Segundo ele, no verão de 1994, estando de férias na Bulgária e tendo ouvido falar do dom maravilhoso de Vanga, decidiu visitá-la. Na verdade, nem sonhava com um encontro, pois sabia da doença dela; pensava limitar-se a visitar o local onde vivia.

Ao aproximar-se da casinha de Vanga, viu uma multidão à espera de ser recebida, mas as pessoas, tal como ele, não alimentavam grandes esperanças. De repente, um homem que saiu de dentro convidou Lubtchenko a entrar. Surpreendido, perdeu as palavras e, ao ver a velhinha deitada na cama, emagrecida e visivelmente doente, ficou completamente desorientado. Mas Vanga perguntou-lhe ela própria onde estava o pai dele. O visitante respondeu que na Alemanha. Não mencionou que o pai sofria de cancro. A anfitriã ficou longo tempo em silêncio e percebeu-se que ela sabia. Finalmente, suspirando, proferiu a frase que já nos é familiar: em breve essa doença seria acorrentada com correntes de ferro, mas acrescentou que ao pai já nada o ajudaria. Em contrapartida, deu ao próprio ucraniano um prognóstico favorável para o futuro. Lembrando-se de que trazia consigo um gravador com uma cassete virgem, pediu licença para gravar a conversa. Inesperadamente obteve consentimento, mas também um aviso: até ao início do novo século não mostrar a gravação a ninguém.

A entrevista durou cerca de quarenta minutos e foi publicada na íntegra no jornal «Megapolis-Express» n.º 22, quarta-feira, 6 de junho de 2001. Seguem-se pequenos excertos.

– O que sente quando entram pessoas comuns?

– Vejo-as de longe, cada uma, e conheço toda a vida delas, como se tivesse visto um filme. São boas, más, de todos os tipos… Todos querem um milagre e depois choram. Mas quando está mesmo muito mal, eu calo-me, não digo nada. Só posso dar um conselho.

– Qual?

– Que não vivam no mal, que não se vinguem de ninguém, que não guardem rancores, que façam boas ações. Que escutem o coração. Sempre só o coração, a cabeça engana-se mais vezes. O coração está ligado ao Cosmos. Mas nem todos distinguem a voz do coração da voz da cabeça.

– Esses mortos falam-lhe só do futuro ou também do passado?

– De tudo.

– E se se trata de pessoas e acontecimentos distantes, noutros países?

– A distância e as línguas não têm importância, tudo vem pelo Cosmos.

– E pode dizer o que nos espera?

– A Rússia terá coisas boas, a Bulgária e a Macedónia nem tanto. As mulheres na Rússia darão à luz muitas crianças boas que mudarão o mundo. Depois virá um milagre, tempos maravilhosos. A ciência dirá o que nas velhas escrituras é verdade e o que não é, encontrarão vida no Cosmos e saberão de onde ela veio para a Terra. Desenterrarão da terra uma grande cidade. Do céu virão pessoas novas e haverá grandes milagres. Mas é preciso esperar, não apressar os acontecimentos, isso não será tão cedo…

– Virá à Terra uma idade de ouro?

– Já está a chegar, mas nem todos o conseguem ver. Daqui a sete anos as pessoas não semearão nem ceifarão, só farão crescer tudo. Os animais multiplicar-se-ão como plantas e as plantas como animais. Daqui a vinte e um anos ninguém andará pela terra. Os comboios voarão em fios alimentados pelo sol, o petróleo será proibido, a terra só dará frutos e descansará. Daqui a quarenta anos não haverá as doenças atuais, mas surgirão novas. Estarão ligadas ao cérebro, porque todos beberão do mar e no mar não haverá ilhas. Depois encontrarão água no Cosmos e ela será boa. Haverá muitíssimas pessoas. A Índia mais do que a China. Mas as pessoas começarão a livrar-se dos corpos.

– O que significa «livrar-se dos corpos»?

– Pode-se viver sem corpo, só a personalidade, só energia, como os mortos. Mas isso será mais tarde.

– E na política, para os próximos cinco anos pode prever alguma coisa?

– A Rússia emagrecerá e voltará a ocupar o seu lugar, o bem estará dentro e a experiência fora. A Europa não conseguirá rejuvenescer. A América aceitará o barbudo e compreenderá que o medo é pior do que o amor. A Síria desabará aos pés do vencedor, mas o vencedor não será aquele. Os extraterrestres não quererão partilhar conhecimentos com os fortes. Os países femininos recuarão perante os masculinos, mas conservarão os seus planos. O homem pequeno governará vocês toda a vida…

– Existe Deus no mundo?

– Deus não pode estar no mundo, Deus é a própria luz. Não há Deus no homem, mas o homem está em Deus.

– Existem paraíso e inferno?

– Paraíso e inferno são lados diferentes da vida sem corpo. Se o morto é necessário aos vivos, isso é o paraíso.

– E ajudará os vivos depois de morta?

Infelizmente esta pergunta ficou sem resposta: ouviu-se um estalido, como se alguém tivesse desligado o gravador. No entanto, o senhor Lubtchenko garante que nem tocou nele…

Outras Previsões

O autor da obra mundialmente conhecida «Dezessete Instante da Primavera», já falecido Iulian Semionov, recebeu de Vangelia este conselho: «Escreve obrigatoriamente a continuação do livro e depois vão fazer mais episódios da série. Mas eu sei que ainda não estás preparado, falta-te material. Vai a Espanha e procura lá um certo Vladimir. Ele indicar-te-á os momentos interessantes que deves incluir no livro.»

Sergei Vladimirovitch Mikhalkov visitou a vidente quatro vezes. Convém dizer que inicialmente estava muito cético, mas depois a sua opinião sobre o dom de Vanga mudou. Eis o que ele próprio escreve no seu livro «Do A ao Z»: «Talvez nem acreditasse totalmente em Vanga se ela não me tivesse contado algo tão íntimo que ninguém no mundo sabe, nenhuma alma viva, e que ela viu…» Por exemplo, soube que ele tivera uma irmã que morrera aos cinco anos. O próprio escritor já se tinha esquecido disso, mas Vanga lembrou-lho.

«Vai à cidade onde há muitas pontes e aí poderás saber dos teus antepassados», recomendou-lhe a vidente. Pensando que ela se referia a Leninegrado, lá foi e obteve realmente informações únicas sobre os seus familiares a partir da segunda metade do século XV.

A veracidade das previsões Mikhalkov confirmou-a publicamente, nove anos após a morte da vidente. Na emissão do canal «Cultura» intitulada «Linha da Vida», à pergunta do sobrinho de Vanga o escritor respondeu: «Sim, tudo o que a vossa tia disse era verdade.»

Também o conhecido poeta Ievgueni Ievtuchenko não foi esquecido pela vidente. Mas Vanga não quis conversar longamente com ele, disse apenas que lhe fora dado muito e que muito poderia fazer. E no fim: «Mas agora que espécie de escritor és tu?! Cheira a barril a uma légua, porque bebes e fumos tanto?»

O pintor russo Sviatoslav Roerich – filho de Nikolai Roerich – poeta e pintor, filósofo e místico. Sendo admirador e seguidor do ensino da agni-ioga, escreveu na sua obra «Iluminação»: «Alegro-me com as possibilidades proféticas, pois só através delas se garante a melhor evolução no futuro. O conhecimento do passado não leva adiante sem o início da antevisão.»

Sviatoslav Nikolaievitch visitou a vidente, que admirava as obras e a visão do mundo do pai dele. Com a sua visão interior, que escapa a explicações científicas, viu uma planta de interior que estava na janela dele. Era um lírio branco, que Vanga considerou o maior ornamento espiritual da casa. A flor despertou-lhe a associação com o Tibete, os Himalaias – os lugares preferidos do pai do visitante. Foi exatamente a partir deles, segundo Vanga, que começou a história da humanidade.

«O teu pai não é só pintor, é também profeta, um ser extraterrestre. As suas telas estão codificadas e tu deves continuar a sua obra», exortou a vidente o hóspede.

Quando era pequeno, Filipp Kirkorov adoeceu gravemente. Os pais, que viviam então em Varna, foram ter com Vanga pedir conselho. Ela não só indicou como curar o menino da doença, como lhe predestinou um grande futuro. «Vejo o vosso Filipp de pé num monte alto a agitar uma vara.» O sentido disto, como de muitas outras profecias, só se tornou claro anos depois, quando se confirmou a veracidade. Esse monte não é outro senão o Olimpo musical, e a vara é o microfone.

Conta-se também esta história divertida. Em Blagoevgrad ia realizar-se um jogo de futebol decisivo. Os adeptos estavam nervosos, discutiam e

faziam apostas sobre se a equipa local venceria e que lugar ocuparia no grupo «A». Alguém, a brincar, propôs ir ter com a celebridade búlgara, para quem prever o resultado do jogo seria brincadeira de crianças.

Ao saber da visita dos adeptos, Vanga mandou fazer um grande bolo com o aspeto de um campo de futebol. Os pasteleiros trabalharam toda a noite e, na manhã seguinte, a obra de arte culinária estava pronta. Quando colocaram o bolo na mesa, a vidente pegou numa faca grande e cortou-o ao meio, exatamente a partir do centro. E poucas horas depois todos souberam o resultado do jogo – 0:0!

A médica homeopata da cidade costeira de Burgas, Polia Ivanova, possui capacidades proféticas, mas, claro, não na mesma medida que a nossa heroína – outro fenómeno assim simplesmente não existe. Um dia leu num jornal búlgaro a previsão de um conhecido astrólogo de Moscovo: dentro de três dias haveria um forte terramoto em Burgas. Por isso, recomendava-se aos habitantes que abandonassem a cidade o mais rapidamente possível.

A médica, seguindo a voz interior, sentiu que a previsão era errada, mas decidiu mesmo assim consultar Vanga. Claro que não era possível ser recebida imediatamente, mas a própria vidente mandou chamar Polia de Burgas, que estava numa longa fila. Mal Ivanova apareceu à porta, Vanga, sem perguntar nada, disse que não aconteceria nada de mal e que a previsão não se realizaria.

Um dia Vanga recebeu a visita de uma chinesa chamada Sun, que vivia na Bulgária, casada com um cidadão do país. A vidente predisse-lhe o regresso à pátria e a fama. «Vejo o teu belo país e vejo também a tua filha, que tem paralisia.» Depois disse que a visitante poderia ajudar a filha e que ela recuperaria totalmente. E assim aconteceu: a chinesa abandonou em breve a Bulgária e, já na China, aprendeu acupuntura. Foi exatamente isso que ajudou a filha a curar-se.

A escritora Zoia Boguslavskaia visitou a vidente cega em 1967. Pela sua própria confissão, a Bulgária foi o seu primeiro amor estrangeiro, pelo

que considerava obrigatório conhecer todas as atrações do país. Como a muitos cuja juventude e maturidade coincidiram com o período do socialismo em desenvolvimento, Zoia era alheia à crença em tudo o que não pudesse ser explicado pelas leis materiais.

Trazendo açúcar, a visitante preparou-se para ouvir a vidente. A escritora, na verdade, fala de forma bastante sucinta sobre o que Vanga lhe disse, mas sublinhou que quase tudo se cumpriu nos quarenta anos seguintes. E especialmente incrível pareceu-lhe na altura a afirmação de que ela – que nessa época era «não viajante» – atravessaria o oceano.

Relação com os psíquicos

A vidente, em geral, respeitava a atividade dos psíquicos, embora estes a considerassem uma feiticeira. Vanga indignava-se com o facto de alguns representantes dessa categoria lucrarem com as desgraças alheias, incutindo esperança de cura para males físicos ou espirituais, sem poderem ou quererem prestar a ajuda necessária.

Alguns desses indivíduos vinham ter com Vanga, mas os impostores ou aqueles que não possuíam conhecimentos e capacidades suficientes ela não recebia nem acolhia. Por vezes nem se coibia nas expressões, chamando-lhes, por exemplo, charlatães. Conta-se que um dia a visitaram duas mulheres. Uma apresentou-se como psíquica e curandeira e acrescentou que fizera um curso de duas semanas na sua cidade, ensinada por uma celebridade. Veio pedir a bênção de Vanga, mas esta gritou-lhe indignada: «Que curandeira és tu! A tua mãe tem as pernas muito doentes e tu nem a ela consegues curar!» E acrescentou, já mais suavizada ao ver o embaraço da mulher, que curar não se aprende em duas semanas, mas durante toda a vida.

Uma avaliação positiva mereceu-lhe a atividade de Djuna, de quem na altura se falava não só na Rússia, mas noutros países. O único senão, que a entristecia, era a curandeira cobrar somas demasiado elevadas pelo tratamento.

Quando lhe perguntaram se era possível tratar as pessoas em grandes grupos, como faziam Kashpirovski e Tchumak, respondeu negativamente, sublinhando que o organismo de cada pessoa é individual e único. Um tratamento desses até pode fazer mal: a doença de um pode passar para outro.

Mas a maior antipatia provocou-lhe o escandalosamente conhecido nos dias de hoje Grigori Grabovoi. Ele conseguiu encantar e enfeitiçar de tal modo os búlgaros com promessas de curar qualquer doença com ervas que estes o seguiam em rebanho. Com a mesma declaração veio ter com Vanga. «Vai ao pátio e escolhe entre os que esperam qualquer pessoa, depois falamos.»

A escolha de Grabovoi recaiu num adolescente que sofria de cancro inoperável no cérebro. Provavelmente não estava muito seguro das capacidades de Vangelia, pelo que prometeu com ousadia e confiança que da doença não ficaria rasto se tratasse o rapaz com hipericão. Segundo testemunhas, nunca ninguém a vira tão transtornada e zangada: «Idiota! Sai daqui e cura-te tu com hipericão!» Depois de o curandeiro se ir embora, disse que era um doente e que não valia a pena ter nada a ver com ele. Este episódio foi registado num filme rodado no último período de vida da vidente e recentemente exibido na televisão. E embora não fosse seu costume, disse ao pai do adolescente doente que também o segundo filho dele sofria da mesma doença e que não havia esperança. Evidentemente, uma previsão tão fatal foi feita devido ao forte stress provocado pelo contacto com Grabovoi.

E quanto a Grigori Petrovitch? Aparentemente, depois de esquecer rapidamente o encontro desagradável, ao regressar a Moscovo dizia a toda a gente que a própria Vanga o abençoara…

TEVE A SORTE DE A CONHECER DE PERTO

Familiares

Ao longo de todos os anos, recordo, mais de um milhão de pessoas de todos os cantos da terra visitaram a nossa heroína. Cada uma com o seu problema, a sua pergunta. Ela nunca recusava ninguém e gostava de repetir que todos os que vinham eram seus filhos, independentemente da idade, da instrução ou da posição social.

Mas filhos próprios, infelizmente, Vanga não teve, o que lamentou toda a vida. Pouco depois da morte do marido, bateu à janela dela um rapazinho, que ela adotou como filho, dando-lhe boa educação. Pouco depois adotou também uma menina. Os habitantes não só da Bulgária, mas

de outros países, consideravam uma honra ter «o património da república» como madrinha. Diz-se que teve pelo menos cinco mil afilhados.

Muitos visitantes iam ter com ela uma única vez, alguns duas ou três. E só muito poucos podiam orgulhar-se de que a grande vidente os agraciara com a sua amizade. Mas mesmo entre os que a conheceram de perto, não há ninguém que tenha conseguido levantar o véu sobre o desconhecido e dizer com certeza que desvendou o segredo do seu dom extraordinário.

As pessoas mais próximas de Vanga eram, claro, os seus familiares. O irmão mais velho, Vassil, como sabemos, morreu heroicamente no dia do seu aniversário. O mais novo, Tome, também combateu na guerra; depois viveu na Jugoslávia e faleceu em 1981. A irmã mais nova, Liubka, foi talvez a única pessoa que viveu com a vidente toda a vida. Assistia aos atendimentos como tradutora, acompanhava-a nas raras e curtas viagens, ajudava nas tarefas domésticas. Ainda durante a guerra, Vanga previu à irmã o noivo com quem ela casou em 1947.

Liubka teve uma filha, Krassimira, que com toda a razão pode ser considerada a biógrafa da famosa tia. A partir dos dezasseis anos começou a tomar notas baseadas nos relatos da mãe e nas próprias observações; mais tarde publicou vários livros.

Ao sogro de Liubka, ou seja, ao avô de Krassimira, Vanga contou o destino dos irmãos dele desaparecidos. Um morrera, mas com o segundo, Nikolai, previu um encontro e até descreveu como ele estaria vestido. Inicialmente o sogro, que era professor, duvidou da veracidade das previsões. Mas vinte e dois anos depois o encontro realizou-se mesmo.

«Vanga preveniu-me»

A médica-psicoterapeuta de Kursk Lidia Baranova foi amiga de Vanga durante muitos anos. Ao saber pela primeira vez do dom raríssimo dela, Lidia Mikhailovna pediu a uma amiga de Sófia, Liudmila Petkova, que a apresentasse à vidente e traduzisse para russo o que ela dissesse. A médica queria conhecer mais de perto aquela personalidade única e tentar compreender como uma mulher cega conseguia penetrar com o olhar através da espessura dos séculos e prever o futuro.

As duas amigas dirigiram-se à casa de Vanga para se inscreverem e, mal se aproximaram, ouviram a voz do secretário que saíra: «Que entre a

médica da Rússia, aquela que vem vestida de ganga». Lidia Mikhailovna conta que, ao ouvir aquelas palavras, as pernas lhe fraquejaram, mas as pessoas que estavam na fila abriram alas e ela entrou.

Ficou impressionada com o rosto jovem para a idade da vidente e com os seus olhos. A senhora Baranova ficou um pouco atordoada: pareceu-lhe que algo de semelhante acontecera com os seus próprios olhos. Mas logo Vanga convidou-a a sentar-se e acariciou-lhe a mão com ternura. O primeiro encontro das duas mulheres, que mais tarde se tornariam amigas, durou muito mais do que o habitual – cerca de quarenta minutos.

Gravaram-se especialmente na memória de Lidia as palavras da vidente sobre uma sepultura que estava ali perto de uma pessoa muito parecida com ela. A princípio pensou que se tratava do pai, cuja sepultura visitara antes de partir para a Bulgária. Mas algum tempo depois morreu tragicamente o irmão de Lidia Mikhailovna, com quem eram realmente muito parecidos. A anfitriã acompanhou a médica russa até ao táxi, o que era uma grande honra. «Bem, agora espero-te no próximo ano», disse-lhe ao despedir-se.

E assim aconteceu; a partir daí a habitante de Kursk visitou frequentemente a vidente. Todas as vezes trazia presentes e, no 84.º aniversário, ofereceu-lhe um sobretudo de seda preta que tanto agradou a Vanga que ela só o usava em ocasiões solenes. Existe uma fotografia em que ela, com esse sobretudo, se dirige aos compatriotas. E os belos chinelos bordados com missangas – também oferta de Baranova – foram os que Vanga calçou no enterro.

Lidia Mikhailovna fala da amiga mais velha com especial calor; encantavam-na a limpeza e o aconchego da casa: por todo o lado toalhinhas feitas pela anfitriã cega, muitas imagens sagradas e estatuetas. Teve oportunidade de assistir a atendimentos realizados por Vanga, mas, tal como aos outros, não lhe foi possível desvendar o segredo do dom da vidente. Contava alguns casos interessantes de previsão, partilhava recordações de longas conversas. Ficaram-lhe para sempre gravadas na alma as palavras: «é preciso ser bom, não fazer mal a ninguém, criar famílias e então tudo correrá bem».

Vanga estava convencida de que o destino está traçado ao homem desde o nascimento e que nada se pode mudar. Ainda assim – não se deve

olhar para o futuro como uma fatalidade inevitável: o destino, segundo a vidente, pode ser ligeiramente corrigido, ajustado.

A este respeito, Baranova recorda o seguinte episódio. Ao despedir-se, a anfitriã pediu-lhe que viesse obrigatoriamente no dia 22 de dezembro. Diante da objeção de que talvez não tivesse tempo ou dinheiro, ela afirmou com firmeza: «Vem obrigatoriamente».

Conhecendo bem a amiga mais velha, Lidia Mikhailovna deve ter sentido algo de especial nas suas palavras e por isso fez tudo para que a viagem se realizasse. Só mais tarde se soube que o autocarro da empresa em que ela diariamente ia para o trabalho se despistara e os passageiros sofreram ferimentos gravíssimos. Por isso a senhora Baranova considera que Vanga a preveniu e talvez até lhe tenha salvo a vida.

O Médico Assistente

Já falámos de como Vanga, embora soubesse curar perfeitamente as pessoas, nunca rejeitava a medicina oficial. A alguns visitantes indicava diretamente a necessidade de consultar um especialista – recordemos o caso do filho de Marinov.

O professor Petar Deliiski, que durante mais de quarenta anos foi o médico assistente da vidente e a conhecia bem, também partilhou as suas recordações. Graças a ele tornou-se pública a seguinte história. As autoridades de Petrich, que naqueles tempos longínquos se opunham à vidente que ganhava fama, acabaram por recorrer a ela em busca de ajuda. No comité citadino do partido desaparecera a chave do cofre onde estavam guardados documentos importantes. As buscas longas e minuciosas foram infrutíferas e então alguém dos responsáveis partidários decidiu, em segredo dos outros (evidentemente para não se comprometer), recorrer a ela. Vanga, sem pensar muito – ou melhor, sem pensar de todo –, descreveu o gabinete e indicou o sítio para onde a chave escorregara. Como se pode imaginar, foi exatamente ali que a encontraram.

O professor, que conhecia Vanga desde 1953, fora colocado em Petrich como jovem médico. Pela profissão, pela idade e pela educação, Petar não dava grande crédito aos rumores sobre as capacidades proféticas da mulher cega. Mas em breve tanto ele como, especialmente, a mulher Elena se tornaram amigos dela e essa amizade durou até ao fim da vida dela.

O professor recorda como ele e um colega foram ter com Vanga para saber do estado de saúde da mulher deste último, Magda. Tinham-lhe feito uma operação que aparentemente correra bem, mas a hemorragia da ferida não parava. Pelo caminho beberam café de um termo e deixaram o carro não muito longe do destino, na praça. Mal entraram em casa de Vanga ouviram: «Vieram por causa da Magda? Não se preocupem, tudo ficará bem, a hemorragia para em breve».

E não foi o único exemplo de vidência que deixou os médicos estupefactos. Depois Vanga perguntou porque não tinham acabado o café e porque não tinham trazido o carro até à porta, deixando-o a alguma distância.

O amigo de Vanga não se cansava de se espantar com a capacidade fenomenal de ver o que estava muito longe dela. Um dia perguntou a Elena se ela sabia o que a sogra estava a fazer naquele momento. «Não, como havia de saber, está muito longe daqui», foi a resposta. «Pois imagina: neste momento ela acabou de pintar o cabelo e está a cortar feijão-verde.» Os interessados esposos contactaram a mãe de Petar e confirmaram que naquele preciso momento ela estava a fazer exatamente o que a vidente «vira».

«Ainda hoje não consigo compreender como ela conseguia fazer isso», partilha o professor, «nem nenhum cientista é capaz de penetrar no seu segredo.» Diz que continua a ser materialista, mas agora, depois de inúmeros contactos com a vidente, começou a duvidar de que a vida depois da morte não exista. Afinal ela contou-lhe coisas sobre familiares falecidos…

Investigações Desclassificadas

Iordanka Peneva – docente da Universidade de Chumen, física de formação. Durante muito tempo as investigações da comissão de fenómenos anómalos, da qual fazia parte, foram secretas. Só muito recentemente soubemos que tanto os membros da comissão como, especialmente, Peneva colaboraram longamente com Vanga.

As relações entre estas duas mulheres iam claramente além do âmbito profissional: podem ser chamadas de amizade e a própria Iordanka tratava a vidente por colega, a quem tudo era acessível, tal era o seu génio. Recorda que o primeiro encontro a deixou atónita: Vanga, sem qualquer pergunta,

começou a contar a sua vida, mencionou os nomes dos familiares e deteve-se em pormenores tão íntimos que ninguém, a não ser a própria Iordanka, poderia conhecer.

Especialmente forte impressão lhe causou o «encontro» organizado por Vanga com o filho falecido. Entrando num estado de prostração, a mulher viu um prado onde brincavam dois rapazes. Num reconheceu o filho, morto aos sete anos; noutro, o neto de cinco anos. Conseguiu até… abraçar e beijar o filhinho e depois ouviu as palavras de Vanga: «Pronto, um dos rapazes fica, o outro tem de partir».

Iordanka ficou longo tempo sentada, sem conseguir dizer uma palavra. Estava feliz por, em vigília, ainda que por um instante, o filho ter ressuscitado para ela. Como isso fora possível, a vidente não explicou, pedindo à amiga cientista que ela própria o explicasse. Depois disso, a vida depois da morte pareceu a Peneva totalmente real.

A comissão, composta por cientistas das mais diversas áreas, ocupava-se de investigações de fenómenos misteriosos e anómalos, nomeadamente de poltergeist, e contactava com muitos extrasensas. Mas, como nota Peneva, cada um era especialista apenas na sua área, enquanto Vanga sabia tudo e ninguém lhe era igual nesse aspeto. Quanto ao poltergeist, ela aconselhava-os a não se ocuparem disso, pois era uma «força má, diabólica», mas reconhecia a existência de extrasensas dotados, «de Deus». Acrescentava, porém, que para cada um desses havia centenas de charlatães. Os verdadeiros curandeiros deviam ser reconhecidos pelos seus intentos, como está escrito na Bíblia.

Um dia a anfitriã ofereceu à hóspede cientista três penas de faisão, que disse serem mágicas. «Fica com uma e dá as outras duas a conhecidos. Que se lembrem delas assim que surgir um problema insolúvel.» Iordanka conta que as penas prestaram bom serviço: em situações de grandes dificuldades desfaziam-se em pó e a situação melhorava.

Iordanka recorda como Vanga falava do Universo, exortava a considerar tudo o que o habita como um todo único, a ler os livros antigos, onde «está tudo escrito – o que foi, o que é e o que será».

A Filha da Bulgária – Liudmila

A perseguição à mulher cega, que durou muitos anos, foi gradualmente esmorecendo graças aos esforços de algumas personalidades influentes da Bulgária. Em primeiro lugar, a filha do então secretário-geral Todor Jivkov, Liudmila.

O seu destino tem semelhanças com o de Vanga. Aos 18 anos, Liudmila sofreu um acidente de viação com risco de morte. Vangelia acudiu em seu socorro, revelando toda a força do seu dom de curandeira. Mas, tendo sobrevivido graças a ela, a jovem ouviu dos médicos que ficaria cega para o resto da vida. Naturalmente, foi tratada pelos médicos mais qualificados, mas a visão não regressava; ou melhor, Liudmila via o mundo, mas… de cabeça para baixo. Então, com tenacidade e determinação extraordinárias, começou a tratar-se a si própria. Praticava regularmente exercícios especiais de ioga para os olhos e, ao fim de alguns meses, a visão recuperou-se.

Não foi só uma ressurreição física, mas também espiritual. Os seus ídolos passaram a ser os Roerich e Blavatskaia, representantes de outros ensinamentos orientais cuja filosofia visa a erradicação do mal e o estabelecimento da paz em todo o mundo. E como a isso mesmo apelava também a nossa heroína, a comunhão de visões do mundo aproximou uma simples camponesa, que nem sequer terminara o ensino secundário, e uma senhora refinada – filha do secretário-geral do partido comunista.

Liudmila comunicava, através de uma intermediária, com Leonardo da Vinci, Blavatskaia e outras pessoas espiritualmente próximas que já tinham partido para o outro mundo. Consultava a vidente em muitas questões importantes; por exemplo, com a sua bênção criou um programa único – dedicar cada ano do século passado a algum dos génios já falecidos. Toda a população da Bulgária, dos mais novos aos mais velhos, devia estudar o legado de um ou outro grande homem que apelava à humanidade para viver em harmonia com tudo o que existe, sem inimizades, aspirando à fraternidade universal.

Gozando de grande autoridade junto da direção do país e sendo altamente culta, Liudmila Jivkova era também uma pessoa sensível e compassiva. Protegeu Vanga e ajudou-a até à sua própria morte inesperada. As mulheres conversavam longamente; Vanga, muitas vezes acompanhada

da irmã, visitava tanto a residência de campo de Liudmila como a sua casa em Sófia. Infelizmente, o conteúdo das conversas permaneceu segredo para todos; sabe-se apenas que Vanga dizia: «Liudmila fez muito, mas sabia ainda mais».

E há ainda isto de interessante: a ministra da Cultura da Índia, Sheila Raul, que visitou Vanga a 21 de junho de 1981, falou entre outras coisas de Jivkova. E então Vanga exclamou: «Liudmila, Liudmila! Vão levá-la!»

E exatamente nessa mesma noite o rádio anunciou a morte de Liudmila Jivkova vítima de um AVC. Este trágico acontecimento continua até hoje envolto em inúmeros rumores e conjecturas, havendo quem o considere um assassínio camuflado.

A Curandeira Liudmila Kim

Candidata a ciências químicas, curandeira popular e diretora do seu próprio Centro de Saúde, Liudmila Kim passou muitos anos ao lado de Vangelia e muito aprendeu com ela. E se é verdade que a famosa vidente não teve discípulos, Kim pode provavelmente ser considerada uma exceção à regra.

Sabendo curar inúmeras doenças e dominando métodos únicos da medicina chinesa, tibetana e outras medicinas orientais, Liudmila era incapaz de curar o próprio filho, que sofria de uma doença mental. Pediu ajuda a Vanga.

Mal abriu o portão, a mulher ouviu: «Agora entra uma coreana, chama-se Liudmila Kim. Tem quarenta e quatro anos, é química e também trata pessoas. Vou compará-la com Djuna e ver qual das duas é mais forte.» Depois a anfitriã queixou-se de não se sentir bem e pediu à colega que a tratasse. Para a experiente curandeira Kim isso era possível; «aqueceu» (mentalmente, claro) o corpo e expulsou a doença.

A anfitriã, mais amável, mandou chamar o sobrinho e Liudmila compreendeu que o exame não terminara. Era preciso verificar o estado de saúde do jovem. Kim detetou imediatamente um tumor, cuja localização, felizmente, não era perigosa. Recorrendo a toda a sua perícia e experiência, «puxou» o tumor, como que separando-o do organismo, e realizou ainda outras manipulações necessárias nesse caso.

Depois disso, Kim mereceu a aprovação da vidente e até o reconhecimento de que agora era para ela uma pessoa da família, como uma irmã.

Finalmente, Liudmila perguntou que prognóstico Vanga podia dar ao filho e, ao ouvir que ele ficaria saudável, respirou de alívio e pela primeira vez em muito tempo dormiu tranquilamente. A pedido de Vanga foram preparadas e enviadas para Petrich roupas do filho, unhas e uma madeixa de cabelo.

Depois disso, os encontros das duas curandeiras tornaram-se regulares; na prática, Liudmila viveu doze anos em casa de Vanga, conheceu as suas receitas, ajudava a tratar pessoas, ouvia frequentemente elogios da mentora e, muito mais raramente, repreensões, aliás amigáveis.

Em entrevistas a jornalistas e em vários livros que escreveu, Kim partilhava recordações desses encontros inesquecíveis, descrevia inúmeras previsões surpreendentes e curas milagrosas. O volume do meu livro não permite transcrevê-los na íntegra; limito-me a um exemplo, da época em que a amizade das duas mulheres apenas começava. Conhecidos de Liudmila, que tinham ouvido falar da vidente milagrosa, pediram-lhe que lhes arranjasse uma apresentação. Um jovem casal trouxe um recém-nascido pedindo que lhe predissesse o destino. Vanga disse o que ele seria, quantos filhos teria e como correria o resto da vida. E como Liudmila conhecia bem essas pessoas, muito tempo depois, quando ele já era adulto, verificou que tudo o que fora profetizado se cumpriu.

A Igreja Ortodoxa, para dizer o mínimo, não acolhe muito bem adivinhos, cartomantes ou mesmo extrasensas. Perguntaram a Liudmila Kim o que pensava sobre a oposição entre as tradições cristãs, por um lado, e a capacidade de ver mundos do além, por outro. Ela respondeu que não há oposição nem contradição. Afinal, Sérgio de Radonej, Serafim de Sarov e alguns outros santos possuíam as mesmas capacidades que a nossa heroína e, apesar disso, veneramo-los. Mas, para objetividade, Liudmila observou que a atitude da igreja oficial para com essas pessoas sempre foi ambígua.

Foram Amigas Durante 30 Anos

Foi exatamente esse o tempo de amizade que ligou a campeã olímpica, a famosa ginasta búlgara Nechka Robeva, à profetisa cega. Tudo começou assim: Nechka foi ter com Vanga consultar-se sobre a sua carreira desportiva. Levando açúcar, como era costume, na verdade não esperava receber um conselho útil. Afinal, a ginástica rítmica nascera na Bulgária numa altura em que a vidente já estava cega. E ter noção de um desporto tão vistoso só é possível vendo-o. Assim raciocinava a ginasta ao aproximar-se da casa tão desejada.

Mas em breve foi desmentida: Vanga descreveu com exatidão a sala onde Nechka treinava e até disse que no chão crescia erva! O chão estava realmente coberto por um tapete verde. A equipa búlgara de ginastas preparava-se para ir ao campeonato do mundo e Vanga, como se olhasse para algo que só ela via, começou a contar: «Ali está um homem de luvas brancas, parece um maestro. E o que são essas garrafas que atiram ao ar? Treinem, tudo está nas vossas mãos. Mas vencerão não as que usam calças, mas as que têm flores no cabelo.» Tudo isso pareceu a Nechka inverosímil: na altura não se convidava orquestra para essas competições e ninguém parecia ter flores no cabelo. A não ser que as maças – aparelhos desportivos – que Vanga tomara por garrafas realmente existissem. E assim Nechka, com o grupo de ginastas compatriotas, foi aos Países Baixos para o campeonato do mundo. Durante a atuação deixou cair uma maça e a equipa não venceu. As campeãs foram as ginastas soviéticas e, quando estas entraram, Nechka não conseguia recuperar do espanto: todas usavam saias, tinham flores no cabelo e… tocou a orquestra. Claro que também havia maestro e as luvas dele eram brancas…

Interessante é também o caso que Nechka contou. No início dos anos 90 começaram os desentendimentos da ginasta com o governo búlgaro, motivados por convicções políticas. Foi afastada do cargo de treinadora da seleção nacional, foi submetida a interrogatórios, as suas alunas foram boicotadas. Nechka esperava obter de Vanga uma explicação para as razões da situação triste.

Esta aconselhou-a a ler a Bíblia e a prestar especial atenção ao que aconteceu na nona hora. A ginasta folheou a Bíblia, perguntou a sacerdotes, mas ninguém conseguiu explicar o que Vanga queria dizer. Quando voltou a recorrer à profetisa, esta nada de novo lhe disse, limitando-se a: «Procura

tu mesma». Ao chegar a casa, abriu o livro sagrado exatamente na página certa e aí encontrou a frase em que na nona hora Cristo exclamou: «Senhor, porque Me abandonaste?!» E então tornou-se claro o recado de Vanga: em qualquer provação, Deus está ao lado, basta acreditar Nele.

A conhecida ginasta diz que os encontros com a amiga ficaram para sempre na memória como uma mancha luminosa. A vidente dizia-lhe sempre: «Vem ter comigo sem qualquer fila – em qualquer momento que queiras. Tenho sempre muita alegria em ver-te e falar contigo». E todas as vezes que Nechka passava pelo meio das pessoas que aguardavam a sua vez sentia-se constrangida. Mas os que esperavam pediam: «Pergunta como se resolve o meu problema?» ou «Como curar a minha filha?» e ela punha sempre essas perguntas à amiga. Afinal, não era preciso perguntar: a vidente transmitia ela própria as respostas, pois sabia de todos os que precisavam da sua ajuda.

ERA UMA CURANDEIRA EXCECIONAL

A heroína do nosso livro era, como se sabe, não só portadora de um dom extraordinário de profecia e clarividência, mas também uma curandeira excecional. No tratamento dava primazia às ervas, sublinhando que o maior efeito vinha das plantas que crescem no local onde o doente vive. Natureza, animais, ser humano, mundo circundante, Cosmos – tudo se encontra em harmoniosa unidade e a violação dessa harmonia provoca perturbações da saúde – assim pensava Vanga.

Os remédios que a curandeira propunha eram simples e naturais, na maior parte dos casos não exigindo dosagem rigorosa: o doente toma das ervas ou de outro material natural tanto quanto a sua intuição lhe dita. Pode assim dizer-se que é ele próprio que expulsa a doença do organismo e cria a própria saúde.

É interessante notar que ela utilizava água energizada muito antes de aparecerem Tchumak e outros psíquicos. Não rejeitava os medicamentos nem a ajuda da medicina tradicional, mas apelava a que não se abusasse dos produtos químicos. Na sua opinião, estes «fecham a porta» à comunicação do homem com a natureza.

Valorizava muito a acupuntura, mas sublinhava que dominar essa técnica requer muito tempo e trabalho, e que as agulhas deviam ser preferencialmente não metálicas, mas de material natural, nomeadamente de argila. E se for necessário aquecê-las, melhor usar fogo do que eletricidade.

A vidente considerava que a mesma erva ou o mesmo remédio nem sempre ajudam pessoas diferentes mesmo que sofram do mesmo mal: cada organismo é individual e por isso cada um requer uma abordagem individual. Por isso peço aos leitores que não tomem cegamente como verdade absoluta as receitas que se seguem. Não devem fazer mal, mas ouçam o vosso organismo e consultem um médico fitoterapeuta competente antes de iniciar o tratamento.

Devido ao espaço limitado, não incluo todas as doenças cujos remédios Vanga indicava; limito-me às mais comuns. Quem desejar pode encontrar a receita necessária nos livros referidos no final.

Alergia. Tomar cerca de uma colher de chá de absinto seco, deixar de molho de véspera num copo de água fria. Coar de manhã e tomar uma colher de sopa três vezes por dia antes das refeições. Para melhorar o sabor pode acrescentar-se um pouco de mel.

Anemia. Secar e reduzir a pó frutos de alteia. Misturar 100 g desse pó num copo de leite de ovelha fresco e tomar uma vez por dia meia colher de chá. Pode juntar-se um pouco de mel.

Artrite. Ferver meio pacote de grainhas de cânhamo em 500 ml de aguardente forte (Vanga recomenda rakia caseira, mas não é obrigatório) até evaporar metade do líquido. Esfregar as zonas afetadas pela artrite com o caldo de manhã e à noite.

Insónia. Para um bom sono contribui tomar ao deitar uma colher de sopa de mel, que se pode diluir num copo de água morna.

Também ajuda dormir numa almofada cheia de lúpulo seco ou de ervas silvestres secas.

Dores de estômago. Meter na boca uma folha de trevo vermelho. Engolir só o sumo e cuspir a parte sólida. Fazer isto diariamente.

Também alivia a dor o seguinte remédio: deitar 600 ml de água sobre uma colher de sopa de manjericão, camomila ou menta secos e triturados

(ou duas destas ervas) e ferver durante 3 minutos. Os adultos tomam uma chávena de café três vezes por dia depois das refeições; as crianças, uma colher de sopa.

Dores no joelho. Compressa de kvass caseiro e amoníaco. Molhar um pano em kvass e depois em amoníaco. Envolver o joelho dorido durante três noites seguidas ao deitar.

Dores nas costas. Massagem com mel: barrar as costas com mel e massajar, puxando a pele.

Molhar um pedaço de tecido branco limpo em 100 g de óleo de arma. Aplicar no local doloroso durante três noites seguidas.

Bronquite. Para crianças: fritar dois ovos em banha de porco, salgar, deixar arrefecer e pôr ao peito da criança durante a noite.

Cortar o miolo de uma cebola vermelha, encher o buraco com açúcar em pó. Dar à criança uma cebola por dia.

No bronquite crónico tomar durante três semanas, em jejum, uma colher de chá de infusão de calêndula.

Varizes. Cortar pulmões de porco em fatias e aplicar nos locais afetados. Pode fixar-se com um pano.

Calçar meias de algodão e sair cedo para um prado ou campo onde haja muito orvalho. Quando as meias ficarem molhadas, secá-las ao sol sem as tirar.

Preparar a seguinte pomada: pôr nozes verdes numa garrafa de vidro, cobrir com azeite e deixar quarenta dias ao sol. Não há dosagem rigorosa, os componentes são postos «a olho».

Inflamação da pele. Ferver em 500 ml de água uma colher e meia de sopa de folhas de melissa secas até evaporar metade do volume. Molhar e espremer levemente um pano de algodão no caldo. Fazer compressas até melhoria duradoura.

Inflamação dos anexos. Deitar água a ferver sobre lã não lavada. A doente deve sentar-se sobre o vapor.

Cozer couve branca em leite fresco. Aplicar da mesma forma.

Queda de cabelo. Enxaguar o cabelo limpo com infusão de hera.

Lavar a cabeça com argila branca. Durante um mês esfregar as zonas calvas com fatias de limão ligeiramente assadas.

Depois de lavar a cabeça, enxaguar o cabelo com infusão de folhas de aveleira e de tanchagem.

Pressão arterial alta. Deitar um copo de água fria sobre uma colher de sopa de visco branco seco e deixar repousar toda a noite. Beber a infusão de manhã em jejum.

Deitar um copo de água quente sobre uma colher de sopa de farinha de milho à noite. Beber a infusão (sem o sedimento) de manhã.

Gangrena. Preparar pomada: misturar uma colher de sopa de banha de porco fresca com uma colher de chá de cinza de casca de carvalho e uma colher de chá de cal apagada. Fazer aplicações ou aplicar um pano embebido na pomada no local afetado, conforme o caso. A mancha azul torna-se primeiro vermelha, depois rosa e depois desaparece.

Gastrite. Beber de manhã em jejum uma chávena de chá de salgueiro branco, acompanhada de leite fresco.

Ferver 200 g de folhas de tanchagem lanceolada em 500 ml de aguardente de uva pura durante 5 minutos. Coar. Tomar uma colher de sopa de manhã em jejum, ainda na cama, uma hora antes de se levantar. Durante o tratamento não se pode fumar.

Hemorroidas (nódulos externos). Preparar um caldo de pimenta-d'água e tomar banhos de assento nesse caldo.

Tomar banhos de assento em caldo de beldroega.

Fungos nos dedos dos pés. Esfregar menta e misturar com sal; pôr entre os dedos.

Dissolver numa bacia de água fria uma colher de sopa de bicarbonato de sódio e outra de sal. Lavar os pés nessa água.

Dermatite (em crianças). Preparar pomada com três nozes e uma colher de óleo de fígado de bacalhau. Assar as nozes no forno até ficarem castanhas, deixar arrefecer, tirar os miolos, triturar e misturar com o óleo de fígado de bacalhau. Limpar o local afetado e aplicar a pomada.

Diabetes. Para adultos, na forma inicial: beber infusão das pontas dos ramos de amoreira.

Diatése (em crianças). Cozer cevada e banhar a criança nessa água.

Obstipação. Reduzir a resina de pinheiro-dos-balcãs a pó, misturar com azeite e tomar uma colher de sopa duas a três vezes por dia.

Ferver doce de baga de sabugueiro preto sem açúcar e tomar uma colher de sopa juntando igual quantidade de mel.

Comichão na pele. Cozer cevada e deitar essa água sobre o corpo.

Misturar 500 ml de álcool metílico com 50 ml de ácido salicílico. Esfregar os locais inflamados de manhã e à noite.

Tosse infantil persistente. Ferver num litro de água uma batata, uma cebola e uma maçã até evaporar metade do líquido. Dar à criança uma colher de chá três vezes por dia.

Misturar 100 g de mel e igual quantidade de manteiga e juntar um pacotinho de baunilha. Tomar uma colher de chá três vezes por dia.

Tosse forte em adultos. Ferver quatro nozes, uma colher de sopa de flores de sabugueiro e uma colher de sopa de mel de abelha em meio litro de água. Tomar uma colher de sopa três vezes por dia.

Ferver folhas de tussilagem e beber como chá.

Colite. Beber duas vezes por dia soro de queijo de ovelha ou requeijão e evitar alimentos gordos.

Conjuntivite. Esfregar folhas frescas de alteia e fazer compressas nas pálpebras durante três noites seguidas.

Hemorragia feminina abundante e crónica. Bater seis claras de ovo, juntar meia colher de chá de ácido cítrico, misturar bem e beber a mistura.

Em qualquer hemorragia recomenda-se beber de manhã e à noite infusão de frutos de giesta.

Excesso de peso. Beber três vezes por dia uma chávena de café de casca de carvalho torrada.

Para um efeito rápido, deitar sobre o corpo infusão de erva-datur. Ferver água num balde ou panela grande e, mal levante fervura, juntar 100

g de datura seca. Deixar arrefecer, coar e deitar sobre o corpo durante três dias seguidos após o banho. À noite beber uma chávena de infusão de melissa.

Lumbago. Em caso de dor súbita nas costas, molhar uma toalha felpuda em água gelada, espremer e aplicar no local dolorido. Cobrir com celofane e vestir um pijama de algodão grosso. De manhã a dor terá passado.

Mastite. Compressas de infusão de absinto e tussilagem.

Aplicar uma placa de cera de abelha sobre a zona afetada, fixar com adesivo. Fazer assim durante três noites seguidas.

Fazer uma massa mole com farinha de centeio, manteiga derretida e leite fresco. Aplicar a placa ao deitar no local dolorido. Repetir várias noites até desaparecer a doença.

Mioma do útero. Beber três vezes por dia uma chávena de café de infusão de grainhas de cânhamo. Tratamento de 15 dias.

Inflamação junto à unha do dedo do pé. Cortar a ponta de uma malagueta, tirar algumas sementes e deitar aguardente forte no buraco. Colocar a malagueta no dedo, fixar com ligadura e deixar durante a noite.

Incontinência urinária em crianças pequenas. Misturar uma colher de sopa de sabão caseiro ralado, duas claras de ovo, uma colher de chá de resina de pinheiro-dos-balcãs triturada, uma colher de chá de raiz de valeriana em pó e 20 ml de rakia. Espalhar a mistura num pano de lã branca e fazer compressas: uma noite na zona lombar, a seguinte na parte inferior do ventre.

Tanto para crianças como para adultos. Ferver rebentos jovens de zimbro-cosaque na proporção de um rebento para dois copos de água. Beber de manhã e à noite um copo.

Falta de ar. Misturar 200 g de mel, azeite e rakia de uva e beber um copo de licor três vezes por dia.

Tumores no corpo. Misturar favos de mel, absinto triturado e rakia e aplicar em compressas no local dolorido.

Gota em fase inicial. Fazer cataplasmas com massa de farinha de milho e vinagre de vinho puro.

Misturar argila vermelha com vinagre de vinho, espalhar num pano e aplicar no local dolorido.

Cortes. Para uma cicatrização rápida, untar com azeite onde flores de hipericão maceraram durante 20 dias. Este remédio também serve para úlcera gástrica hemorrágica: tomar de manhã em jejum uma colher de sopa.

Prostatite. Queimar tília e reduzir os carvões a pó. Fazer infusão como chá e beber uma chávena durante sete dias seguidos.

Psoríase. Tirar as escamas e a vesícula biliar de qualquer peixe marinho com peso não inferior a 3 kg. Ferver em 1 litro de vinho branco durante meia hora, coar e misturar com 200 ml de azeite. Aplicar esta pomada nos locais afetados limpos. Tratar assim até acabar a mistura. Para lavar usar preferencialmente sabão de ovo.

Reumatismo. Na época da floração, cavar até 60 cm de profundidade a raiz de uma nogueira. Cortar do rizoma a primeira raiz que parecer um fio com a grossura de um dedo e cerca de 20 cm de comprimento. Meter a raiz numa garrafa com 1 litro de azeite. Enterrar depois a garrafa a 60 cm de profundidade no mesmo local de onde foi cortada a raiz. Passados 40 dias desenterrar e guardar num local escuro. Esfregar todo o corpo com o óleo até acabar.

Deslocação de discos intervertebrais. Cortar batata em rodelas e aplicar no local dolorido. Deixar toda a noite. Repetir até passar a dor.

Cirrose do fígado. Beber leite humano misturado com farinha branca.

Cistite. Secar à sombra os estigmas do milho e guardar num saco de pano. Beber diariamente um a dois copos de infusão morna de estigmas de milho.

Úlcera duodenal. Bater uma clara de ovo com uma colher de chá de açúcar em pó e igual quantidade de azeite. Tomar em jejum uma colher de sopa durante 10 dias.

Doença Incurável

A vidente reconhecia que, por enquanto, uma das doenças mais terríveis e incuráveis é o cancro. E embora previsse que em breve a humanidade venceria esse «monstro», ela própria foi vítima dele.

Em 1994 surgiram os primeiros sintomas de cancro da mama. Os médicos, que ela sempre respeitou e considerou capazes de fazer muito, propuseram-lhe internamento. A princípio ignorou a proposta e, já gravemente doente e quase sem se levantar da cama, continuava a receber pelo menos três ou quatro visitantes por dia. O seu sono, como sempre, era curto e no último período começou muitas vezes a ouvir uma voz que lhe sussurrava: «Pronto, já quase cumpriste a Missão, mas ainda falta um pouco…»

A 3 de agosto de 1996, finalmente cedendo às insistências dos familiares, aceitou ser internada. Em geral dizia que era preciso entregar-se à vontade de Deus. Centenas de admiradores estavam dia e noite debaixo das janelas do hospital na capital búlgara, Sófia, desejando, se não ver a vidente, pelo menos enviar-lhe mentalmente saudações e votos de melhoras.

O trajeto desde Rupite foi difícil: a estrada era sinuosa e irregular, cheia de pedras e buracos. Krassimira recorda com dor essa viagem e, aliás, considera que não deviam ter mexido na tia. Na opinião da sobrinha médica, o cancro não dava metástases e o tumor como que se encapsulara.

Krassimira indigna-se também com o tratamento que a tia recebeu no hospital. Embora, claro, a clínica fosse a melhor, governamental, de nada serviu o «serviço luxuoso». Na madrugada de 10 de agosto Vanga sentiu-se muito mal e começou a sufocar. Decidiram operá-la, mas de repente apagou-se a luz e os geradores de emergência também não funcionaram.

Porquê? E não terá sido isso conveniente para alguém? – pergunta Krassimira com dor. Nas suas últimas horas a vidente pediu um pedaço de pão e um copo de água e depois mandou que a lavassem. Fizeram-lhe a vontade e até a ungiram com óleos e perfumes; depois Vanga adormeceu profundamente.

Em sonhos viu um cavaleiro num cavalo branco, sentiu um relâmpago e ouviu um trovão que nascia no oriente. Toda a noite conversou com mensageiros celestiais e um deles, provavelmente o principal, acariciava-lhe delicadamente as faces, tocava-lhe o cabelo, os olhos cegos, afagava-lhe as mãos… E depois começou a sussurrar-lhe carinhosamente: «Pronto, querida Vanga, cumpriste a tua Missão. Estamos contentes contigo… Agora parte para a longa viagem, mas estaremos sempre ao teu lado, porque tu és única…»

Na manhã seguinte a doente acordou com um sorriso nos lábios e, dizendo «pronto, já estou pronta», partiu para um mundo melhor. Nos seus últimos minutos movia as mãos como se saudasse alguém. Evidentemente eram os seus amigos celestiais que tinham conversado com ela toda a noite e suavizaram a sua partida.

Vanga previra a própria morte com dois meses de antecedência – não só o dia, mas também a hora. Na véspera da morte disse que o seu dom passaria para uma rapariga de França que em breve ficaria cega, mas acrescentou: «Deus deu-me este dom e será Ele a decidir a quem o transmitir, de mim nada depende».

O Enterro

Os admiradores da vidente ficaram tão abalados com a sua morte que temiam que a 11 de agosto de 1996 a Bulgária fosse atingida por uma catástrofe natural: furacão, tornado ou, na pior das hipóteses, mudança de poder. Mas como nada disso aconteceu, todos concluíram que, pelo contrário, o bom espírito de Vanga protege o pequeno país montanhoso de qualquer cataclismo.

A Krassimira, nos seus livros dedicados à famosa tia, expressa uma extrema insatisfação tanto com o próprio ritual fúnebre como com o local onde ela encontrou o último repouso. Vanga, segundo palavras da sobrinha, pedira que a enterrassem no pequeno jardim da frente da sua casa. Deixemos de lado a questão da discutibilidade de tal desejo do ponto de vista cristão, higiénico e ecológico. Trata-se apenas da vontade da vidente, expressa por ela na véspera da morte. Enterraram-na no lugar onde antes ficava… a casa de banho pública de uma base turística. Devido à grande quantidade de águas subterrâneas, o caixão não foi coberto de terra, mas sim tapado com blocos de betão armado, depois de previamente feita a

impermeabilização. Na prática, acabou por ser uma caixa de betão revestida a azulejos. «A tia foi enterrada de forma não cristã», constata Krassimira com dor.

Ela pedira que, no seu funeral, cantasse o coro da igreja, mas também essa vontade não foi cumprida… A sepultura da profetisa fica entre a igreja e o campanário; sobre ela ergue-se uma cruz branca e uma lápide de mármore branco. Na cruz estão gravadas as datas de nascimento e de morte e apenas uma palavra: «Vanga». As velas que as pessoas trazem de todos os cantos da Terra permanecem acesas. As pessoas continuam a acreditar que, mesmo depois de morta, a vidente as protege, livra-as de problemas e doenças.

Os pais trazem à sepultura crianças nascidas já depois da sua morte e acredita-se que o bom espírito da avó Vanga paira sobre todos os que vêm rezar junto dos seus restos mortais. E se alguém fizer um desejo diante da sepultura, o desejo realizar-se-á com certeza.

Templo de Santa Petka

Doi-a-lhe profundamente que as pessoas não acreditassem em Deus, vivessem sem consciência, praticassem atos não agradáveis a Deus, injustos. Recebeu com dor na alma o cisma da Igreja búlgara. Por isso, o sonho de toda a sua vida foi a construção de um templo que unisse os crentes; alimentou esse sonho durante mais de vinte anos. Vanga dizia que o templo não seria construído por ela, nem pelo governo, nem pela fundação com o seu nome, mas pelo próprio povo. Recordemos que quem ia pedir-lhe conselho reparava no mealheiro que estava em cima da mesa. Era lá que ela deitava o dinheiro «para o templo», de modo que a construção foi feita com os seus próprios recursos. «Eu não construo uma igreja, construo um caminho para Deus», gostava ela de repetir.

Finalmente, a 17 de outubro de 1991, começaram as obras do templo. Krassimira Stoyanova conta com que entusiasmo a tia se lançou na realização do sonho mais querido: escolheu pessoalmente o local, participou na colocação da primeira pedra. Mas o fundo Vanga decidiu transferir a construção para outro lugar. Quando a obra ficou concluída, as autoridades eclesiásticas recusaram-se a consagrar o templo e, ao saber disso, das órbitas cegas da vidente correram lágrimas em catadupa. Os moradores locais começaram a ameaçar que destruíam o edifício e então os

clérigos cederam: em 1994 consagraram o altar, onde repousam as relíquias de São Haralampi. A consagração foi feita pelo canónico metropolita de Nevrokop, Natanael.

Interessante é a pergunta: mas por que razão se recusavam a consagrar o templo? A questão é que ele fora construído fora dos cânones cristãos. De facto, a arquitetura do edifício é não tradicional: os arquitetos decidiram que tinham chegado novos tempos em que já não havia lugar para templos medievais. Os responsáveis do fundo afirmavam que se estava a construir «uma igreja europeia universal». O aspeto exterior do edifício causava perplexidade: edifício branco, telhado branco e plano… Nisto, Krassimira vê uma troça à tia, considerando que não era de todo assim que ela imaginava a sua obra. Para pelo menos dar à igreja um aspeto canónico-ortodoxo, os moradores locais trouxeram inúmeras ícones que ainda hoje ornamentam e santificam o espaço interior. O templo recebeu o nome de Santa Petka Búlgara – nome que em russo soa como Paraskeva. Era exatamente assim, como sabemos, que se chamava a mãe de Vanga.

As imagens da vidente e quadros da sua vida ocupam o lugar principal na decoração interior do templo. Muitas pessoas colocaram nisso toda a alma, o talento e o esforço para que o espaço ficasse invulgar e belo. Entre eles o conhecido pintor búlgaro Svetlin Roussev, que trabalhou vários meses no retrato da vidente, o entalhador em madeira Grigor Paunov, o escultor Krum Damyanov, para não falar do numeroso exército de carpinteiros, pedreiros, pintores…

Para muitos turistas e peregrinos, o templo apresenta-se como símbolo de pureza e santidade precisamente por causa da cor branca como a neve. Provoca discordância também o facto de as paredes estarem decoradas com retratos de Vanga; chegam mesmo a circular rumores de que a construção do templo acelerou a morte da profetisa. É que, segundo uma crença que vem da profundidade dos séculos, nem sequer a sombra da pessoa cujos meios financiaram o templo deve cair sobre as suas paredes.

Em suma, as polémicas não cessaram e alguns representantes do clero ainda hoje têm medo de pronunciar o nome de Vanga, pois consideram-na bruxa. Mas o tempo suavizou um pouco as divergências e atualmente a igreja de Santa Petka é um dos locais preferidos dos turistas, nela se realizam casamentos e batizados – exatamente entre dois retratos: o de Vanga e o de Jesus Cristo. Acredita-se que batizar uma criança junto à

imagem de Vanga significa garantir-lhe uma vida feliz. Ela, embora não tivesse filhos próprios, em vida tornou-se madrinha de mais de cinco mil rapazes e raparigas não só da Bulgária, mas também de outros países.

As suas duas casinhas – em Petrich e em Rupite – Vanga deixou-as ao Estado, e o testamento fez-o em nome do doutor Napoleonov, o mais antigo ativista social de Petrich. O doutor dispôs dos imóveis e dos bens exatamente como ela queria e recordava repetidas vezes as palavras dela: «A pessoa vem a este mundo pobre e pobre dele parte».

CONCLUSÃO

Tudo o que foi escrito sobre Vanga dá fundamento para afirmar que ela possuía uma força extraordinária. Trata-se, claro, não de força física, mas de força espiritual, do seu dom especial e único graças ao qual ela, cega, via o que às pessoas comuns está oculto por um véu impenetrável. Qual é a natureza desse dom? De que modo conseguia Vanga penetrar sem dificuldade nos recantos mais secretos das almas humanas, adivinhar o passado e o futuro? Infelizmente, ninguém pode dar resposta a esta pergunta.

Os cientistas, a princípio, negavam categoricamente que ela tivesse capacidades extrassensoriais, considerando-a uma charlatã; os clérigos acusavam-na de bruxaria e de servir o anticristo. O primeiro cientista que se interessou seriamente pela natureza do dom clarividente de Vanga foi o professor Georgi Lozanov. Em 1966, no jornal «Pogled», apareceu uma pequena notícia sobre casos de clarividência, e só em 1970 saiu uma publicação séria. Lozanov investigou e sistematizou um grande número de previsões e chegou à conclusão de que cerca de 80% eram exatas.

A própria vidente não gostava que documentassem as suas previsões; até ao último período da sua vida ninguém conseguiu gravar em filme uma conversa com ela, pelo que não é possível apresentar estatísticas mais precisas. Fica apenas uma coisa clara: nem os invejosos, nem os burocratas empedernidos, nem os clérigos, nem as autoridades comunistas fanáticas – ninguém conseguiu caluniar nem denegrir a clarividente. Em resumo, aconteceu como no provérbio «os cães ladram, a caravana passa». As numerosas tentativas de desmascarar a «fraudulenta», a «aventureira», a «espia» esbarraram em milhares e milhares de previsões que se cumpriram.

Para terminar, recordemos alguns dos conselhos da grande e, provavelmente, mais sábia mulher do nosso planeta.

– Tratem com cuidado as plantas da vossa terra, pois elas são o vosso primeiro medicamento.

– No verão, andem o mais possível descalços sobre a terra, vocês e as crianças: assim se estabelece a ligação com a terra.

– O melhor meio de tirar o cansaço e livrar-se de maus pensamentos é a água. À noite, lavem sempre os pés e, ainda melhor, tomem duche. Não se lavem com água muito quente.

– Não se afastem dos ritmos naturais. À noite durmam, de dia trabalhem. Deitem-se o mais tardar às dez da noite, levantem-se às cinco ou seis da manhã.

– Introduzam na vossa alimentação, pelo menos duas ou três vezes por semana, chá de frutos silvestres e plantas.

– Não se esqueçam de, de vez em quando, comer trigo cozido, bebendo depois água pura: isso ajudará a manter a força vital.

– Não se entusiasmem com adubos químicos. Deixem a terra respirar, não a envenenem com química.

– Mexam-se mais, trabalhem mais. A vida ociosa destrói tanto a alma como o corpo.

– O melhor remédio contra as doenças para todos é amarmo-nos uns aos outros, sermos bons e justos.

F I M